

A escolha do amor

Denise Lynn

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A escolha do amor

Serie Falcon - 03

Denise Lynn

Ah...! O primeiro amor, este romance é uma linda história.

Um nobre cavaleiro em uma arriscada missão!

Sob ordens do rei, Darius de Faucon deve cumprir uma difícil missão: enfrentar os perigos do reino para proteger a viúva de Thornson Keep até que lhe seja encontrado um novo marido.

Uma tarefa simples para um guerreiro corajoso... Até ele descobrir que a viúva é a jovem Marguerite, seu amor de infância... Agora, Lady Thornson!

Marguerite foi forçada a se casar com um homem que não amava, mas jamais se esqueceu dos momentos de paixão que compartilhara com Darius, tampouco do presente que ele lhe dera sem saber... Por isso, é seu dever afastar-se de Darius antes que ele descubra toda a verdade!

PRÓLOGO

Falcongate, Normandia
Final da primavera, 1142

Um pequeno braseiro iluminava a cabana de caça. Eles mesmos forneceriam o próprio calor ao diminuto cômodo.

Ele se acomodou entre as cobertas da cama estreita, então a puxou para perto. Ela não ofereceu resistência, pressionando o próprio corpo contra o dele.

A cabeça dela encontrou apoio em seu ombro, a respiração trêmula resvalando quente em seu peito. Alguns cachos de cabelo, tão brilhantes quanto o sol de verão, faziam cócegas em seu pescoço.

A pele dela era suave e macia. Ele acariciou os braços desnudos, deleitando-se por saber que ela lhe pertencia. Ela estremecia a seu toque, e aquele nervosismo o fazia sentir-se audaz e protetor ao mesmo tempo.

Censurou-se, prometendo a si mesmo que cuidaria dela. Não tinha acabado de jurar protegê-la, honrá-la e amá-la para sempre?

Nesta noite, aprenderiam juntos sobre a paixão e o desejo. Através do amor, iriam se unir pelos votos que haviam feito.

— Um Faucon deveria saber que é perigoso baixar a guarda.

Darius de Faucon acordou do sonho. Tinha dormido enquanto pescava, por isso não ouvira o homem se aproximando. Sua primeira reação foi pegar a arma ao seu lado. Mas a ponta de uma espada em sua garganta fez com que continuasse quieto contra a árvore na qual estava encostado.

Piscando os olhos contra o sol forte, contou oito lâminas apontadas para seu peito. Olhou para a árvore ao lado e viu Sir Osbert na mesma situação. Darius sentiu certo alívio por saber que o velho capitão de sua guarda não estava ferido.

Mas pelo arquear das sobrancelhas quase brancas, Darius duvidava que Sir Osbert compartilhasse da mesma sensação. Uma

coisa era certa: se esses homens os quisessem mortos, já estariam no além.

Darius olhou para o homem agachado a seu lado.

— Quem são? O que querem?

O homem se levantou, guardando a espada na bainha.

— O rei Stephen e a rainha Maud desejam um favor.

Embora Darius estivesse agradecido por ter sido arrancado de um sonho que o assombrava todas as noites há quase seis anos, perguntou:

— Eles não poderiam ter simplesmente enviado uma missiva? — Eles o fizeram. Ninguém respondeu.

Era óbvio que a carta fora enviada a Faucon Keep. Já fazia duas semanas que deixara os domínios do irmão. Decidira fixar residência na pequena e isolada Falcongate. Situada ao longo de um rio sinuoso, a propriedade servia bem às suas necessidades naquele momento.

— O conde de Faucon casou-se recentemente e ainda não voltou para casa. O rei sabe disso.

— Sim, e seu outro irmão está ocupado com outros deveres. E por isso que a rainha nos enviou diretamente a você. Ela imaginou que estivesse aqui, não na fortaleza.

— E imaginou certo. — Darius se levantou, amaldiçoando a rainha por se lembrar daquela propriedade. — O que eles desejam?

— Uma permuta. O divertimento na voz do homem fez Darius parar.

— Que tipo de permuta?— Um favor em troca de sua vida.

— O quê? O homem deu de ombros.

— Parece que existem provas de sua ligação com a imperatriz Matilda.

A possível repercussão daquela afirmação fez o coração de Darius quase parar de bater.

— Quem fez uma acusação dessas? O sorriso do homem se alargou.

— A rainha Maud.

Darius cerrou os dentes para não gritar. Aquela falsa acusação não passava de um jogo. Um jogo criado pelo rei e pela rainha para

garantir sua imediata cooperação.

Um jogo que não lhe oferecia escolha senão participar.

— E que... favor exigiria do rei e da rainha medidas tão extremas para ganhar meu auxílio? O homem anuiu com a cabeça.

— Ótimo. Parece que entendeu a importância desse pedido. — Ele esperou que Darius se juntasse ao capitão.

— É uma tarefa simples.

Sir Osbert bufou. Darius compartilhava de sua opinião. Simples provavelmente traduziria uma missão que envolveria muito ouro, homens e riscos.

— Defina essa simples tarefa.— Lorde Thornson faleceu. Deixou uma viúva.

Uma viúva que provavelmente precisa de um novo marido. Darius engoliu em seco.

— O que eles querem que eu faça?— Você deve tomar e ocupar Thornson Keep até que o rei e a rainha encontrem um homem apropriado para ser marido da dama e mestre da fortaleza.

Darius suspirou aliviado ao saber que ele não era esse homem. Então lembrou que Thornson Keep ficava perto da fronteira com a Escócia.

Além de ficar semanas afastado de Falcongate, estaria quase no território do inimigo.

— Uma tarefa bem simples, sem dúvida. A risadinha perversa do homem precedeu um aviso.

— Ainda há mais?

Claro que haveria mais. Darius fechou brevemente os olhos e meneou a cabeça. — Isso não me surpreende.

Capítulo Um

Thornson Keep, costa noroeste da Inglaterra
Início do verão, 1142

Matar era algo que não o agradava muito, mas Darius de Faucon estava certo de que seria melhor entrar em batalha do que simplesmente rastrear contrabandistas para o rei. Ao menos estaria montado em um valoroso corcel, não deitado de barriga no lodo frio à beira de um penhasco.

Para evitar que o punho da espada continuasse a afundar em sua carne, ele mudou de posição. Depois de duas noites assim, nada ajudava muito. Considerando a frieza do chão, a rigidez da cota de malha e a umidade da noite, duvidava de que seria capaz de sentir-se confortável e aquecido novamente um dia.

Ele observava de cima do penhasco, vendo as tochas tremeluzentes lá embaixo. Os vultos na praia apressavam-se ao encontro dos barcos que alcançavam a costa. Eles descarregaram baús e sacos das quatro pequenas embarcações, carregaram-nos pela praia e desapareceram nos penhascos. Seis homens sómente vigiavam a operação. Os guardas estavam próximos uns dos outros, ao invés de estarem espalhados para garantir a segurança de seu bando. A julgar pela falta de preocupação, Darius duvidava haver outros praia acima.

Darius observou a posição da lua. Toda noite, à mesma hora, homens acendiam tochas na praia para guiar os barcos até aqueles que aguardavam para descarregar a carga. Os temores do rei Stephen eram válidos — existia uma operação de contrabando em Thornson.

E Darius só tinha um mês para desmantelá-la. Não havia por que esperar. Confrontaria os contrabandistas ainda naquela noite. Darius recuou da beirada do penhasco e foi à procura de Sir Osbert. Ao menos uma de suas "simples tarefas" seria cumprida a tempo.

Sir Osbert estava com os homens preparados quando Darius os encontrou, não muito longe da beirada do penhasco. Sem dizer palavra, guiou os soldados encosta abaixo até alcançarem a praia repleta de seixos.

Uma vez lá, mantiveram as costas rentes à parede rochosa enquanto se aproximavam dos contrabandistas. Como Darius suspeitava, os criminosos estavam tão certos de sua segurança que não vigiavam os arredores.

Quando se aproximaram dos contrabandistas, Darius acenou com a cabeça para seus homens, sacou a espada, afastou-se das rochas e bradou: — Pelo rei Stephen!

Os homens debandaram. Os que estavam mais perto das embarcações fugiram rapidamente, levando consigo o resto do carregamento. Os que não fugiram para a boca da caverna largaram a carga, pegaram as armas e correram em direção a Darius e seus homens.

Três dos contrabandistas caíram com os primeiros golpes dos soldados de Darius, os criminosos não eram páreos para guerreiros armados. Os que estavam montando guarda esboçaram uma fraca tentativa de defesa. Quando se tornou óbvio que os homens de Darius eram mais poderosos, um dos criminosos gritou:

— Procurem a senhora!

Ao comando do homem, os contrabandistas restantes e os guardas correram para a caverna. Certo de que o homem que gritara era o líder, Darius apontou para ele e ordenou:

— Tragam-no vivo! Queria reportar o máximo de informações para o rei, inclusive o nome da pessoa por trás daquela operação.

Sir Osbert foi rápido em agarrar o homem e mantê-lo sob a ponta de sua espada.

— Milorde, devo convencê-lo a falar?

Darius notou o brilho malvado nos olhos de Osbert e meneou a cabeça.

— Não, se permanecer vivo poderá nos contar o que sabe.

Nesse instante, o contrabandista capturado gritou:

— Nunca! — Então se lançou de encontro à espada de Osbert.

Pego de surpresa, o capitão não teve chance de afastar a arma antes que o homem transpassasse a si mesmo. Osbert puxou a espada e deixou que o homem caísse no chão.

Darius praguejou, então se ajoelhou ao lado do moribundo.

— Diga a quem serve.

Uma risada gorgolejou dos lábios do homem. Ele meneou a cabeça.

— Não.— Quem é a sua senhora? A imperatriz Matilda? A Lady de Thornson? — Darius franziu a testa. Determinado a conseguir qualquer informação, agarrou o ombro do homem. — Por que não encontrar o criador de coração limpo? Conte-me tudo e cuidarei que seja enterrado com a bênção da Igreja. Matilda ou a Lady de Thornson?

— Sim. — O sussurro do homem era pouco audível.

— Quem? — Darius se inclinou para ouvir melhor a resposta, mas tudo que chegou a seus ouvidos foi o som das águas de encontro à praia. O homem deu seu último suspiro e morreu.

Darius soltou o corpo. O que poderia ter sido o fim de uma tarefa agora se reduzia a nada.

— Milorde, devemos seguir os outros na caverna?

Darius olhou para o mar. A maré logo encontraria as rochas. Qualquer um que estivesse entre o mar e o penhasco seria esmagado. Ele observou o íngreme paredão de pedra. A linha de água bem acima deles era visível sob o luar. A maré logo invadiria aquela rota de fuga. Como conquistar o próprio túmulo sob as águas não era de seu agrado, Darius respondeu:— Não. Não há mais tempo para isso esta noite. — Darius se levantou e apontou para os corpos dos contrabandistas. — Recolha os mortos.

— Por que não deixá-los aqui para que o mar os enterre? — Sir Osbert deu de ombros. — Seria um fim condizente com seus atos.

— Não quero carregar esse peso em minha alma. — Darius encarou o capitão. — Recolha os mortos. Leve todos, menos esse, para a igreja em Thornson.

Uma figura solitária afastou-se da entrada da caverna, procurando a segurança dos inúmeros túneis. Ele franziu os lábios com fúria.

Aqueles forasteiros não sabiam com quem estavam lidando. Punição rápida e mortal seria o prêmio que receberiam por interferir.

Estava cansado de servir aos outros. Era hora de responder apenas ao rei. Ele mesmo cuidaria da morte daqueles forasteiros. Já tinha até cometido um assassinato para chegar onde estava. Nada mais justo que ele mesmo erguesse a espada contra o pescoço deles.

O mar batia contra os penhascos, ecoando feito trovão na campina entre a floresta e Thornson Keep. Numa manhã ensolarada como aquela, o estrondo das águas soava agourento.

Da proteção das árvores, Darius observava a grande fortaleza de pedra.

O rei lhe fornecera os homens, as armas e o ouro necessários para o cumprimento daquela parte de sua missão — tomar e ocupar Thornson Keep. Após estudar o desenho da fortaleza, concluía que tinha força mais que suficiente para a tarefa.

Mas haviam investido inutilmente contra a fortaleza, por diversas vezes, no dia anterior. Darius perdera um dos homens de Faucon quando a escada fora empurrada para longe da muralha, fazendo com que o homem caísse no chão e quebrasse o pescoço. Com sorte, seu irmão, o conde, consideraria as circunstâncias quando recebesse a notícia.

Darius olhou novamente para o pergaminho com as plantas da fortaleza antes de amassá-lo e jogá-lo no chão. Observou Thornson novamente. O lugar parecia inexpugnável.

A idéia de levantar um cerco passou por sua mente — e foi logo esquecida. Os instintos de Darius diziam que seus soldados morreriam de velhice antes que os suprimentos de Thornson minguassem.

Como poderia ocupar a fortaleza se não encontrava uma maneira de tomá-la?

Como o rei não estava ciente daquela situação? Talvez soubesse, mas considerasse desnecessário ter mencionado aquilo.

Sir Osbert juntou-se a ele à margem da clareira.

— Milorde, fez algo para enfiar o rei ou a rainha? — O olhar de Osbert estava fixo em Thornson Keep.

— Além das falsas acusações que carrego, não lembro de mais nada.

— Como esperam que ocupe essa fortaleza? — Osbert voltou-se para Darius. — Precisariamos de mais que o dobro de homens que temos.

— Eu sei. — O capitão estava correto. Trinta homens não conseguiriam abrir uma brecha nas maciças muralhas de pedra. — Acho que devemos tentar uma aproximação direta.

— Aproximação direta?

— Sim. — Darius encarou o capitão, esperando ouvir suas objeções. Osbert estava de olhos arregalados.

— Pretende simplesmente cavalgar até os portões, acusá-los de traição e ordenar que entreguem a fortaleza?

— Não custa tentar. Na verdade, Darius tinha pouca esperança de que sua tática funcionaria. Por mais fácil que fosse desbaratar o contrabando nas terras de Thornson, não seria tão simples fazer acusações à esposa do traidor.

Contudo, tinha a sensação de que alguém em Thornson poderia querer o corpo que um de seus cavalos carregava.

— Mas, milorde...

— Mesmo esquecendo as acusações, sabemos que Thornson morreu meses atrás. — Darius impediu o homem de fazer mais objeções. — A viúva está controlando a fortaleza. Acha que ela aprecia a responsabilidade que isso lhe acarreta?

— Como Osbert não respondesse, Darius continuou: — Se isso não for incentivo suficiente, aposto que alguém desejará reclamar o corpo.

Osbert se acomodou na sela, refletindo sobre a explicação de Darius. Por fim, pareceu convencido. — Sim, vale a pena tentar.

— Fico feliz que tenha concordado. — O capitão não notou o sarcasmo. Darius puxou um pergaminho de uma correia em sua sela. — E se nada disso funcionar, talvez uma ordem do rei ajude a senhora de Thornson a recuperar a razão.

Sir Osbert concordou, então virou o cavalo.— Reunirei alguns homens para nos acompanhar.

— Quatro arqueiros bastarão. — Os arqueiros proporcionariam proteção caso tivesse que se retirar rapidamente. — Levaremos o corpo conosco até os portões.

Osbert e os arqueiros logo se uniram a Darius, que os guiou para fora da floresta. Ele olhou para o sol brilhante na esperança de que os santos estivessem a seu lado naquele dia.

Juntos, eles cruzaram a campina até Thornson.

O vento uivava, açoitando-os com uma força que ameaçava arrancá-los das montarias.

Darius mantinha os olhos na muralha. Embora os soldados de Thornson observassem através das ameias, nenhum mirava flechas. Mesmo assim, Darius não relaxou. As circunstâncias podiam mudar a qualquer instante.

Não que alguém fosse lamentar sua morte.

Por que as lembranças do passado, que só o atormentavam em sonhos, surgiam agora em sua mente? Tinha muitas preocupações no momento. Contrabandistas para aniquilar, uma fortaleza para controlar, e menos de um mês para fazer isso tudo.

Por que sua mente se ocupava com coisas enterradas há tanto tempo?

Não devia ter voltado a Faucon. Devia ter permitido que os rumores de sua morte aumentassem de modo incontestável. Teria sido a coisa mais fácil a fazer.

Mas desde quando escolhia a maneira mais fácil? Eles alcançaram os muros de Thornson. Darius gesticulou para que Sir Osbert erguesse sua bandeira. Era hora de descobrir se o plano teria sucesso ou não.

A brilhante seda verde tremulava sob o forte vento. Será que alguém reconheceria o falcão negro? Será que perceberiam que as garras fechadas eram um símbolo de paz, não de guerra?

Lady Marguerite de Thornson se recostou no parapeito da muralha que circundava a fortaleza, tentando manter a razão.

Já havia perdido Matthew na praia, junto com mais três aldeões. No dia anterior, quatro guardas haviam morrido lutando contra a

tropa que atacava a fortaleza.

Todos sabiam que chegaria o dia em que os soldados do rei Stephen surgiriam em seus portões. Na verdade, estava surpresa por terem demorado tantos meses.

Thornson Keep era forte e rica demais para ser ignorada por muito tempo. A fortaleza era uma verdadeira cidadela, tendo posição estratégica junto à fronteira com a Escócia. Stephen precisaria de todos os homens e ouro que a propriedade pudesse fornecer. Só não sabia que aqueles homens eram leais apenas a Thornson. E que a lealdade de Thornson fora comprada pela imperatriz Matilda.

Se Stephen investigasse os direitos que concedera, logo descobriria que Thornson conquistara muito mais do que recebera. A propriedade não era mais uma construção de madeira, com uma rústica paliçada a proteger seus habitantes.

Graças à imperatriz Matilda e seu tio, o rei David da Escócia, que viviam há apenas dois dias de viagem para o norte, Thornson havia crescido e prosperado vertiginosamente.

Mesmo sem romper abertamente com o rei Stephen, eram leais àqueles que lhes prestavam auxílio. Thornson entrara em um jogo perigoso, mas parecia apreciar a situação.

O Lorde de Thornson tinha idade avançada, por isso ninguém lhe prestava muita atenção. Uma atitude insensata.

Marguerite chegara a Thornson com nada além da ingenuidade própria de uma menina de 15 anos. O lugar mais parecia um quartel para os homens e seus cavalos que uma fortaleza propriamente dita. Agora, pouco mais de seis anos depois, Thornson se tomara uma cidadela construída para manter-se em segurança.

Ela se virou para observar a construção que Henry havia erguido. Duas maciças muralhas rodeavam Thornson. Qualquer inimigo poderia atacá-los pela vida inteira sem conseguir invadir a fortaleza.

Os íngremes penhascos funcionavam como muralha traseira. Ninguém seria capaz de escalar o paredão de rocha escarpada.

— Milady?

Arrancada de seus pensamentos, ela olhou para Sir Everett, capitão da guarda de Thornson. Ele indicou a campina com a cabeça.

— Eles se aproximam.

Marguerite virou-se, assustada. Esperava que fossem atacar com plena força, encontrando a morte certa, mas só via seis homens se aproximando. Seis cavaleiros e mais um cavalo.

Ela quase praguejou. Matthew. Não tinha dúvida quanto ao corpo sobre o lombo do cavalo.

Quantas vezes não implorara para que parassem com as atividades? Tinha avisado que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde.

Sir Everet perguntou:— O que estarão planejando?

Marguerite deu de ombros.

— Você conhece a mente dos homens melhor que eu. — Depois da morte de Thornson, ela não recebera qualquer comunicado do rei Stephen. Concluía que ele enviaria alguém para ser o novo mestre de Thornson assim que possível.

Que carniceiro o rei havia escolhido?

Mesmo que ele tivesse esse direito, Marguerite ficava indignada ao pensar que um dos homens do rei tomaria posse da fortaleza de seu marido.

Mas não podia impedi-lo, assim como também não podia evitar o que o futuro lhe reservava.

Marguerite alisou a saia de seu vestido, sentindo-se frustrada. Concentrou nos homens que se aproximavam. Será que um deles se tomaria o novo mestre de Thornson? Ou apenas ocupariam a fortaleza em nome de Stephen até que um homem mais apropriado fosse encontrado?

Marguerite começou a avaliá-los. Não era difícil perceber quem liderava quem. Era óbvio que o homem alto, de calma aparente, que cavalgava no meio do grupo, era o líder.

Contrariando o que aprendera com seu pai quando criança, tinha descoberto que os mais calmos eram sempre os mais atentos aos detalhes, os mais perigosos.

Marguerite estreitou os olhos. Perigoso ou não, logo descobriria sua fraqueza. Todos tinham ao menos uma, e ela não hesitaria em descobrir a dele.

A movimentação de um dos homens chamou sua atenção. Curiosa, Marguerite observou o brilhante estandarte verde se desdobrando no ar.

Seu coração se alojou na garganta. Tinha se perguntado se sua vida poderia ficar pior. Ali estava a resposta.

De todos os homens que serviam o rei Stephen, por que tinha de ser ele o enviado?

O homem postado no meio daquele grupo era ninguém menos que Darius de Faucon. O estandarte verde, ostentando o falcão negro em repouso, tremulava acima de sua cabeça.

Marguerite não tinha mais a opção de defender a fortaleza. Não queria ser a responsável por qualquer ataque que aquele homem pudesse sofrer. Ergueu a voz para que os homens reunidos nas muralhas pudessem ouvir suas ordens.

— Baixem as armas.

— Milady. — Sir Everett não fez qualquer tentativa de esconder seu desapontamento.

Ela lhe endereçou um olhar que o desafiava a contrariá-la. Ele fez com que os homens baixassem as armas.

Certa de que seria obedecida, ela gesticulou para os homens na torre de entrada. Marguerite ergueu o punho no ar, com o polegar apontado para baixo. Todos em Thornson conheciam o sinal de rendição.

Os murmúrios se espalhavam pelas muralhas. Palavras de descrença e aborrecimento lhe alcançaram os ouvidos. Ela queria se desculpar com cada um dos homens que tinha jurado protegê-la de qualquer mal. Mas não podia. Manteve-se firme, apesar de lamentar ver a bandeira branca sendo erguida lentamente acima de Thornson.

Marguerite levou as mãos ao estômago, tentando dominar os súbitos espasmos. Se alguém descobrisse o segredo que ela e Thornson escondiam com tanto cuidado, todo seu mundo ruiria. Seu

futuro estaria perdido antes de começar. Isso não podia estar acontecendo. Não agora. Não com Faucon.

— Milady? — Sir Everett aproximou-se. — Devemos erguer os portões?

— Não! — Ela quase perdeu o ar com o próprio grito.

Os homens nas muralhas se voltaram para ela diante de ordem tão contraditória. Marguerite alisou o vestido novamente. Precisava ter mais cuidado. Teria muitos problemas se notassem o quanto estava nervosa.

— Não, ainda não. — Ela tentou manter a voz mais firme. — Vamos ver o que querem primeiro.

Ela já sabia o que queriam, seus homens provavelmente também sabiam. Mas ela precisava ganhar tempo para pensar e esse era o único plano que tinha no momento.

Darius e seus homens pararam a pouca distância. O homem ao lado de Darius gritou para a torre:

— Darius de Faucon deseja entrar.

Marguerite mordeu o lábio para conter o sorriso. A voz de Sir Osbert estava um pouco mais rouca, mas ainda demonstrava força — uma habilidade que o ajudara a conquistar seu lugar ao lado de Darius.

Sir Everett perguntou:

— Sob autoridade de quem? Faucon ergueu a missiva.

— Sob a autoridade do rei Stephen. — Com que propósito?

— Ocupar esta fortaleza para o futuro mestre.

— Milady? — Sir Everett olhou para ela em busca de ordens. — Devo permitir que entrem? — Um sorriso perverso lhe iluminou o rosto ao segurar o punho da espada. — Ou devemos mandá-los embora? Ela meneou a cabeça.

— Não, nós já pedimos trégua. Não seria nada bom rechaçar Faucon. — Marguerite falava mais para si mesma do que para o capitão. — Ele poderia descobrir outra maneira de entrar. — Ela franziu a testa, desesperada para encontrar um modo de proteger a si mesma e aos habitantes de Thornson.

Não podia impedir que Faucon e seus homens entrassem, mesmo que quisesse muito fazer isso. Todos então sabiam que ela

escondia algo, e Marguerite não podia permitir que isso acontecesse.

Nem tudo estava perdido ainda. Seu estômago se acalmou e seu coração recuperou o ritmo normal.

— Não, não podemos mandá-los embora. Diga a eles que esperem um pouco.— Tem certeza disso, senhora?— Sir Everett parecia hesitante. — Sabe o que isso significa para Thornson? O que significa para todos nós?

Marguerite estreitou os olhos, recusando-se a admitir que suas ordens fossem ignoradas.

— Isso significa que os homens de Stephen estarão controlando a fortaleza por enquanto. — Ela passou por Everett. — Isso aconteceria cedo ou tarde. Vamos acabar logo com isso. Diga que esperem. Só lhes dê entrada quando eu avisar.

— E como farei para mantê-los nos portões até lá? Ela parou antes de descer a escada até o pátio.

— Não sei. Conversem sobre o tempo. Apenas faça o que eu digo.

Everett balançou a cabeça em concordância, mas os olhos arregalados revelavam que ele duvidava de seu bom senso. Marguerite interrompeu a descida.

— Não vai demorar muito. Quando entrarem, leve-os ao salão. Eu os receberei lá.

Capítulo Dois

Depois de entregar o corpo ao capitão da guarda de Thornson, Darius subiu a escada que levava ao salão principal. A cada passo, desejava ter mantido o elmo e as luvas. Estava mais do que pronto para uma batalha naquele momento. Se a Lady de Thornson estava testando sua paciência, tinha sido bem-sucedida.

Ela sabia muito bem que ele estava ali representando o rei. Mesmo assim, por quase toda a manhã, ele e seus homens ficaram detidos do lado de fora dos muros de Thornson como se fossem mendigos.

O rei tinha razão. Alguém precisava controlar Thornson. Isso era óbvio pela maneira de agir dos soldados. Nenhum guarda em sã consciência teria pensado em conversar sobre o tempo como forma de deter uma tropa de homens do rei

Darius girou a barra de metal e empurrou a porta com força suficiente para que esta batesse na parede. Avançou pela entrada mais do que pronto para colocar a Lady de Thornson em seu devido lugar — mas seu olhar só encontrou criados espantados e uns poucos guardas.

Suas têmporas latejavam. Lívido, Darius crispou a boca para não gritar de fúria. Agarrou o homem mais próximo pela túnica.

— Onde está sua senhora?

O homem ergueu as mãos na vã tentativa de se proteger.

— Não sei, milorde.

— Encontre-a e traga-a aqui. — Ele empurrou o homem para longe e observou, satisfeito, sua ordem ser cumprida.

Os outros criados e guardas abriam caminho enquanto Darius cruzava o salão. Suas esporas retiniam a cada passo.

Darius jogou o elmo e as luvas sobre a mesa antes de sentar. Uma criada se aproximou hesitante, carregando uma bandeja de comida. Outra trouxe um jarro e uma taça. Colocaram tudo sobre a mesa e partiram sem dizer nada.

Em poucos instantes, o salão estava vazio. Isso agradou Darius. Ele mesmo se serviu do vinho e reclinou-se na cadeira para esperar a Lady de Thornson.

Marguerite estava escondida pelas sombras quando se inclinou sobre o parapeito e olhou para Darius.

— Milady, ele parece estar furioso. Marguerite riu, pois sua aia afirmava o óbvio.

— Ah, Bertha, ele não é como Lorde Thornson, que sempre explodia aos berros. Darius de Faucon perdoa com facilidade.

— Conhece este homem? — Sim, de quando éramos crianças.

Bertha olhou sobre o parapeito.

— Perdoe-me, milady, mas ele não se parece mais com uma criança. Você não o vê desde que veio para cá. Não pode ter certeza de como é seu temperamento agora.

Marguerite sabia já ter falado demais.

— Tem razão. Já tem muito tempo. Bertha indicou o salão com a cabeça.

— Não acha melhor se juntar a ele? Por mais prudente que fosse, era algo que Marguerite não gostaria de fazer.

— Marcus já está em segurança? — Sim. Ficará na aldeia até que seja possível levá-lo para o norte. Todos foram informados de seu desejo. Ninguém duvida de seu bom senso quanto ao assunto.

Marguerite sentiu o coração se apertar no peito. Segurou-se ao parapeito para não cair. Oh, Marcus, meu amor, saiba que meu coração estará sempre com você. Não havia nada que pudesse fazer para alterar o que devia ser feito. Mas isso pouco aliviava a dor de enfrentar outra perda em tão curto espaço de tempo.

Depois de alisar a saia de seu vestido verde-escuro, Marguerite rumou para as escadas. Será que Darius se lembraria dela? Guardaria boas lembranças? Marguerite meneou a cabeça. Não importava se ele teria boa vontade com ela ou não. Marguerite tinha uma vida à parte de Darius. Uma vida boa e plena. Uma vida que precisava honrar a qualquer custo.

Marguerite parou no meio da escadaria e fitou Darius.

O rapaz estonteante se transformara em um belo homem. Podia ver, os anos haviam sido generosos, abençoando-o com ombros

largos e braços musculosos. Os cabelos escuros ainda ondulavam desordenadamente em sua cabeça.

— Milorde, perdoe minha demora em recebê-lo. Darius se ergueu, visivelmente zangado e impaciente.

Não, não se lembrava dela. Marguerite então percebeu que fazer parte das memórias de Darius lhe importava muito, mas não sabia o porquê.

O coração de Darius pareceu falhar. Bom Deus! Acorde-me desse sonho. Mesmo imaginando ser impossível, Marguerite estava mais adorável do que nas suas recordações.

Sabia que Marguerite havia casado. Nunca soube com quem e nunca perguntou, pois temia que isso o levasse a cometer algo impulsivo. Os anos haviam modificado o corpo de menina. A julgar pelo volume dos seios e dos quadris, ela era capaz de despertar paixões até em um moribundo.

E ele conhecia bem a paixão escondida sob aquela pele macia. Só lamentava não estar presente para observá-la desabrochar numa mulher tão bela.

Fitou os olhos azuis como o mar, dos quais sentia tanta saudade. Ela retribuiu o olhar. Confiante. Orgulhosa. Nem mesmo um sorriso de boas-vindas no rosto. Marguerite olhava para Darius como se estivesse diante de um estranho.

Darius engoliu em seco. É claro que se lembrava dele.

Como poderia tê-lo esquecido?

Será que Stephen e Maud sabiam de seu antigo relacionamento com a Lady de Thornson? Haviam lhe designado aquela missão intencionalmente? Marguerite se aproximou da mesa e sentou-se na cadeira de espaldar alto. Quando Darius se sentou novamente, ela disse:

— Lorde Faucon, creio que está aqui em nome do rei.

Que tipo de jogo ela estava fazendo agora? Darius entregou as ordens de Stephen.

— Sim, Lady Thornson, estou aqui em missão para o rei.

Marguerite abriu a missiva sobre a mesa. Depois de ler as ordens, enrolou o pergaminho com cuidado e o devolveu a Darius. — Então,

suponho que cuidará de Thornson até que um substituto ao antigo lorde seja encontrado?

— Sim, isso mesmo. — Excelente. — Ela se ergueu.

— Então devo me retirar dos meus aposentos. Deixo tudo em suas mãos capazes.

— Sente-se.

Exceto pelo arregalar dos olhos, Marguerite não deu qualquer sinal de emoção. Darius esperou que ela se acomodasse novamente antes de falar:

— Eu cuidarei da segurança e da defesa de Thornson, mas você continuará supervisionando as tarefas diárias enquanto espera pela chegada de seu novo marido. — De repente, aguardar a chegada de um novo lorde para Thornson lhe causou um gosto amargo na boca.

Marguerite cruzou os braços sobre a mesa.

— Ainda estou de luto por meu primeiro marido. Isso não era realmente verdade, mas Darius ignorou o fato.

— O rei provavelmente imagina que três meses é tempo suficiente para o luto. Os olhos de Marguerite faiscavam.

— Não me importa o que seu rei pensa. — Sua voz se erguia a cada palavra.

— Meu rei? — Seriam os rumores verdadeiros? Será que Thornson era leal à imperatriz Matilda?

— Não jurei lealdade a ninguém. Portanto, ele é seu rei. Não meu.

— Seu marido fez um juramento por vocês dois. Você e os homens de Thornson têm de honrar esse juramento ou serão considerados traidores da Coroa.

— Meus homens não são traidores.

— Perdoe-me, Lady Thornson, mas eles não são seus homens. São súditos do rei Stephen e assim devem agir.

— E se eles não agirem assim? Darius sorriu.

— Morrerão. Marguerite ficou atônita.

— Você não ousaria. Darius se inclinou sobre a mesa.

— Ousarei fazer muito mais se continuar a insistir com esse joguinho, Marguerite.

Ela abriu a boca mais, antes que pudesse dizer qualquer coisa, a porta do salão foi aberta e Sir Osbert surgiu. O praguejar do capitão marcou sua chegada à mesa.

— Milorde, os homens já estão ocupando seus postos. — Ele inclinou a cabeça para Marguerite. — Você parece muito bem, milady. Os anos lhe foram muito gentis.

— Não posso dizer o mesmo de você, Osbert. Está mais velho. Darius virou a cabeça para Marguerite.

— Pensei que não se lembrasse de nós. Ela sorriu.

— Darius, como eu poderia esquecer um amigo de infância?

Amigo de infância? Que maneira estranha de referir-se ao relacionamento que tiveram. Apontando para uma cadeira vazia, Darius convidou Osbert a participar da conversa.

Marguerite encolheu os ombros.

— Por que não recomeçamos do princípio?

—Muito bem. Para tornar essa transferência de poderes mais fácil para todos os envolvidos, forneça os nomes dos contrabandistas que estão operando na praia.

A pele clara de Marguerite ficou ainda mais pálida.

— Não sei do que está falando. Que contrabandistas? Por fim, ela fitou Darius.

— Se existem criminosos desse tipo na região, é seu dever fazer justiça.

Marguerite sempre fora péssima mentirosa. Darius estava feliz por isso não ter mudado. Antigamente, bastava um toque seu para que Marguerite dissesse e fizesse coisas que do contrário não diria ou faria. Será que isso havia mudado? Darius sorriu ao esticar os braços sobre a mesa e tomar as mãos de Marguerite entre as suas.

— Oh, milady, não tema. Eu pretendo fazer justiça.

Ele virou uma das mãos de Marguerite e começou a delinear as linhas da palma. Um tremor correu pelo braço dela.

— Milorde, o que está...Darius interrompeu a pergunta ao depositar um beijo na palma da mão.

— No Oriente, os quiromantes diriam que sua linha da vida está partida. Marguerite ergueu as sobrancelhas, confusa, e inclinou-se para ver a própria palma.

Darius se continha para não sorrir diante do estremeamento de Marguerite. Ainda tinha o poder de balançar-lhe a postura. Isso funcionaria a seu favor.

— E o que isso significa? Darius levou uma das mãos dela à boca. Antes que Marguerite pudesse reagir, trilhou com a ponta da língua a linha entrecortada. Manteve os olhos fixos no rosto dela.

— Significa que teve mais de um marido. — Quando o rosto dela ficou ligeiramente corado, ele acrescentou: — Ao mesmo tempo.

Marguerite tentou sem sucesso soltar a mão.

— Como ousa? Ela se levantou e rumou para a escada.

Então Marguerite pensava que seria assim tão fácil? Que podia simplesmente dar as costas para ele? Não dessa vez. Darius permaneceu sentado, mas disse:— Se você sair sem minha permissão, eu mesmo encontrarei os contrabandistas e os executarei no pátio.

Marguerite parou e se virou.

— Quem é você para me dar permissão para qualquer coisa em minha própria casa? Quem é você para decidir sobre os habitantes de Thornson? Darius se ergueu.

— Quem sou eu? — Ele pegou a missiva do rei. — Caso tenha esquecido, sou seu mestre e senhor no momento. Eu sozinho tenho poder de vida e morte sobre todos em Thornson.

Marguerite se reaproximou da mesa.

— No que você se tornou, Darius? Ele postou as mãos sobre a mesa e se inclinou.

— Minha querida esposa, sou tudo o que você sempre sonhou, tudo o que sempre desejou. — Ele despejou as palavras que ela mesma pronunciara há muito tempo.

— Não sou sua esposa. — Marguerite endireitou o corpo, ergueu o queixo e o encarou. — Espero que se lembre disso. Farei o que me ordena, Faucon, mas não espere nada além disso. É o que veremos. Darius guardou os pensamentos para si mesmo, assentiu com a cabeça e disse:

— Ótimo. Então ordene que vá para seus aposentos e fique por lá.

Marguerite arregalou os olhos, mas não disse nada ao sair do salão. O coração de Darius batia tão acelerado que era como se fosse explodir. Ele se reclinou novamente na cadeira e esfregou as têmporas. Sir Osbert, que permanecera em silêncio durante toda a conversa, pigarreou e perguntou:

— Milorde, permite-me dizer algo? Surpreso, Darius olhou para ele.

— Se está pedindo permissão, deve ser algo interessante. Por favor, diga.

— Não acha que foi um pouco duro? Darius suspirou.

— Ela nos fez de bobos ao pedir trégua e nos deixar esperando. Fingiu não me conhecer e ainda mentiu descaradamente.

— Não acha que ela faz isso para se proteger? Darius meneou a cabeça.

— Osbert, há muitas coisas acontecendo em Thornson, e pretendo descobrir o máximo que puder. Para isso, Marguerite precisa descobrir que não poderá usar o que houve entre nós em seu benefício.

— Entendo. — Osbert coçava a cabeça. — Só não sei se esta é a melhor maneira de resolver o problema.

— E o que sugere? O capitão encolheu os ombros.

— Sugiro seguirmos seu plano para ver onde isso vai terminar. — Ótimo. — Darius se levantou, pegou o elmo e as luvas, então se encaminhou para a porta. — Por enquanto, vamos averiguar essa fortaleza.

Precisava saber quantos homens serviam Thornson no momento. Também seria bom descobrir o tipo e a quantidade de armas disponíveis. Já que a própria fortaleza era muito mais do que aparentava, não podia sequer imaginar que outros detalhes mais teria de relatar ao rei.

Capítulo Três

Ao ouvir o ruído da grande porta de carvalho sendo fechada, Marguerite se esgueirou até a escada para espiar o salão principal. Será que Faucon tinha saído?

Seus ombros se curvaram de alívio ao ver o salão vazio. Ficar em seus aposentos, pois sim! Marguerite seguiu para a recamara nos fundos do salão principal, repassando mentalmente todas as tarefas que exigiam sua atenção naquela tarde. As cozinheiras precisariam saber quantas bocas a mais seriam alimentadas. E precisava saber se todos tinham entendido seu estranho pedido de silêncio quanto a Marcus. Para isso, teria de ir à aldeia. Estando lá, seria um pecado não visitar a irmã de Bertha, que estava prestes a ter seu quinto filho. Então passaria um pouco de tempo com Marcus.

Teria de inventar uma boa desculpa para Darius por não obedecer suas ordens. Marguerite revirou os olhos. Ela era a Lady de Thornson e nada na missiva do rei revogava sua condição. Darius já sabia que ela estava mentindo. Só não sabia que isso era intencional. Se Darius concentrasse seu tempo em saber o que Marguerite fazia, não notaria a atividade de seus homens. Com esse pequeno subterfúgio e um pouco de sorte, ela seria a própria fraqueza de Darius de Faucon.

— Como Faucon conseguiu entrar em Thornson? Sir Everett se encolheu ao ouvir a pergunta.

— Faucon foi enviado por ordem do rei.

Feito uma cobra atacando a presa, o homem firmou os dedos no pescoço de Everett.

— Perguntei como Faucon entrou na fortaleza. Everett engoliu em seco. A garganta se retesava por causa do aperto.

— Lady Thornson pediu trégua e permitiu sua entrada. O homem praguejou em voz alta.

— Ninguém arruinará meus planos. Ninguém. Fique de olho nos dois. Não permita que sua senhora faça qualquer coisa que possa estragar nossos planos, e descubra tudo o que puder sobre Faucon.

As tarefas daquela tarde haviam tomado mais tempo que o esperado. Marguerite precisaria correr para se arrumar antes que a refeição da noite fosse servida. Os criados preparavam as mesas quando ela passou pelo salão a caminho do quarto. Tinha menos tempo do que imaginava. Como usara o emaranhado de túneis para sair e voltar à fortaleza, demorara mais que o normal. Ao menos o dia fora proveitoso. Mesmo em tempos difíceis podia encontrar um pouco de alegria.

Ela e Marcus tinham se aventurado pela floresta procurando milefólios para Bertha. Riram e dançaram como se nada no mundo os ameaçasse. Quando tiveram de se despedir, as lágrimas de tristeza de ambos se misturaram. Não será por muito tempo, meu amor. Não ficaremos separados por muito tempo. Ela preferia morrer a quebrar essa promessa.

Queria que Faucon partisse logo. Precisava que as coisas em Thornson readquirissem certa normalidade. Mesmo que lhe encontrassem novo marido, a presença de um estranho seria preferível à dele. Bertha a encontrou ao pé da escadaria.

— Como está minha irmã? — Ansiosa pela chegada do bebê, Bertha. — Marguerite examinou o salão antes de seguir para o quarto. — Viu Faucon e seus homens? Bertha a acompanhou.

— Os homens dele estão ocupando as muralhas e os portões.

— Os homens dele? E quanto aos guardas de Thornson? — Marguerite estava agradecida por não ter se aproximado dos portões.

— Foram todos dispensados de suas tarefas, milady. Não tenho certeza, mas acho que algo enfureceu Faucon. Darius sem dúvida descobrira seu desaparecimento.

As duas mulheres pararam no topo da escada. Marguerite notou dois guardas de Faucon parados no corredor. Ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada ao passar por eles. Abriu a porta do quarto e estranhou o calor dentro do cômodo.

— Bertha, você... Um ruído fez Marguerite se virar.

Sir Osbert sorria, com uma das mãos cobrindo a boca de Bertha e a outra a segurá-la pelo braço. Ele indicou o quarto com a cabeça antes de levar Bertha consigo.

— Entre e feche a porta.

O coração de Marguerite disparou no peito. Olhando para as escadas, viu dois guardas esperando por ela. Fugir não era uma opção. Depois de respirar fundo, Marguerite entrou e fechou a porta.

Darius estava parado ao lado de um pequeno braseiro — a fonte do calor que sentira. Segurava uma taça.

— Venha, junte-se a mim.

— Juntar-me no quê? — Em nossa ceia. Já que não consegue permanecer em seu quarto, resolvi eu mesmo cuidar disso.

Marguerite conteve uma imprecisão. Aceitou a taça que lhe era oferecida e sentou-se em um banquinho.

— Tenho certeza de que tem outras responsabilidades na fortaleza.

Darius deu de ombros antes de aproximar-se da estreita janela e olhar para o céu, que agora escurecia.

— É óbvio que minha principal responsabilidade é zelar por sua segurança.

— Minha segurança? Não corro perigo em Thornson.

— Não? — Darius se voltou para ela, os olhos cor de mel faiscando. — Hoje cedo você mentiu sobre os contrabandistas, sabendo muito bem que eu perceberia.

Marguerite não podia negar a acusação, portanto, permaneceu calada.

— Como foi capaz de imaginar que isso não despertaria minhas suspeitas? Achou mesmo que eu ignoraria todos os outros? O coração de Marguerite disparou. Ela se agarrou ao banquinho com uma das mãos para não cair.

— Preciso lembrá-la de que tive dois irmãos? Quando garotos, era muito fácil fazer com que um desviasse a atenção de nosso pai para que os outros dois pudessem fazer o que não deviam. Como não suspeitar que os homens de Thornson estivessem fazendo algo indevido?

Maravilha. Não havia se passado nem um dia e Darius já descobrira seu plano. E pelo brilho nos olhos, pela firmeza da postura e pelo tique na bochecha, sabia que Darius estava furioso.

Marguerite precisava admitir que os anos o haviam ensinado a dominar a raiva.

— Sua mentira foi tão despropositada que eu não pude chegar a outra conclusão: você está protegendo seus homens. Agora só preciso descobrir a razão. Marguerite tomou um gole do vinho diluído antes de perguntar:— E o que planeja fazer comigo?

— Quando fiz a ronda pela fortaleza e comecei a juntar as peças, pensei em enforcá-la da torre. Mas concluí que isso desagradaria ao rei.

Darius caminhava na direção dela.

— Depois pensei em arrancar toda a verdade de você. Mas, para minha surpresa, você não estava em seus aposentos.

Marguerite engoliu em seco. Mentir? Não mentir? Darius segurou seu queixo, erguendo-lhe a cabeça. Seu embate mental logo acabou diante do exame atento daqueles olhos. Ela livrou o queixo.

— Tenho responsabilidades também, Faucon.

— Então usou o túnel da cozinha para sair da fortaleza.

Como ele sabia disso?

— Não fique surpresa, Marguerite. Meus homens são muito bons no que fazem. Em poucas horas descobrimos três túneis.

Uma batida na porta interrompeu a discussão. Marguerite se ergueu, mas Darius apontou para o banquinho.

— Eu atendo... você fica aí.

Ela se sentou novamente, enfurecida. Seu erro fora esquecer que Darius de Faucon não era estúpido. Teria que se tornar muito mais esperta que ele. E rápido.

Darius voltou da porta carregando uma bandeja e um jarro.

— Imaginei que estaria com fome depois de um dia tão cheio. — Ele colocou a bandeja sobre um baú.

— Não, não estou com muita fome esta noite. — Na verdade, Marguerite estava faminta, mas já estava cansada da presunção de Darius. — Mas, por favor, sirva-se à vontade.

— É o que pretendo fazer. — Ele cortou um pedaço de pão e o ofereceu a Marguerite. — Você comerá também. Não quero que fique doente.

— Eu disse que não tenho fome. — Seu estômago escolheu aquele momento para roncar. Marguerite suspirou e pegou o pão. — Seria muito fácil aprender a odiá-lo.

Darius esticou o braço e acariciou-lhe o rosto com um dos dedos.

— Sei por experiência própria que isso não é tão fácil como pensa.

Sem querer explicações para o comentário, Marguerite se concentrou na comida. Quando fez menção de pegar uma faquinha de refeição, Darius a apanhou antes. Ele espetou um pedacinho de galinha e levou a carne à boca de Marguerite.

— Sou capaz de me alimentar sozinha, obrigada. — Ela tentou tomar a faca, mas Darius foi mais rápido. Aproximando a carne do rosto, Darius fingia apreciar o aroma.

— Parece realmente apetitoso. — Novamente ofereceu a carne a Marguerite.

Darius tinha razão. O aroma a deixou com água na boca.

Eu prefiro...Darius aproveitou para colocar a iguaria na boca de Marguerite. Ela não sabia que estava faminta até engolir a carne suculenta.

Pelo olhar satisfeito de Darius, sabia que teria de ceder a seus caprichos caso quisesse comer. Já tinham feito isso antes. Alimentar um ao outro costumava ser um hábito apreciado por ambos. Marguerite ergueu a taça vazia.

— Isso é cidra ou vinho? — Será que Darius lembrava que ela não gostava de vinho?

— Cidra, claro. — Ele encheu a taça, tomou um gole e a devolveu a Marguerite.

Seria muito fácil deixar que os anos recuassem no tempo. De um lugar no fundo do coração, quase podia ouvir o gorgolejar de um rio, sentir o cheiro fresco da forragem recém-colhida e apreciar a maciez da relva sob seus pés. Tudo era mais simples então quando o amor era algo novo. Marguerite baniu as lembranças antes que elas se multiplicassem. Aqueles dias estavam fora de seu alcance. Permaneceram em silêncio pelo resto da refeição.

Ao terminarem de comer, Darius perguntou:— Onde estávamos?
— Não lembro.

—Ah, sim, o que farei com você? — Ele franziu a testa, fingindo intensa concentração.

— Já que enforcá-la está fora de questão e qualquer outra forma de punição física seria impensável, só posso pensar em uma coisa.

Marguerite temia ouvir a resposta, mas perguntou mesmo assim.

— O que é? Darius sorriu.

O mesmo sorriso que costumava incendiar-lhe o sangue e deixar suas pernas bambas.

— Ficarei a seu lado o tempo todo.

Não mesmo! Seria impossível cumprir seus deveres e responsabilidades com Darius acompanhando seus passos. Como cuidaria dos carregamentos semanais? Pior, como poderia aproveitar o pouco tempo que tinha com Marcus? Marguerite meneou a cabeça.

— Acho que isso não seria prudente. Darius estava se divertindo com aquilo.

— Não? E por quê?

— Não poderei encontrar meu amado se você estiver sempre por perto. — Isso não era exatamente mentira.

— Ora, ora. Dois maridos e um amante. — Darius caminhava pelo quarto. — Que mulher ocupada.

— Não tenho dois maridos. — Tampouco dissera amante, mas que ele continuasse pensando assim.

— É verdade. Um de seus maridos está morto.

— Meu único marido está morto.

Darius se postou atrás dela. Antes que Marguerite pudesse se virar ou afastar-se, ele apoiou as mãos sobre seus ombros. Marguerite sentiu medo. Um calafrio se espalhava por sua espinha, alcançando seus pés. Os pêlos de sua nuca estavam arrepiados. Mas não era de Faucon que tinha medo. Era de si mesma.

Tinha medo das lembranças que estavam vindo à tona. Medo da paixão que as carícias despudoradas da mão dele reacendiam. Medo de desejar que elas não fossem interrompidas. Os polegares de Darius afagavam sua nuca. Mais de seis anos haviam se passado... E estavam novamente na cabana de caça.

Sem ter forças ou vontade de resistir, ela suspirou. Darius deu uma risadinha antes de fazer com que Marguerite se levantasse.

— Sou seu marido, Marguerite. — Ele chutou o banquinho para longe e tomou-a nos braços, mantendo-a presa contra seu peito. Marguerite se apoiou no corpo dele, tentando manter o equilíbrio.

— Aqueles votos não foram válidos.

Darius esfregou o rosto nos cabelos de Marguerite antes de aproximar os lábios de sua orelha.

— Foram tão válidos quanto os atos em nosso leito de núpcias.

Darius tomou um dos seios, estimulando o mamilo até intumescê-lo, fazendo-a arfar.

— Darius, não faça isso.

Ele a virou nos braços. O beijo dele ainda tinha o poder de fazê-la ansiar por mais.

— Acha que um marido e um amante serão suficientes?

A pergunta foi como um soco no estômago. Marguerite se afastou. No que estava pensando? Colocaria todo seu futuro em risco por causa de um beijo? Darius pegou a taça e engoliu a bebida.

— Diga-me, Marguerite, foi fácil esquecer nosso casamento? Entregou-se a Thornson com a mesma vontade com que se entregou a mim?

— Não seja cruel. Que escolha eu tinha? — Marguerite cruzou o quarto, colocando o máximo de distância entre eles.

— Poderia ter dito não. Nós havíamos feito um juramento.

Marguerite esperava por isso desde o momento em que o reconheceu do alto da muralha, mas o tom implacável a deixava atônita.

— Fiz uma promessa. Mas nem todas as promessas podem ser cumpridas. Os olhos dourados de Darius brilhavam de raiva.

— Eu lembro daquele juramento, Marguerite. Foi muito mais que uma simples promessa. — Ele se aproximou dela. — Você fez um juramento para mim, perante Deus, perante testemunhas. Darius parou diante dela, perto o suficiente para que sua respiração lhe atingisse o rosto.

— Jurou ser para sempre minha fiel esposa.

— Não. — Marguerite o empurrou.

— Não faça isso Darius.

— Fazer o quê? Lembrá-la dos votos que quebrou?

Marguerite fechou os olhos. Mesmo que tivesse aprendido a amar Henry Thornson, os anos não haviam apagado as lembranças que carregava em sua mente, em seu coração. Mas não podia permitir que caprichos de infância destruíssem seu futuro. Precisava fazer Faucon acreditar que aqueles votos não tinham significado nada para ela.

— Éramos crianças, Darius. Crianças impetuosas que agiram por capricho. Foi mais uma tolice infantil que uma promessa verdadeira. Ninguém, nem mesmo o rei ou a Igreja, nos prenderia a esses votos.

— Crianças? Crianças impetuosas? Darius a agarrou pelos braços, apertando-a com força.

— Tolice infantil? Já não tínhamos idade para casar? Já não éramos prometidos um ao outro desde o nascimento?

— Sim, mas não era mais o desejo de meu pai.

— E por que não discutiu com ele?

— Discutir com meu pai? Seja sensato, Darius. Você sabe que seria mais fácil conversar com uma pedra.

— Você se entregou a Thornson por vontade própria? Marguerite pensou antes de responder. Ele não gostaria da resposta.

— A princípio não. Eu só queria você.

— E depois? — Quando admiti que nunca mais estaríamos juntos novamente, tive que escolher que tipo de vida eu queria.

— E você escolheu...— Proteção. Segurança. Carinho e amor. — Se soubesse de toda a verdade, Darius a compreenderia? Incerta, preferiu não arriscar.

— Você amava Thornson? Ela assentiu, então resolveu revidar a pergunta.

— E você? Não gosta de sua esposa? Darius bufou.

— Eu sempre gostei muito de minha esposa. Infelizmente, ela não se importava muito comigo.

Marguerite ficou surpresa por perceber que Darius se referia a ela. Era difícil acreditar que nunca se casara com outra. Darius

rumou para a porta e ordenou:

— Prepare-se para dormir. Voltarei logo.

— Voltar? Por quê? Ele sorriu maliciosamente.

— Eu não estava brincando. Não a deixarei sozinha.

Capítulo Quatro

Bertha estava ao lado de Marguerite no jardim.

— Como está, milady? Marguerite falou baixinho ao admitir: — Depois de dois dias, estou prestes a matá-lo. — Ela arrancou mais alguns matos do canteiro de ervas, jogando-os no montinho ao lado.

— Há algo que eu possa fazer? — Não. Apenas me diga como Marcus está. — Seu coração sentia a separação. Se não suportava dois dias sem o doce sorriso de Marcus, o que faria quando ele estivesse completamente fora de seu alcance?

— Ele está bem, não se preocupe. Mas sente sua falta, claro. — E eu a dele.

— Os homens do rei David estarão aqui para levá-lo para o norte no fim da semana. Marguerite deixou escapar um soluço.

— Mas isso será em três dias. Bertha se inclinou e pôs a mão sobre o ombro da jovem senhora.

— Eu sei, criança, eu sei. Precisa encontrar uma maneira de vê-lo antes disso.

— Como? — Marguerite queria desesperadamente chorar. A vigilância constante de Faucon a impedia de qualquer coisa.

Determinada a fazer seu vergonhoso matrimônio parecer honrado, Marguerite arrancou mais alguns matos do canteiro enquanto refletia sobre a situação. Então teve uma idéia. Quando a aia se ajoelhou perto dela, Marguerite falou às pressas; sabia que Faucon logo se aproximaria.

— Todos os túneis estão sendo vigiados? — Eles acham que sim, milady, mas o do estábulo e o do poço não foram encontrados.

— Ótimo. Sairei pelo estábulo. — A saída a levaria aos penhascos. Não tinha chovido ultimamente, então seria possível escalar o paredão. Arriscado, mas possível. No momento, os riscos não importavam. Veria Marcus ou morreria tentando. Marguerite secou o suor da testa com o braço, aproveitando-se para espiar Faucon. Ele as observava, mas continuava no mesmo lugar.

— Preciso de alguma distração. Mas tem de ser algo grande.

— Nossos homens poderiam atacar os de Faucon. Isso seria distração suficiente?

Marguerite se assustou com aquela sugestão da aia.

— Não.

— Quero algo que demore o suficiente para eu fugir. Não precisamos de uma batalha que termine em mortes.— Ela riu.

— Mais para evitar que Faucon ficasse muito curioso. — O que acha de um pequeno incêndio?

— Os homens podem cuidar disso.

— Tem de ser feito rápido. Quanto mais esperarmos, mais tempo Faucon terá para notar que planejamos alguma coisa. O som de passos a alertou da aproximação de Faucon. Falando baixinho, para que apenas Bertha ouvisse, Marguerite ordenou: — Mande Everett fazer isso agora.

Marguerite sentou sobre os calcanhares e esfregou as mãos, tirando o máximo de terra antes de erguer umas delas para Darius.

— Bem na hora, milorde. Já terminei aqui. Darius a ajudou a levantar antes de fazer o mesmo pela aia. Bertha agradeceu, então se dirigiu a Marguerite:

— Com sua licença, milady? Marguerite assentiu.

— Sim, vá ver sua irmã. Leve meus cumprimentos a ela.

Darius apoiou a mão de Marguerite em seu braço e a conduziu para a fortaleza. Quem os observasse não perceberia que Darius a tinha completamente sob vigia. Não estava protegendo a Lady de Thornson, como todos pensavam. Estava mantendo-a prisioneira. Eles saíram do jardim para o pátio. Marguerite tentava controlar a ansiedade.

— Milorde! Darius parou ao ouvir o grito.

Everett e Osbert corriam em sua direção. Osbert o alcançou primeiro.

— Milorde, há um incêndio na torre do portão principal. Darius soltou o braço de Marguerite.

— Como isso aconteceu? — Ele encarava Everet.

— Não sei, milorde. Só notamos agora.

Marguerite deu um passo para trás, sem nem mesmo olhar, Darius a segurou pelo pulso. Estendendo o braço dela para Osbert, ordenou que a levasse para os aposentos e a vigiasse. Com certa reserva, Osbert segurou Marguerite pela mão. Quando Darius disparou para o portão principal, Marguerite observou o olhar preocupado de Osbert.

— Darius precisa de você, Osbert. Não deixe que nada de mal lhe aconteça. O capitão olhou com seriedade para ela.

— Promete voltar para seus aposentos? Pedindo perdão pela mentira, ela o empurrou pelo ombro.

—Vá depressa. — Deus certamente entenderia seus motivos. Osbert não esperou mais. Quando se afastou, Everett meneou a cabeça.

— Isso foi fácil demais.

— Junte-se a eles antes que notem sua ausência. — Marguerite lhe apontou o dedo. — Escute bem, Everett. Não deixe que nada de mal aconteça a alguém de Faucon ou de Thornson, entendeu?

Everett endureceu as feições, mas assentiu. Enquanto ele corria para o portão principal, Marguerite cruzava o pátio em direção aos estábulos. Darius secou o suor da testa. O incêndio não tinha durado muito, mas o estrago era considerável. Precisariam de dias para reparar a torre. Durante este tempo, designaria mais homens para guardar o portão.

— Como isso teria começado? — Osbert perguntou logo atrás dele. Darius se virou para fitá-lo.

— Onde está Marguerite? — No quarto.

— Tem certeza? Osbert encolheu os ombros.

— Sim. Ela prometeu ir para lá enquanto eu vinha em seu auxílio.

— Esteve aqui o tempo todo?— Sim, milorde.

— E ela ficou sozinha esse tempo todo? Osbert arregalou os olhos.

— Não acha que ela... ela não ousaria. Darius praguejou antes de correr para a fortaleza, Osbert em seu encalço.

— Pegue dois cavalos, por precaução.

Osbert correu para os estábulos enquanto Darius rumava para os aposentos de Marguerite. Chegando lá, Darius abriu a porta. Suas

imprecações atraíram Bertha.

— Milorde? Darius se virou e agarrou a aia pelo braço.

— Não deveria estar com sua irmã?

— Pensei que precisariam de ajuda por causa do incêndio. Darius não acreditou na explicação.

— Onde está sua senhora? Bertha olhou ao redor.

— Não sei, Lorde Faucon. — A aia encolheu os ombros. — Da última vez que a vi, ela estava com o senhor.

Darius agarrou o outro braço e começou a sacudir a aia.

— Diga onde ela está, ou juro que espancarei sua senhora até deixá-la inconsciente. Cansei dessas mentiras e não irei tolerar isso por mais tempo. Os olhos de Bertha se arregalaram.

— Promete não machucá-la se eu ajudar? Darius ficou pasmo. A aia ousava tentar um acordo?

— Só posso prometer que ela continuará viva. Bertha mordeu o lábio, mas por fim aceitou.

— Ela está na aldeia. Não está fazendo nada de errado, milorde.

— Em que lugar da aldeia? — Darius a soltou.

— Deve estar nos arredores do cemitério, perto da floresta. Aquilo parecia estranho.

— O que há de tão importante ali para que ela arrisque a própria vida ao me contrariar? Bertha encolheu os ombros.

— Já que descobrirá por si mesmo, não há problema em dizer. Ela vai lá para se encontrar com Marcus.

Darius se sentiu tomado por uma fúria tão violenta que sua visão e seus pensamentos pareciam turvados por uma névoa vermelha. Rumou para a porta, arrumando o cinto e a espada ao dizer:

— Sua senhora continuará viva, mas o amante dela não. Bertha correu atrás dele, gritando:— Não, Lorde Faucon, você não entendeu. Marcus não...

Sem se deixar deter por nada, Darius marchou para o pátio e montou seu cavalo. Ele e Osbert partiram. Darius cruzou a aldeia, agradecido pelas pessoas que saíam de seu caminho. Com um puxão, fez seu agitado cavalo parar, desembainhou a espada e olhou em direção ao cemitério.

Osbert o alcançou, parando a seu lado.

— Darius. A voz do capitão carregava uma nota de censura. Darius o encarou e esforçou-se em tranquilizar o homem.

— Não irei machucá-la. Mas não posso prometer que deixarei o amante vivo. O capitão tocou de leve o ombro de Darius.

— Não se deixe dominar pelo ciúme.

Uma movimentação na orla da floresta, no lado mais distante do cemitério, chamou a atenção deles. Osbert ficou pasmo. Darius guardou a espada, estalou as rédeas do cavalo e seguiu em direção aos dois vultos, que andavam de mãos dadas. Marguerite se sentou em determinado ponto do cemitério e colocou o menino no colo. Darius sentiu o coração se contorcer de dor diante da óbvia demonstração de amor entre mãe e filho.

Ele e Osbert refrearam os cavalos a pequena distância. Marguerite estava tão concentrada na criança que não os notou. Darius meneou a cabeça.

— Ninguém falou nada sobre o filho de Thornson.

Naquele instante, o menino pulou do colo da mãe, fazendo com que ela se levantasse. Eles dançaram ao redor de algumas cruces antes que Marguerite puxasse o filho para um abraço. O cavalo de Darius relinchou, atraindo a atenção deles. O menino se virou para ver os dois homens.

Osbert praguejou. Darius quase caiu do cavalo, o sangue fugindo de seu cérebro devido ao choque.

Capítulo Cinco

Assustada, Marguerite apertou Marcus nos braços. Darius havia notado sua ausência cedo demais. Mais alguns instantes e teria levado Marcus de volta para Hawise na aldeia. Rodeado pelos seis filhos dela, todos de cabelos negros, o menino estaria seguro e Faucon nunca descobriria nada.

O que ele faria agora?

Quando chegou perto o bastante, Darius fixou a atenção em Marcus. Os olhos dourados encontraram os olhos dourados do menino — filho deles.

Oh, Senhor! Tinha jurado não quebrar a promessa feita a Thornson. Sua vida adulta fora construída sobre uma mentira inventada pelo marido. E ela jamais se opusera. Mas como poderia tê-lo contrariado, se manter a mentira significava segurança e amor?

Os homens pararam os cavalos diante de Marguerite e Marcus. Osbert praguejou novamente. Marcus ergueu a cabeça e olhou para Osbert.

— Sabia que praguejar é pecado?

— É mesmo? — Osbert fingiu-se surpreso. — Obrigado por me alertar, mestre... qual é seu nome? O menino ergueu mais o queixo.

— Marcus. Sou Marcus de Thornson.

Osbert desceu do cavalo. Observou o menino da cabeça aos pés, então um grande sorriso iluminou seu rosto. Ele se agachou, ficando da altura do garoto.

— Bem, mestre Marcus, estou honrado em conhecê-lo.

— Quem é você? — Sou Sir Osbert de Faucon. Quantos anos você tem? O menino exibiu todos os dedos da mão, enquanto olhava para o cavalo de Osbert.

— Esse é seu cavalo? Ele é grande.

— Nem tanto. Aposto que um rapazinho como você conseguiria montá-lo sem problemas.

Marcus se virou nos braços da mãe, fitando-a com os olhos brilhando de animação. Marguerite suplicou:— Osbert, não o machuque. Osbert se ergueu, parecendo ofendido.

— Sabe que eu não faria isso, milady. Ela abraçou o filho com mais força.

— Mamãe? Marcus continuava a fitá-la, o medo substituindo a animação.

Será que voltaria a ver o filho novamente se o deixasse seguir com Osbert? Marguerite meneou a cabeça.

— Não. Não deixarei que tome meu filho.

— Tomar seu filho? — O assombro de Osbert era evidente. Darius desmontou, amarrou as rédeas em uma cruz de madeira e encarou Marguerite.

— Precisamos conversar. Deixe o menino com Osbert. — Como ela não fizesse qualquer movimento para soltar o filho, Darius acrescentou: — Não me faça insistir.

Darius tinha razão. Precisavam, conversar. Marguerite alisou os ondulados cabelos negros do filho antes de soltá-lo completamente. Darius olhou para Marcus, então apontou para Osbert.

— Vá dar um passeio. Sir Osbert acompanhará você.

Marcus disparou para o lado de Osbert, obviamente ansioso para montar o cavalo. O capitão acomodou o menino na sela e caminhou a seu lado, amparando-o pela cintura enquanto segurava as rédeas com firmeza.

Marguerite e Darius se fitavam.

—Percebo que querem ficar sozinhos para compartilhar desse momento de total silêncio. Mestre Marcus e eu estaremos ali adiante ensinando alguns truques ao cavalo.

Marguerite secou as lágrimas e virou de costas. Darius se aproximou. Inúmeras perguntas estavam entaladas em sua garganta. Engoliu em seco, tentando decidir o que perguntar primeiro. Marguerite soluçava. Darius apoiou a cabeça dela em seu peito.

— Marguerite, chorar não vai ajudar. Ela controlou os soluços, mas permaneceu nos braços dele, falando contra seu peito.

— Só queria proteger meu filho.

— Seu filho?

Tenho certeza de que não o concebeu sozinha. Ninguém contestaria quem é o pai.

— Thornson é o pai.

— Por que mentir? Thornson está morto. E o menino é um Faucon de ponta a ponta. Marguerite ficou tensa.

— Ele é filho de Thornson. — Sua voz se erguia a cada palavra. — Ele é Marcus de Thornson.

— Calma, Marguerite. — Darius lhe afagava as costas, tentando acalmar a aparente histeria.

Por mais estranho que parecesse, embora devesse estar zangado, a maior preocupação de Darius era não deixá-la amedrontada. Pousou o queixo sobre a cabeça de Marguerite enquanto a acalentava.

— Por que queria escondê-lo?— Eu prometi a Henry que cuidaria da segurança do nosso filho.

— Ele estava a salvo em Thornson, não estava?

— Até você aparecer, sim.

— Marguerite, o que pensou que eu faria? Achou que eu seria capaz de machucar uma criança? Ela meneou a cabeça.

— Então por que escondê-lo?

— Eu estava com medo... Pensei que... — Ela respirou fundo.

— Pensei que se vissem você e Marcus juntos, pensariam que... Marguerite fez uma pausa e então escondeu ainda mais o rosto. — Descobririam que ele é seu.

Darius fechou os olhos. A dor por trás das palavras dela feriram seu coração.

— E isso seria assim tão ruim, Marguerite?— Eu prometi a Henry que ninguém saberia da verdade.

— Então, ele sabia?— Claro que sabia. Eu não era mais virgem. Já estava carregando seu filho.

— Desde nossa noite de núpcias.

— Sim. Henry resguardou minha honra.

—E em troca ganhou o filho que não seria capaz de conceber. Meu filho.

— Marguerite o empurrou.

— Não é como se Henry o tivesse roubado de você.

— Não. Ele não poderia roubar algo que eu nem sabia possuir. Thornson foi muito astucioso.

— Astucioso? Fala como se ele tivesse maquinado tudo em proveito próprio.

— Por favor, Marguerite. Não se faça de tola. O povo de Thornson não passou a ver seu velho marido sob nova perspectiva quando souberam da gravidez? Não sussurravam sobre sua renovada virilidade? Sobre a vitalidade recuperada com a jovem esposa?

Marguerite desviou os olhos, visivelmente embaraçada.

— Vê como eu tenho razão? Acha que isso não o deixou orgulhoso feito um pavão?

— Todo homem experimenta a mesma coisa nessa situação?

— Eu não saberia dizer, não é mesmo?

Marguerite revirou os olhos, meneando a cabeça.

— Diga-me, Darius, não se sente nem um pouquinho orgulhoso no momento?

De todas as emoções que corriam por seu coração, o orgulho não estava entre elas.

— Orgulho? Não. Talvez um pouco de raiva. Uma sensação de perda, com certeza.

— Perda? — Ela se virou e começou a caminhar entre as cruzes.

— Um Faucon nunca compreenderia o que é ser privado de algo.

A dor no peito de Darius cresceu. A raiva aumentou.

— Por que acha isso? Por causa do tamanho e da riqueza de nossas terras? Não se esqueça que tudo pertence ao conde, não a mim.

— Como se Rhys fosse abandonar um dos irmãos.

— Rhys não era o conde seis anos atrás.

Darius engoliu o fel que sentia na garganta.

— Não tinha poder de decisão sobre ninguém na família.

— Seu pai era um bom homem. Nunca deixaria os filhos passarem por privações.

— Sob circunstâncias normais, talvez. Mas quando enfurecido, sua raiva desconhecia limites.

Darius ouviu a risada de Marguerite.

— Duvido que algo pudesse enfurecê-lo fora dos campos de batalha — ela disse.

— Só o casamento secreto de seu filho com a filha de um traidor. Marguerite ficou petrificada. Por fim, virou-se para ele.

— Traidor? Está se referindo ao meu pai?

— Sabe que sim. Não foi por isso que ele ficou tão furioso com nosso casamento?

— Não. Ele já tinha me prometido em casamento a Henry.

— Ah, sim. É natural que um leal partidário da imperatriz Matilda case a filha com alguém de sua laia.

— Está chamando Thornson de traidor também? Darius riu da pergunta e do ar ultrajado no rosto de Marguerite, que ergueu as mãos no ar.

— Poderíamos discutir sobre isso o dia inteiro. E o que mudaria?

— ela retrucou.— Nada. Nada mudaria. No fim, eu não recuperaria meu lar, meu nome, nem os cinco primeiros anos da vida de meu filho.

Marguerite parecia completamente confusa.

— Não entendo. Como poderia ter perdido o lar e o nome? — Simples. — Não era nada simples. Na verdade, fora o pior dia de sua vida. — Meu pai me expulsou da fortaleza e riscou meu nome de todos os registros.

— O quê? — ela exclamou chocada.— Você ouviu.

—Os homens de seu pai me levaram daquela cabana, me prenderam nu em um poste, feito uma caça abatida, e jogaram-me aos pés de meu pai no meio do pátio de Faucon. Os guardas se divertiram muito, mas não posso dizer o mesmo do conde.

— Oh, eu não sabia. — Marguerite deu um passo em direção a ele. — Como puderam fazer isso?

— Como eu estava desarmado e sem roupas no momento em que nos encontraram, não tiveram muitos problemas. Marguerite corou. Dando mais um passo, tocou o braço de Darius.

— Darius, eu imploro, não tire o nome de meu filho. O que ela esperava que ele fizesse?

— Não posso permitir que ele cresça como um traidor da Coroa.
— É apenas uma criança.

— Sim. Cercada por partidários de Matilda. Onde servirá como pajem e escudeiro, Marguerite? Onde aprenderá a ser homem? Na corte do rei David? Quem lhe ensinará sobre honra e lealdade? Um dos barões de Matilda?

— Que importância isso tem para você? — Ele é meu filho. Isso importa muito para mim. Diga, que planos fizeram para o futuro dele?

Marguerite virou a cabeça e sussurrou:

— Ele irá para o norte. Darius a agarrou pelos braços.

— Só por cima do meu cadáver.

— Isso não é assunto seu. — Marguerite queria gritar, tentando se livrar das mãos dele.

— Se eu quiser, posso interferir em qualquer coisa. Não...

— Lady Marguerite! — O chamado interrompeu Darius. Hawise e o marido John se aproximavam.

— Está livre... por enquanto. — O tom e o olhar de Darius deixavam claro que a conversa estava longe de terminar.

— Milady, demorou a voltar, ficamos preocupados. Marguerite tocou o braço de Hawise para tranqüilizá-la.

— Estou bem. Lorde Faucon estava conosco. John olhou ao redor.

— Onde está mestre Marcus? — Está com meu capitão. — Darius apontou para as duas figuras a distância.

— Sir Osbert o está ensinando a cavalgar.

— Ah, tenho certeza de que o menino vai gostar, milorde. — A testa de John franziu ao olhar para Darius. O homem fitou a esposa. Hawise franziu os lábios.

— Juro, Lorde Faucon e mestre Marcus poderiam ser parentes. — Em sua maneira sincera, a mulher falou o que lhe vinha à mente.

Darius observou Marguerite ficar pálida. Para desiludir o casal, Darius disse:— Parentes? Se a cor dos cabelos justificasse laços familiares, eu seria pai de todos os seus filhos. Depois de alguns segundos de silêncio, Hawise cutucou o marido com o cotovelo.

— Falando de filhos, os nossos já ficaram sozinhos por muito tempo. Marguerite esperou o casal se distanciar antes de cobrir o rosto com as mãos.

— O que farei agora? Darius pensava a mesma coisa.

Mesmo não entendendo por que Marguerite tinha mentido sobre a paternidade de Marcus, compreendia suas ações mais recentes. Tinha agido bem ao esconder o garoto para que não fossem vistos lado a lado. Só um imbecil não notaria a semelhança.

Passando a mão pelos cabelos, Darius olhou para o céu. Uma solução para aquele dilema pareceu surgir do nada. Casar com ela. Ele sacudiu a cabeça, tentando se livrar daquela insanidade. Mas isso só serviu para fortalecer a idéia. Mas o que o rei faria?

O que seus irmãos diriam? Darius suspirou. Desde quando escolhia o caminho mais fácil? Ele colocou as mãos nos ombros de Marguerite.

— Tenho uma solução. — Qual?

— O olhar esperançoso no rosto de Marguerite lhe deu forças para prosseguir.

— Case comigo. Novamente.

O choque substituiu a esperança nos olhos de Marguerite.

— Casar com você? Faucon, deve estar louco por sugerir uma coisa dessas.

— Talvez. Mas resolveria muitas coisas.

— Como?

Thornson terá um novo mestre. Gostando ou não, você terá de casar novamente. Por que não com o monstro que já conhece? Marguerite não acreditava no que ouvia. Havia incontáveis razões para preferir um desconhecido. Razões que preferia não contar a Darius. E também havia o óbvio.

— Como nosso casamento poderia impedir que as pessoas descobrissem a verdade ao verem você e Marcus juntos?

— Simples. Assim que nos casarmos, anunciarei publicamente que Marcus é o único herdeiro de Thornson.

— Faria isso? — Ela não podia imaginar qualquer outro homem capaz dessa atitude.

— Falcongate pode ser uma propriedade pequena, mas é mais que suficiente para mim e um ou dois filhos.

— Incluindo Marcus? Darius lhe tomou as mãos.

— Como nós dois nunca chegaremos a um entendimento, ele decidirá sobre isso quando tiver idade suficiente para compreender.

Não vejo razão para apagar as memórias do homem que ele considera seu pai.

— E quanto a nós? Darius parecia realmente confuso.

— O que quer dizer? Por onde começar?— Darius, eu amei Henry. E uma parte de mim sempre o amará. Ele franziu a boca, mas por fim disse:

— Terei de viver com isso. Pode dizer com certeza que nunca haverá espaço para mim em seu coração novamente? Não restou nada do que existiu entre nós?

Darius parecia tão sério, tão determinado. Nunca a compreenderia.

— Éramos crianças.

O encontro dos lábios foi ardente. Darius a abraçou, pressionando-a contra o peito, oferecendo um local de refugio. Pela primeira vez em meses, Marguerite voltava a se sentir segura.

— Casará comigo, Marguerite?

Marguerite não tinha dúvida de que deveria colocar a segurança do filho nas mãos dele. Mas o que fazer com Thornson? Darius encostou a testa na dela.

— Você hesita demais. O que é mais importante, Marguerite? O bem-estar de seu filho ou o de seus homens?

Será que ele nunca deixaria de ler seus pensamentos?

Quando ela abriu a boca para responder, Darius beijou-a novamente. Uma carícia insistente que fazia Marguerite deixar a precaução de lado. Marguerite sabia que Darius tentava seduzi-la para conseguir a resposta desejada. Mas ela não era mais uma menina de 15 anos, já conhecia as táticas dos homens. Interrompendo o beijo, Marguerite olhou nos olhos dele, lamentando o que estava para fazer.

— Darius, não posso decidir algo tão importante assim de súbito. Ele baixou os braços e afastou-se.

— Precisa decidir logo, senão o rei tomará a decisão de suas mãos.

— Só peço alguns dias. Três dias para pensar no que fazer da minha vida.

Ao ouvir a gargalhada de Marcus, que se aproximava, Marguerite acrescentou:

— Marcus fica na aldeia até lá. Não quero que ele ouça insinuações. Darius concordou com um gesto de cabeça.

— Só isso, Marguerite. Três dias.

Capítulo Seis

Darius se apoiou no muro que cercava o pátio interno. Este era o dia. Não querendo que Marguerite se sentisse forçada a concordar com o casamento, ele a deixara sozinha. Mesmo descobrindo que sentia falta da companhia dela, isso lhe dera tempo para investigar as esquisitices que aconteciam em Thornson. E havia várias delas com o que se ocupar.

A entrada de outro dos homens de Thornson no estábulo chamou sua atenção. Ele não saiu nem pela frente nem pela lateral do prédio. Era o quinto homem que fazia isso em curto espaço de tempo. Darius concentrou-se no passadiço oposto, esperando o sinal de Osbert. O capitão não demorou a surgir andando em direção à torre de vigia. Darius cerrou os punhos ao ver o sinal silencioso — os homens também não tinham saído pelos fundos. Obviamente, ali havia a entrada de um túnel que ainda não fora descoberto.

Tinha deixado de vigiar Marguerite porque imaginava que o segredo que ela tanto escondia era Marcus. Será que havia mais coisas a esconder além do filho?

Darius e Osbert desceram do muro e encontraram-se no pátio. Neste instante, Marguerite deixou a fortaleza em direção ao estábulo. Depois que um rapaz trouxe um cavalo, ela veio até Darius.

— Como vai neste belo dia, milorde?

— Bem, Lady Marguerite. Para onde está indo?

— Para a aldeia. — Ela o encarou como se o desafiasse a impedi-la, então cedeu. — Se me permitir, claro.

— Não a impediria de cuidar de seus deveres. — Ele queria dizer proibir, apenas para irritá-la.

Com a ajuda de Osbert, ela montou e sorriu para Darius, que se aproximou, tocando-a na perna.

— Os três dias se passaram.

Marguerite assentiu, confirmando silenciosamente que lembrava o que era esperado dela neste dia.

— Eu a verei na ceia?

Marguerite se inclinou e acariciou o rosto de Darius com a mão. O leve toque fez com que uma onda de calor dominasse seu corpo.

— Claro que sim. — Marguerite instigou o cavalo com os pés e deixou o pátio.

Darius esperou que ela atravessasse o portão para ordenar a Osbert que a seguisse. Então rumou para os aposentos de Marguerite. Enquanto ela estivesse na aldeia sob a vigilância de Osbert, aproveitaria para descobrir o máximo que pudesse.

— Tem certeza de que sua senhora virá? Sir Everett respondeu:— Sim. Ela não quer que o filho vá sozinho para o norte.

— Não entendo a decisão dela. — O homem nas sombras confiava a barba curta. — Aconteceu alguma coisa para que ela tomasse essa atitude? — Nada que eu saiba, milorde. Ela só me disse ontem que acompanharia Marcus. Não estou em posição de questioná-la. Só cumpro ordens.

— Ah, sim, o obediente Sir Everett. Tenho certeza de que segue todas as ordens dela.

— Eu...O homem ergueu a mão.

— Silêncio, não quero resposta. Cuide para que ela e o menino fiquem escondidos até eu voltar.

— Escondidos? Ora, Lorde Bainbridge, não sei por que teria de me esconder em minhas próprias terras. Os homens se sobressaltaram ao ouvir a voz de Marguerite. Ela sorriu.

— Ah, vejo que os surpreendi. O que discutiam de maneira tão atenta? Sir Everett recuou, deixando que Bainbridge respondesse.

— Milady, as atividades desta noite exigem grande planejamento. — Ele olhou para o menino ao lado de Marguerite. — Este deve ser Lorde Marcus.

— Sim, este é o filho de Thornson. — Ela tentou apresentar Marcus, mas ele se escondeu atrás dela.

Surpresa, Marguerite observou o filho, normalmente sociável. Alguma coisa, talvez seu instinto maternal, a alertava para desconfiar daquele homem. Embora Bainbridge tivesse parentesco

com seu falecido marido, no momento Marguerite detinha o controle. Henry não confiava muito em Bainbridge, por isso ele mesmo supervisionava a parte final da operação.

— O jovem Marcus estará seguro comigo. Não precisa acompanhá-lo.

A voz era macia, o tom condescendente, mas o sorriso não lhe alcançava os olhos. Marguerite sorriu também, como a mulher gentil que ele esperava que fosse.

— Oh, não, milorde, não é que não confie em você. Mas como não visito a corte há muitos anos, imaginei que seria a oportunidade perfeita para rever velhos conhecidos. Marguerite continuava sorrindo. Por fim, ele cedeu e aproximou-se.

— Entendo. Agora que nosso querido Henry não está entre nós, deve sentir falta de um pouco de companhia. — Bainbridge colocou uma das mãos sobre o ombro dela, apertando-o de leve.

— Ficarei honrado em escoltá-la pessoalmente até a corte.

O homem era mesmo um imbecil. Interpretara seu sorriso como um convite para tomar liberdades. Marguerite baixou o ombro para se desvencilhar do toque desagradável.

— Desculpe. — Bainbridge recuou imediatamente. — Não pretendia ofendê-la. Só queria confortá-la, agora que começamos um proveitoso relacionamento.

— Relacionamento? — Marguerite não queria manter relacionamento algum com ele. Já tencionava pedir ao rei David que encarregasse outra pessoa para supervisionar aquela etapa da operação. Ele sorriu e tomou-lhe uma das mãos.

— Só espero ter a chance de nos conhecermos melhor. Poderíamos fazer muito um pelo outro.

— Como o quê? — Marguerite resistia à vontade de puxar a mão. Mas, no momento, precisava da ajuda dele. Mal podia esperar pelo fim da viagem para sair de sua companhia para sempre.

— Bem...—Ele olhou para o chão, fingindo-se embaraçado. — Estou certo que uma mulher tão adorável precisa de um homem forte como marido. Eu ficaria honrado em ser este homem.

Marguerite preferia se jogar dos penhascos, condenar-se à danação eterna, a dividir a cama com Bainbridge.

— Uma vez que foi casada com um guerreiro tão vigoroso — o olhar de Bainbridge se deteve em Marcus por um instante —, deve ter necessidades a serem satisfeitas.

O que ele pretendia sugerir? Marguerite ergueu as sobrancelhas.

— Necessidades?

O sorriso era lascivo. Lentamente, para ter certeza de que ela notaria, Bainbridge passou a ponta da língua pelos lábios. O estômago de Marguerite se embrulhou.

— Lady Marguerite, uma união entre nós geraria riquezas inimagináveis. Mas não se preocupe. Ambiciono mais do que suas terras. — Ele baixou o olhar para os seios de Marguerite. Para seu horror, a mão seguiu o mesmo trajeto. — Devo admitir que a mera sugestão de tê-la em minha cama torna-me audacioso.

Marguerite tentou recuar, mas Marcus continuava agarrado a ela. Bainbridge a segurou pelo pulso.

— Deixe-me. Não aja assim na frente de meu filho.

Bainbridge a prendeu em seu braço, mantendo-a junto ao peito. Por cima do ombro de Marguerite, ordenou a Everett: — Leve o menino para o acampamento. Iremos para lá... em breve. Everett puxou Marcus, que chamou pela mãe, mas teve o choro abafado. Marguerite empurrou Bainbridge.

— Se machucar meu filho, eu o mato. Bainbridge riu.

— Eu não seria estúpido a ponto de permitir que algo acontecesse ao filho de Thornson. O rei David exigiria minha cabeça. Bainbridge aproximou a boca da de Marguerite, sussurrando:

— Mas a mãe é outra história. Marguerite se contorceu nos braços dele. — Solte-me, Bainbridge.

— Fique quieta. Não se faça de virgem assustada. Seria muito inconveniente para você.

Marguerite sentiu medo. Henry sempre o descrevia como um bajulador. Nunca dissera que era perigoso. Marguerite o empurrou novamente.

— Não estou agindo feito uma virgem assustada. Não tenho medo de você. — Rezando para que sua falsa presunção o

trouxesse à razão, Marguerite continuou: — Se deseja unir suas terras às minhas, não é assim que conseguirá.

— Não importa se não aprova meus métodos. Será minha esposa. — Se for o desejo do rei David, que assim seja. Bainbridge deu de ombros.

— Acho que o rei não vê as coisas como eu vejo.

Então ele já tinha falado com o rei. Isso explicava sua atitude. O pedido devia ter sido negado, então resolvera agir por conta própria.

— E acha que a força me convencerá a ver as coisas do seu jeito? — Eu pretendia cortejá-la. Mas como decidiu ir para a corte, você me obrigou a agir assim. Marguerite viu uma brecha que poderia ser aproveitada.

— Por que não veio até mim? Poderíamos ter formulado um plano juntos. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Talvez não seja tarde demais. Bainbridge ergueu a cabeça, estreitando os olhos.

— Por que ficaria do meu lado?— Seria estranho decidir meu próprio futuro ao invés de deixar que o rei Stephen o faça?

— Stephen? O que ele tem com isso? Se o homem não sabia, era realmente o idiota que Henry descrevia.

— Thornson pode ser leal ao rei David e à imperatriz Matilda, mas a fortaleza está nas terras do rei Stephen. Bainbridge a soltou e começou a cofiar a barba.

— É por isso que Faucon está aqui, para controlar Thornson por Stephen.

— É o que ele pensa. Mas como não é o escolhido por Stephen para meu marido, não precisamos nos preocupar com ele.

— Stephen pretende escolher o próximo senhor de Thornson?

— Sim. Não quero casar com um inimigo. — Ela forçou um sorriso. — Entende? Eu também teria vantagens ao me aliar a você. Bainbridge retribuiu o sorriso, que dessa vez lhe iluminava os olhos.

— Lady Thornson, se puder me perdoar, eu gostaria muito de unir nossos planos. Rezando para que ele não notasse o quanto estava trêmula, Marguerite segurou a mão dele.

— Lorde Bainbridge, fico mais do que feliz de trabalharmos juntos.

Capítulo Sete

Darius sentou na beirada da cama em seu quarto, olhando para a carta em suas mãos. Outro homem estaria destruindo a fortaleza, pedra por pedra, de tanta raiva. Mas ele não era um qualquer. Não. Ele era um simples idiota que iria para o túmulo ainda amando aquela mulher. Uma mulher que tinha tanto medo de corresponder ao seu amor que preferia fugir.

A porta de seu quarto foi aberta sem a menor cerimônia. Osbert surgiu afogueado e sem fôlego.

— Milorde, é Lady Marguerite... ela pretende fugir. Darius balançou a carta amassada.

— Eu sei.

Osbert se apoiou no batente, a mão no peito enquanto buscava por ar. — Quase me matei para trazer uma notícia que você já sabia? E ainda está aqui sentado sem fazer nada?

Darius se levantou, jogando a carta na cama. Começou a ajustar o cinto e vestir as luvas e o elmo. Osbert entrou no quarto. Seus olhos mostraram surpresa pelo lixo espalhado no chão.

— Alguma tempestade passou por aqui? Olhando de relance para o baú quebrado e para as taças e pratos estilhaçados, Darius deu de ombros.

— Sim. Felizmente foi menos intensa do que nos aposentos de Lady Marguerite.

Darius tinha ido até o quarto de Marguerite procurando alguma informação, qualquer pista do que Marguerite poderia estar planejando. Encontrara apenas uns rabiscos descartados, endereçados a ele. Depois de ler o que Marguerite tentava explicar, Darius tinha revirado tudo procurando por mais alguma coisa.

Não encontrando nada, correu para o próprio quarto e literalmente arrancou a tampa de seu baú, puxando o estandarte de Faucon lá do fundo. Enrolada na bandeira que Marguerite lhe fizera anos atrás, encontrou a carta definitiva. Darius se encaminhou para a porta. Osbert parou diante dele.

— Não permita que ela faça isso com você novamente. Darius, milorde, isso não compensa um novo tormento.

— Está enganado. Ela é tudo para mim, e você sabe bem disso. Trarei Marguerite e meu filho de volta para cá. Depois de cumprir meus deveres com o rei, eu os levarei para casa.

— E se ela não quiser ir? O que fará? Irá obrigá-la? Não é assim que se conquista o coração de uma mulher. Darius ergueu uma sobrancelha.

— Confie em mim. Ela seguirá o filho para qualquer parte. Osbert piscou, surpreso, mas abriu caminho. Um ruído no quarto de Marguerite atraiu Darius. Bertha limpava a devastação que ele causara.

— Milorde? Milady não está aqui. Posso fazer algo por você?

— Eu sei que ela decidiu fugir. A aia ficou muito vermelha e desviou o olhar.

— Reúna os objetos dela e leve-os para os meus aposentos. Eu a trarei de volta, Bertha... como minha esposa. De agora em diante, você responderá diretamente a mim. O rubor no rosto da aia desapareceu, deixando para trás uma máscara pálida.

— Fui entendido? Ela continuou em silêncio, mas assentiu. — Ótimo. Depois pode ir fazer companhia a sua irmã. Quero ter alguns dias a sós com Marguerite. Bertha baixou a cabeça, as lágrimas caindo dos olhos. Darius atravessou o quarto e segurou-lhe a mão.

— Não se preocupe. Poderá voltar quando o bebê tiver nascido. Não irei machucar sua senhora, mas não posso permitir que Thomson continue da maneira que está.

Certo de que ela havia entendido, Darius passou por Osbert e rumou para o pátio, onde parou apenas para chamar seus homens. Marguerite se levantou do tronco junto ao fogo. Ela e Bainbridge tinham seguido para aquela pequena clareira no seio da floresta e discutido durante a tarde inteira sem chegar a nenhum consenso. O fato de Marguerite não se empenhar nisso ajudava. Ela se recusava a casar antes de chegar à corte do rei David. Bainbridge se recusava a ir para a corte sem ter casado primeiro.

Marguerite olhou ao redor. Onde Marcus estaria? Não tinha visto o filho desde que chegara à clareira. Se não tivesse certeza que

Bainbridge não machucaria o menino, estaria histérica. Marguerite se enveredou por uma trilha meio escondida. De um jeito ou de outro, encontraria Marcus.

Sir Everett estava sentando em um tronco no fim da trilha, onde uma tenda estava armada. Marcus provavelmente estava ali. Everett pulou do assento e segurou Marguerite pelo braço. Logo a soltou quando viu seu olhar gélido.

— Perdão, milady, mas não pode entrar aí.

— Estou procurando meu filho. Ele está aqui?

— Não. — Everett balançou a cabeça rápido demais. — Não está aqui. — Onde ele está?

— Ele... ele está... — Everett fez uma pausa, o rosto tomado por uma máscara de concentração. — Está brincando com as outras crianças.

Marguerite não podia imaginar um mentiroso pior.

— Não há crianças aqui tão longe da aldeia. Everett desviou o olhar. Marguerite aproveitou a oportunidade para olhar dentro da tenda.

— Mamãe! Marcus se jogou em seus braços. Marguerite encarou Everett.

— Pode explicar isso? Ou pretende ficar sem serviço?

— Não, milady, só fiz o que Lorde Bainbridge ordenou. Eu nunca machucaria mestre Marcus.

Isso era verdade. Ninguém em Thornson machucaria seu filho. Mesmo assim, isso não era desculpa para a mentira de Everett.

— Discutiremos isso depois. De agora em diante, Marcus não sairá do meu lado.

— Minha querida, acho que isso não será possível. Bainbridge atravessava a clareira, aproximando-se de Everett.

— Leve o menino para longe daqui e não volte até eu mandar. Everett olhava de Marguerite para Bainbridge, mas fixou o olhar no lorde.

— Para onde devo levar o menino?— Será que tenho de pensar em tudo? Não há nenhuma cabana de caça pelos arredores?

Temendo que o filho ficasse em um lugar que ela desconhecesse, Marguerite sugeriu:— Leve-o para a cabana na baía. Passaremos

por lá a caminho do norte.

Everett assentiu, pegou o menino e deixou o acampamento. Bainbridge a agarrou pelo braço.

— Já me decidi. Iremos nos casar esta noite.

— Você não seria tão vil.

— Acha que não? — Ele a puxou para perto, enojando-a com seu mau hálito. — Deveria reconsiderar, Lady Bainbridge.

— Não me chame assim. Nada me convencerá a casar com você.

O som de uma espada sendo retirada da bainha surpreendeu os dois.

— Por Deus, Marguerite, quantos maridos pretende ter ainda nessa vida?

Capítulo Oito

Bainbridge a soltou tão rápido que Marguerite perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos no chão. No mesmo instante, Darius interpôs o cavalo entre ela e Bainbridge. Darius estendeu a mão para erguê-la do chão.

Sim, ele estava zangado. O rosto parecia ter sido esculpido em pedra. Mas não era a raiva que a preocupava. Era seu silêncio. Por fim, ele mirou Bainbridge.

Sem desviar os olhos dele, Darius disse a Marguerite:

— Marcus está com Osbert na trilha. Ele os escoltará até Thornson. Ficará lá até eu voltar.

Voltando-se para a trilha, Marguerite surpreendeu-se por ver a clareira cercada pelos soldados de Faucon. Sabendo que não precisaria temer pela segurança de Darius, ela prosseguiu. Darius esperou Marguerite se afastar.

Tudo o que mais queria no momento era arrancar a pele de Bainbridge com sua espada. Contudo, todas as informações apontavam Bainbridge como líder dos contrabandistas. Se o homem fosse morto, sem provas Darius não teria nada de concreto para entregar ao rei. Infelizmente, teria de deixar o homem vivo... por enquanto.

— Poderia explicar o que estava fazendo com Lady Thornson? Bainbridge olhou para os homens que cercavam o acampamento.

— Só estava fazendo o que ela pediu. — E o que seria?

— Ela queria ser levada para o norte, até o rei David. Darius se inclinou na sela.

— E onde o casamento se encaixa nisso? Bainbridge recuou, mexendo as mãos nervosamente.

— Em favor à memória de Lorde Thornson, eu queria cuidar da segurança de sua viúva.

Os homens de Darius riram da resposta. Darius ergueu a mão, silenciando-os.

— Pois me pareceu que você estava atacando a dama. Essa é sua idéia de segurança? — Ela pode ser teimosa às vezes, precisa de um homem... forte que a convença do caminho certo.

— E você se acha assim esse homem? — Antes que Bainbridge pudesse responder, Darius ordenou: — Deixe as terras de Thornson.

Bainbridge ergueu os ombros e procurou pela espada pendurada em sua cintura.

— Quem é você para me dar ordens? Darius sorriu, então avançou um passo com o cavalo. Dois de seus homens se posicionaram logo atrás de Bainbridge, encurralando-o. Darius ergueu a espada e a pressionou contra a garganta do oponente.

— Sou Darius de Faucon, sob ordens do rei Stephen para governar Thornson. Ele torceu a espada o suficiente para verter um pouco de sangue.

— Se eu o encontrar novamente, farei muito mais que apenas arranhar sua pele. Está entendendo? Bainbridge assentiu, mas o olhar de raiva prometia que eles voltariam a se encontrar. Um encontro que Darius aguardaria com prazer.

Como Darius afirmara, Marcus e Osbert esperavam por ela. Para alívio de Marguerite, Marcus parecia bem. Empoleirado nas pernas de Osbert, o menino segurava feliz as rédeas do cavalo, tagarelado durante todo o trajeto de volta. Marguerite não pôde evitar um sorriso ao ver que o filho voltara a ser o mesmo de sempre.

— Sir Osbert, deveria ter uma casa cheia de crianças. Sabe lidar bem com elas.

— Não precisa se ocupar com minha vida. Precisa pensar na sua, e com muito cuidado.

Ele falava com gentileza, mas ela compreendeu o aviso.

— Talvez tenha razão. Mas como senhora dessa fortaleza, acho que não tenho muito com o que me preocupar. Osbert bufou, meneando a cabeça.

— Você não estava lá quando ele descobriu a carta.

O coração de Marguerite se apertou. Tivera esperanças de que Darius não a tivesse encontrado.

— Ele estava zangado? — A preocupação fazia com que sua voz não passasse de um sussurro. — Lady Marguerite, ele não permitirá que você continue com seu plano. Ela franziu a testa.

— Tenho muitos planos. De qual deles você fala?

— O menino não irá para o norte.

Marguerite ficou indignada com a certeza no tom de Osbert, que reduziu o passo do cavalo para que ela o alcançasse. Quando ficaram cara a cara, ele sorriu.

— A decisão já foi tomada. Eu a aconselho a fazer o que lhe for dito nos próximos dias. Do contrário, Marcus irá visitar os tios no sul.

— O quê? — Ela ergueu a voz. Marcus ficou assustado com o grito. Marguerite respirou fundo e esticou os braços. — Quero meu filho nesse instante.

Osbert riu e esporeou o cavalo. Marguerite logo correu atrás deles, reduzindo o trote apenas quando concluiu que Osbert nunca teria dito aquilo se não quisesse apenas alertá-la para o que poderia acontecer. Mal pensou nisso, Marguerite ouviu o som de cascos mais atrás. Ela se virou para ver quem se aproximava em passo tão intempestivo.

Darius saiu da floresta e Marguerite fechou os olhos, em prece. Ele parecia um cavaleiro saído do inferno para reclamar sua próxima vítima. Sem reduzir o passo, ele veio na direção dela, arrancando-lhe as rédeas das mãos ao passar. Aos solavancos pelo ritmo da cavalgada, Marguerite teve de se agarrar ao cavalo para não cair.

— Darius, pare. — Para seu espanto, ele refreou o cavalo e parou no meio da campina.

Quando não pôde mais suportar o silêncio, Marguerite perguntou: —Conseguiu cuidar de Bainbridge sem dificuldades? Ele apenas assentiu.

O silêncio se arrastou novamente. Por fim, desesperada, ela gritou:— O que esperava que eu fizesse?

Darius não disse nada, apenas cruzou os braços.

— Você não me deu escolha.

Nenhuma resposta.

— Por Deus, Faucon, não consegue me compreender? — Não, ele não entendia. Como poderia compreender algo que ela mesma não conseguia? Achava ter explicado tudo na carta. Mas era óbvio que não... do contrário ele não estaria ali a dardejá-la com o olhar. Incapaz de escolher palavras para se explicar, ela gritou: — Darius, deixe Thornson. Vá embora daqui e me deixe em paz.

Darius desmontou do animal, dando-lhe um tapa na anca para que voltasse para Thornson. Antes que Marguerite pudesse reagir, Darius a tirou do cavalo e mandou o animal para a fortaleza também. Ele a abraçou, trazendo-lhe a boca de encontro à sua. Marguerite lutou inutilmente. Lágrimas de raiva, frustração e vergonha escorriam por seu rosto. Darius interrompeu o beijo, apoiando os lábios na testa

— Chore o quanto quiser, Marguerite. Isso não mudará nada. Você se casará comigo. Hoje. Não me importa se Henry Thornson viver em seu coração para sempre. Não me importa se me amar lhe causa sensação de culpa.

Não havia dúvida de que ele lera a carta. — Não posso! Não me obrigue a isso!

Darius tomou o rosto de Marguerite entre as mãos obrigando-a a fitá-lo. O olhar dela estava turvo por causa das lágrimas, mas era possível ver a dor no rosto dele. Ela não podia suportar que ele estivesse sofrendo por sua causa.

— Sim, Marguerite, você pode e fará. — Ele lhe enxugou as lágrimas com o polegar. — Irei recuperar o espaço que costumava ser meu. — Ela tentou desviar o olhar, mas ele a impediu.

— Está entendendo? Não me importa que você ainda o ame. Ele não me causa nenhuma ameaça. Está morto. A verdade nas palavras dele a atingia feito uma flecha.

— Como pode ser tão cruel? Darius simplesmente ignorou a pergunta.

— Eu estou aqui. Sou eu quem a defenderá de qualquer mal. Sou eu quem a protegerá de qualquer perigo. E serão os meus braços que a acolherão quando se sentir sozinha. As lágrimas brotaram novamente.

— Por quê? Depois de tudo que lhe fiz, por que faria isso por mim? — Porque você está em meu coração. Meus sentimentos não são frutos de uma tolice infantil. Eu a amo desde o instante em que a vi. Sempre soube que seria minha esposa um dia.

— Darius a abraçou, aconchegando a cabeça dela em seu peito. — Uma vez, muito tempo atrás, você compreendeu que não havia razão para temer dar uma chance ao amor. Estava disposta a apostar tudo por esta chance. Eu não permitirei que você deixe o amor fugir de nossas mãos novamente. Marguerite não queria lhe causar mais dor, mas precisava perguntar:

— E se eu não puder amá-lo novamente? O peito dele tremeu um pouco.

— Não se preocupe, você conseguirá... um dia. — Darius lhe beijou a cabeça. — Mas, por ora, acha que consegue ao menos gostar um pouco de mim?

— Claro

Ele lhe afagou as costas antes de buscar com os lábios os contornos do pescoço. O hálito quente junto à pele sensível fazia com que o desejo começasse a se infiltrar pelo corpo de Marguerite.

— Acha que deitar comigo seria desagradável? Ela sorriu, pressionando-se contra o corpo de Darius.

— Não. — Bem, então é daí que começaremos...

— Darius lhe mordiscou a orelha. O rosto de Marguerite corou. — Ora, que belo tom de vermelho! Marguerite sentiu as faces corarem ainda mais.

— Já me sinto muito boba. Não precisa piorar as coisas.

— Ah, preciso sim. Isso servirá para que pense antes de fazer tolices como essa novamente. Divida comigo seus temores e preocupações. Poderemos lidar com isso. Não se esconda de mim, Marguerite. Não tente fugir. Não há nada que não possamos discutir. Nada. Podemos discordar, mas isso não significa que não podemos conversar.

— Conversar ou esbravejar?

— Que seja. E daí se gritarmos? O mundo acabará por causa disso? — Não seja bobo. Claro que não.

— Deixará de amar Marcus quando ele discordar de você em alguma coisa? — Não. Claro que não.

— É o mesmo comigo. Nunca deixarei de amá-la só porque não concordamos com algo.

Marguerite sabia que essa teoria seria posta à prova com frequência, mas concordou.

— Ótimo, porque tínhamos feito um trato e agora você me deve uma resposta. Marguerite suspirou.

— Isso não é prudente, mas sim, eu aceito casar com você... novamente. Darius ergueu uma das mãos no ar. Antes que pudesse perguntar o que ele estava fazendo, Marguerite ouviu um tropel de cavalos vindo da fortaleza.

Marguerite ficou boquiaberta. Era como se todos em Thornson estivessem vindo na direção deles. Quando conseguiu recuperar a voz, ela perguntou:

— O que é isso? — Nosso casamento, minha querida.

— Você tinha planejado tudo. Como podia ter tanta certeza de que eu aceitaria? Darius a puxou pelo ombro, sorrindo para as pessoas que se aproximavam.

— Mesmo que você não tivesse certeza, Marguerite, eu consegui ouvir as mensagens que seu coração enviava ao meu.

Capítulo Nove

Marguerite alongou o corpo antes de desfazer os laços de seu vestido. Era o fim do dia mais estranho de sua vida.

E agora, encontrava-se com um novo nome e um futuro que jamais sonhara ter. Suas roupas e pertences já tinham sido removidos para o quarto de Darius — agora seu quarto também.

Marguerite estava grata pela mudança. Não suportaria dividir com Darius a cama que ela e Henry haviam ocupado.

Darius logo viria se juntar a ela. Mas no momento, Marguerite apreciava a solidão. O carvão no braseiro fornecia luz suficiente e ajudava a afugentar a frio.

Já nua, Marguerite vestiu o robe debruado em pele e rumou para a estreita janela, pisando descalça sobre as ervas espalhadas pelo chão. Admirou as estrelas brilhando na escuridão da noite.

Lembrava que há muito tempo costumava fazer pedidos às estrelas. Pedidos que nunca se concretizaram.

Apesar de seu pai ter destruído suas esperanças, Henry Thornson fora paciente ao lhe ensinar a acreditar mais uma vez em seus sonhos.

Oh, como sentia falta dele. Mesmo agora não podia apagar as lembranças de Henry. No começo, ele a amedrontava enormemente. Mas o carinho que lhe dedicara fez com que Marguerite percebesse que seu irritável marido era tão inofensivo quanto um cachorrinho.

Marguerite suspirou e secou as lágrimas.

— Oh, Henry, como pôde me deixar assim?

Mas era injusto culpá-lo. Tinha havido uma luta na fronteira e Henry fora flechado por um dos homens do rei Stephen. Morrera no dia seguinte, nos braços dela.

Marguerite se afastou da janela, fugindo de seus pensamentos. Precisava encontrar uma forma de banir Henry de sua mente. No momento, estava cansada demais para pensar. Despindo-se do robe, deitou-se na cama para esperar Darius.

Darius se deteve à porta e esfregou o rosto. Seis anos depois, suas mãos suavam novamente, seu coração palpitava como se aguardasse por uma batalha, suas pernas tremiam.

Em outras circunstâncias, reconheceria esses sinais como covardia, medo do desconhecido. Mas hoje não passava de uma reação às lembranças do que acontecera naquela primeira noite. O fato de o pai dela não estar lá não servia para diminuir seu nervosismo.

Repreendendo-se mentalmente, Darius abriu a porta e entrou. O braseiro iluminava o quarto com sua parca luz.

— Marguerite?

Não recebendo resposta, suspirou de alívio e encaminhou-se para a janela. Milhões de estrelas salpicavam o céu noturno. Não conseguiu resistir à vontade de fazer um pedido a uma delas.

— O que pediu, Darius? Ele se voltou para Marguerite.

— Pensei que estivesse dormindo.

— E estava. — Marguerite sentou, segurando as cobertas sobre o corpo ao se reclinar nos travesseiros.

— O que desejou?

Darius atravessou o quarto, sentando na beira da cama, Afastou uma mecha de cabelos do rosto de Marguerite, a mão demorando-se numa carícia.

— Pedi para encontrar as palavras certas, fazer as coisas certas para tornar esta noite mais fácil para você.

Marguerite fechou os olhos, esfregando o rosto na mão de Darius.

— Acho que você foi atendido.

Ditas num sussurro, aquelas palavras foram um convite para que ele se aproximasse. Darius se inclinou para um beijo singelo, temendo assustá-la.

Marguerite sussurrou contra seus lábios.

— Não estou com medo. — Ela deslizou uma das mãos pelos cabelos dele. — Não vou quebrar, Darius.

Ele apreciou a coragem dela e sorriu ao puxá-la para seu colo. Deitou-se de costas sobre a cama, enquanto Marguerite sentava com as pernas abertas sobre suas coxas, as cobertas sendo descartadas com o movimento.

Percebendo que ela estava nua, Darius gemeu e procurou pela boca de Marguerite. O desejo havia muito adormecido eclodiu. Ela cheirava a lavanda. Tinha o sabor de canela, cravo e vinho, uma combinação mais inebriante que qualquer bebida.

Mesmo que a maciez da pele lhe fosse familiar, as transformações, a fartura dos seios, a curva gentil dos quadris, era agora a muito mais mulher que a menina de suas lembranças.

Darius dominou o gemido impaciente de Marguerite com seus lábios, cessando o beijo para sussurrar:

— Temos todo o tempo do mundo. Não é preciso pressa.

Ela lhe mordiscou a curva do pescoço.

— Você pode não ter pressa, milorde, mas eu estou ardendo de desejo.

Ele riu.

— Ficaria feliz em atendê-la, meu amor, mas parece que ainda estou vestido. Marguerite o despiu da túnica e da camisa.

— Um problema facilmente solucionável.

Ela jogou as roupas no chão e procurou pelos laços da calça. Praguejou quando o movimento desajeitado de seus dedos formou um nó. Darius segurou as mãos dela, quase se engasgando ao conter a risada.

— Espere, deixe-me ajudar.

Os dedos roçaram a junção das pernas de Marguerite, que se paralisou com um suspiro. Um sorriso se formou nos lábios de Darius, e suas mãos afagaram livremente a região úmida e quente.

Marguerite fechou os olhos, o rosto numa mistura de agonia e êxtase. E era êxtase o que ele desejava ver, a ânsia crescente no corpo de Marguerite, enquanto a guiava num rodado de louco delírio.

Queria despertar a paixão nos olhos azuis, ouvir sua respiração entrecortada, sentir o corpo tremer quando encontrasse plena satisfação.

— Darius. — Ela gritou seu nome, as unhas cravadas em suas costas.

Darius baixou a cabeça e lambeu um dos mamilos já rígidos, sem cessar os movimentos de sua mão, até ela cair exausta contra ele.

Marguerite deu um longo suspiro e se ergueu, correspondendo ao sorriso de Darius. Deslizando as unhas pelo peito dele, ficou contente quando Darius estremeceu.

Desta vez, com mais cuidado, Marguerite desfez o nó que lhe segurava a calça, afastando-a com impaciência.

Quando Darius tentou tirar a calça, Marguerite o empurrou contra os travesseiros. Num único movimento, ela o acomodou dentro de seu corpo. Darius a agarrou pelas coxas, incitando-a a acelerar os movimentos enquanto investia o corpo de encontro ao dela.

Marguerite se esfregava em Darius, buscando a própria satisfação, sendo auxiliada pelos movimentos do polegar dele. Jogando a cabeça para trás, Marguerite gritou o nome dele novamente, a voz de Darius se juntando à dela.

Capítulo Dez

Marguerite acordou assustada. Desorientada com o ambiente estranho, demorou um instante para perceber que o braço que a envolvia numa doce carícia não era sonho.

Ficou imóvel, não querendo acordar Darius tão cedo. Mais importante, não queria despertá-lo antes que pudesse clarear seus pensamentos.

O que tinha feito?

Rememorando os eventos da última noite, Marguerite ficou angustiada. Por mais maravilhoso que fosse ter feito amor com Darius, a vergonha dominava os recantos de sua alma. A sensação crescia tão rápido que quase a sufocava em seus sentimentos de culpa e traição. Henry morrera há poucos meses. Que tipo de mulher saía da cama de um homem para a de outro com tanta facilidade?

Darius se apoiou em um dos cotovelos e beijou-lhe a têmpora.

— Dormiu bem?

— Sim. — Será que ele perceberia o que ela sentia no momento? Marguerite rezava para que não. Terminaria louca se Darius continuasse a adivinhar seus pensamentos. Havia muitas coisas que não queria que Darius soubesse. Pelo menos não até ter tempo de mudar a situação em Thornson.

Darius afastou os cabelos do rosto de Marguerite.

— Onde você está?

Marguerite engoliu em seco e se virou, sorrindo ao encontrar os cabelos desgrehados e os olhos sonolentos.

— Você parecia estar bem longe. O que a aflige?

Marguerite deu de ombros.

— Nada de grande importância.

— Duvido. O que é?

— Eu sei que Henry está morto. — Ela olhava para a janela, tentando encontrar palavras para explicar sentimentos que ultrapassavam a lógica. O sol começava a adentrar o quarto,

fazendo com que suas preocupações parecessem mais tolas. — Mas sinto como se eu o tivesse traído.

— Acha que isso vai passar com o tempo?

— Espero que sim — Marguerite suspirou, incerta de poder esquecer sua vida com Henry. — Mas não sei como.

Darius fez com que ela o encarasse.

— Tivemos de selar nossos votos na noite passada. Do contrário, Marguerite, eu nunca teria insistido.

— Bem, minha participação não foi nada relutante, foi? Seu peito se apertou novamente.

— Se não puder vir para meus braços sem lembrar de Henry, prefiro esperar que isso passe.

Marguerite o fitava, espantada.

— Faria isso por mim?

— Claro que sim. Prefiro que nossa cama só seja ocupada por nós dois. Marguerite, sei que um dia conseguirá conter suas recordações. Fico satisfeito em esperar.

— E se eu nunca conseguir tirar Henry da minha cabeça e do meu coração?

— Não é errado ter amado o homem com quem dividiu sua vida, Marguerite. Não estou pedindo para esquecê-lo, apenas que permita minha presença em seu coração também.

Permitir a presença dele. Nada a deixaria mais feliz no momento — permitir que ele preenchesse seus pensamentos dia e noite. Seria capaz disso?

— E se demorar a vida inteira?

Darius acariciava o vale entre os seios, fazendo o corpo de Marguerite estremecer. Quando ela suspirou, Darius sorriu. — Não se preocupe, não demorará a vida inteira. Disso estou certo.

Darius rolou para fora da cama.

— Por mais tentador que seja provocá-la, algumas tarefas nos aguardam.

— Tarefas? Que tarefas?

— Já é hora de uma aproximação entre Marcus e eu. Como o pai que conhecia se foi, ele precisa se acostumar com o pai que lhe sobrou.

Marguerite concordou com a lógica.

— Que assim seja, então.

Darius beijou-lhe a testa antes de começar a vestir as roupas apanhadas no chão.

— Estarei esperando por você lá embaixo... com nosso filho.

Nenhum outro homem teria sido tão carinhoso e compreensivo quanto Darius. Será que ele nunca deixaria de surpreendê-la?

Não fora sempre assim? Marguerite suspirou e permitiu algo que se negava há muito tempo: deixar sua mente vagar por seus dias de juventude. Época em que fugir dos olhos vigilantes de sua aia significava uma tarde inteira ao lado de Darius. Não importava como o dia começasse, ele sempre terminava no mesmo lugar — a cabana de caça. Lá os dois dividiam o que conseguiam roubar da cozinha.

Quando ficavam satisfeitos, sentavam-se um ao lado do outro, de mãos dadas. Às vezes, Darius lhe roubava um beijo. Seus avanços sempre a deixavam arrebatada. Algo que não mudara com o passar dos anos.

Enquanto as lembranças flutuavam por sua mente, Marguerite concluiu que Darius lhe seria um bom marido. Já não tinha concluído o mesmo anos atrás? Por que não brigara com o pai? Quantos anos perdera por causa de sua covardia?

O riso de Henry ecoou em seus ouvidos. Não, seus anos não tinham sido perdidos. Mas agora encontrava uma nova chance de ser feliz.

Marguerite colocou as pernas para fora da cama e levantou-se. As coisas teriam de mudar. Ela mesma cuidaria disso. Estava feliz por Darius já ter cuidado de um de seus problemas, Bainbridge. Com ele fora do caminho, não seria difícil remover a base do contrabando dali.

O rei David e a imperatriz Matilda não ficariam satisfeitos com sua decisão. Mas os barões mudavam de alianças com a mesma frequência das marés. Que diferença faria jurar lealdade a um rei ou outro?

Sua existência sempre fora determinada pelo pai ou pelo marido, não por quem usava a coroa. Mesmo que o pai e Henry tivessem

servido a imperatriz, Marguerite tinha mais com o que se preocupar. A segurança de seu filho era o que mais lhe importava. Darius já tinha declarado Marcus, herdeiro de Henry, como legítimo Lorde de Thornson.

Sem a bênção do rei, isso não passava de um belo discurso feito para tranqüilizá-la. Mas estava funcionando até o momento.

Assim que Marcus e Darius surgiram juntos no pátio, Marguerite ouviu os comentários de alguns dos homens de Thornson. Se qualquer um pensasse em contestar a paternidade de Marcus, a proclamação de Darius o desestimularia. Por isso, devia a Darius muito mais que a honra e a lealdade exigidas por seus votos. Precisava consertar as coisas em Thornson. E sem envolver Darius. Não queria arriscar-lhe a reputação por algo que não era culpa dele. Depois de tudo o que fizera por ela, era o mínimo que podia fazer para compensá-lo.

Darius olhava satisfeito para o campo de treinamento. Depois de tantos anos, recuperava a esposa que jamais esquecera. E ainda ganhava um filho que o deixava muito orgulhoso. Quanto mais conhecia Marcus, mais seu coração se enchia de alegria. Para garantir a segurança de seu casamento e de sua família, enviara uma carta a Faucon explicando o que queria. O rei Stephen poderia interpretar a atitude de casar com a viúva de Thornson como um ato de traição.

Se fosse o caso, Darius queria que Rhys o ajudasse a convencer o rei dos benefícios dessa união. Tinha esperanças de que tudo ficasse bem. No momento, o bem-estar de Marguerite e Marcus era mais importante que a bênção do rei.

Darius sabia que Marguerite demoraria a esquecer sua antiga vida de casada, mas ele não tinha mentido; contentava-se em esperar o tempo que fosse. Mas tinha esperanças de que Thornson deixasse logo de se colocar entre eles. Após meros três dias, tornava-se cada vez mais difícil deitar-se ao lado dela sem dividir nada além do colchão.

Darius concentrou-se nas atividades do campo de treinamento. Se não pensasse em outra coisa que não na esposa, ficaria louco.

Olhando os soldados que treinavam, notou que grande parte dos homens de Thornson estava ausente. Antes disso, eles pareciam revezar turnos, sumindo e reaparecendo de tempos em tempos. Hoje, contudo, mais de uma dúzia desaparecera ao mesmo tempo.

Darius acenou para Osbert e afastou-se. Chegaria logo ao fundo disso, antes que mais carregamentos fossem para o norte.

Após ordenar que Osbert tentasse localizar os homens, deixou seu escudeiro responsável pelo treino, então rumou para a fortaleza.

Precisava fazer Marguerite entender a importância de sua missão ali. Não tinha opção. Era imperativo descobrir como aqueles homens agiam tão livremente. Quantos túneis e cavernas haveria abaixo de Thornson?

Enquanto cruzava a distância entre o pátio e a fortaleza, Darius olhava para a imponente estrutura de Thornson. E se o apreço do antigo lorde por túneis tivesse feito daquela imponente uma mera fachada? Seria uma vergonha que aquela meticulosa construção se transformasse em ruínas.

E seria ainda mais vergonhoso se aqueles vivendo ali morressem debaixo de suas pedras. Talvez fosse melhor enviar Marguerite e Marcus para Falcongate. Ao menos não teria de se preocupar com a segurança deles.

Não encontrando Marguerite na cozinha nem no salão principal, subiu para o quarto. O aposento estava vazio. Darius ficou parado, sem saber onde procurar. Marguerite não tinha dito que sairia naquele dia. Se a irmã de Bertha estivesse dando à luz, ela lhe avisaria antes de ir para a aldeia.

Será que Marguerite resolvera fugir novamente? Não, ela não faria isso agora que estavam casados. E se ela tivesse sofrido algum acidente? Será que nenhum servo ou guarda o viria avisar?

Com o estômago se revirando de preocupação, Darius ouviu o murmúrio de vozes. Curioso, já que não vira ninguém ao subir, abriu a porta. O corredor estava vazio. Então por que ouvia vozes?

Ele seguiu o som até a recâmara ao fundo do quarto. O pequeno cômodo era guarnecido por bancos acolchoados, uma mesa e velas, criando um ambiente calmo, à parte do quarto principal, onde ele e

Marguerite poderiam conversar caso desejassem privacidade. Mas Marguerite também não estava lá.

Darius se encostou à parede de pedra, tentando ouvir a conversa. Mesmo sem entender as palavras, podia identificar uma das pessoas. Não sabia ao certo com quem Marguerite discutia, mas imaginava que fosse Sir Everett.

Irritado, correu as mãos pela parede. A porta para a sala secreta devia estar por ali. Mas ele não encontrou nada que pudesse abrir uma passagem escondida.

Darius abandonou o cômodo. Se a entrada não era em seu quarto, seria no quarto adjacente, no antigo quarto de Marguerite?

Capítulo Onze

Na verdade, a sala secreta não passava de um corredor escondido entre os dois quartos principais.

Henry fora inteligente ao desenhar a entrada. A parede era feita de placas de madeira, arrumadas para que parecessem uma porta normal. Mas qualquer um que tentasse abrir esta porta encontraria apenas uma parede de pedra.

A parede era a própria entrada. No estreito espaço entre a madeira e a pedra havia um trinco que abria a verdadeira passagem para a sala secreta.

— Lady Marguerite, não podemos simplesmente parar de servir ao rei David.

— E por que não?

Enquanto esperava que Everett formulasse uma resposta qualquer, Marguerite esfregou os braços na esperança de se aquecer. O ar frio dali parecia se infiltrar por seus ossos.

Por fim, Everett suspirou e disse:— Milady, somos a principal base de suprimento de armas e ouro para a imperatriz desde que Stephen roubou a coroa.

Ele falava lentamente, como se explicasse algo a uma criança. Marguerite permaneceu quieta, mesmo querendo que Everett se apressasse. Não desejava que ninguém notasse sua ausência.

— Dar as costas sem maiores explicações seria um convite explícito para que o rei David nos atacasse em retaliação.

— Como David ou Matilda esperam que continuemos a ajudá-los agora que Thornson está morto? — Esta seria sua primeira manobra para se livrar daquela confusão. Os olhos de Everett se arregalaram, incrédulos.

— Já não demonstramos nossa intenção em fazer o mesmo? Continuamos a manter os carregamentos depois da morte de Lorde Thornson.

— Sim, mas isso foi antes de meu casamento com um dos homens de Stephen.

Um sorriso cruel surgiu nos lábios de Everett. Um gesto que não lhe parecia nada bom.

— Esse problema pode ser solucionado com facilidade. Marguerite ocultou o próprio medo. Fitou o capitão com severidade.

— Eu não disse que isso era um problema, disse?

— Não, mas... Marguerite ergueu a mão, interrompendo-o.

— Não fará nada para machucar Faucon. — Ela estreitou os olhos.
— Está entendendo?

Everett revidou o olhar — outra indicação de que era hora de substituí-lo. Como Marguerite não recuou, ele assentiu.

— Sim, eu entendi.

— Ótimo. Será avisado apenas dessa vez, Sir Everett. Se algo acontecer a Faucon e seus homens, você sofrerá as conseqüências.

— Não seria culpa minha se ele caísse do penhasco. Marguerite sentiu um calafrio.

— Como disse?

Ele meneou a cabeça.

— Nada.

Marguerite percebeu a ameaça e decidiu cuidar para que Darius fosse cauteloso.

— O carregamento da próxima noite já está pronto. O que faremos? Os barcos já estão a caminho. Seria difícil detê-los antes de chegarem à praia.

Se a caverna não estivesse tão cheia, ordenaria que tudo fosse jogado ao mar. Mas isso seria um passo arriscado. Não queria atrair o exército do rei David para seus portões.

E os barcos só poderiam ser detidos se as fogueiras que serviam de guia não fossem acesas na praia. Neste caso, os barcos arrebentariam nas rochas. Marguerite não queria ser responsável pela morte de ninguém.

Uma idéia se formou em sua mente.

E se enviasse uma carta para o rei David junto com esse último carregamento? Poderia explicar sobre seu casamento e sobre o perigo que ela e o filho correriam caso continuasse a ajudá-los. Satisfeita com a idéia, ela contou seu plano para Everett.

— E Lorde Faucon? Faremos o carregamento debaixo de seu nariz?

Marguerite já tinha pensado em Darius. Sempre havia meios de manter um homem ocupado durante a noite. Precisaria convencê-lo de que a lembrança de Thornson não a importunava mais.

— Eu cuido dele.

— E os soldados dele?

Precisaria da ajuda de Bertha, que já voltara para a fortaleza.

— Não se preocupe. Cuidarei deles também.

— Muito bem. — Concordando ou não, Everett parecia resignado.
— Só espero que saiba o que está fazendo.

Marguerite o observou desaparecer na escuridão do corredor. Quando o som de seus passos cessou, ela abriu a porta para a recâmara de seu quarto.

O painel de pedra fechou com facilidade. Mas as grandes placas de madeira resistiam para voltar ao lugar.

Uma das placas foi empurrada.

— Deixe-me ajudá-la.

O coração de Marguerite saltou no peito. Ela cambaleou contra a porta quando esta foi fechada. Darius a segurou pelo braço para impedi-la de cair, então se apoiou ao lado dela. Não parecia zangado nem surpreso por encontrá-la ali. Na verdade, a julgar pelo brilho nos olhos, ele parecia achar a situação divertida.

A tocha usada por Marguerite tremia em sua mão. Darius a tomou com facilidade, exibindo um sorriso, ignorando sua tentativa de se afastar. Marguerite engoliu em seco. Por que Darius tinha de pegá-la saindo da sala secreta? Ele estava lá fora com os homens no campo de treinamento, o que o atraía de volta?

— Você e Sir Everett já resolveram suas diferenças?

Diferenças? Ele não podia ouvir através da parede, podia?

— Não temos diferenças.

— Por favor, Marguerite, não tente me fazer de idiota. É óbvio que você estava discutindo com alguém. E como Everett não estava no treinamento, logo deduzi que estivesse com você.

Poderia ter sido mais idiota? Como pudera esquecer que a ausência de Everett seria notada?

Antes de responder, Marguerite rezou para obter forças para mentir novamente. Entregaria a própria alma para que ele não descobrisse seus planos.

— Não vejo Sir Everett desde cedo.

Darius bufou. Ao invés de discutir, simplesmente reabriu a porta.

— Mostre como funciona.

Não havia como recuar. Agora que ele sabia da sala secreta, teria que mostrar até onde o corredor levava. Do contrário, Darius sairia explorando tudo sozinho.

Marguerite lhe mostrou como abrir a passagem. Quando Darius passou pela abertura, segurando a tocha, estendeu a mão para ela.

— Você vem?

Ela entrelaçou os dedos aos dele.

— Claro. Não quero que se perca.

— Ou descubra coisas que não devo.

Marguerite tropeçou e quase caiu sobre ele. Darius fingiu que nada tinha acontecido e continuou andando pelo longo corredor.

— Para onde isso leva? — Até o salão principal.

— Interessante.

— Porquê?

— Não é estranho que Thornson tenha incorporado uma entrada que levasse diretamente aos aposentos da esposa?

Marguerite não pôde conter a gargalhada. O olhar de Darius fez com que ela parasse.

— Desculpe. E que eu fiz praticamente a mesma pergunta.

— E a resposta? — Darius não parecia achar a situação engraçada.

— É impossível abrir a porta de pedra sem que o trinco seja liberado. E as barras da porta de madeira estão sempre no lugar.

— Por que não há uma entrada nos aposentos do lorde?

— O quarto maior é reservado para convidados.

Isso explicava por que estava pronto para ser usado quando chegara.

— Prefere voltar para seu antigo quarto?

— Sozinha?

Darius interrompeu a descida para olhar para Marguerite, que tinha a testa franzida.

— Caso se sinta mais confortável no quarto menor, mandarei que levem nossas coisas para lá. O suspiro de alívio de Marguerite fez com que Darius sorrisse. Se ela tinha ficado preocupada com a resposta, era sinal de que os fantasmas entre eles sumiriam mais rápido do que imaginara.

— O quarto que usamos está bom. — Ela sorriu com tristeza. — Eu o prefiro, na verdade.

Darius não tinha considerado quanto seria difícil para ela dormir no mesmo quarto que dividira com Thornson. Mas não comentou seus pensamentos.

— Fico feliz por saber disso. Não importa quanto estivéssemos seguros, eu sempre ficaria em alerta se dormíssemos em um aposento com uma passagem secreta.

Marguerite se esticou para lhe dar um beijo no rosto.

— Darius, prometa que vai ser cuidadoso. Consigo mesmo e com seus homens.

— Nem era necessário pedir, milady. Mas o que a preocupa?

Marguerite deu de ombros.

— Nada. Só me preocupo como qualquer esposa.

Essa devia ser uma das maiores mentiras que já ouvira da boca de Marguerite. Contudo, enquanto não a convencesse a confiar nele, teria de prestar atenção naquela recomendação e alertar seus homens.

Darius retomou a caminhada.

— Onde estamos em relação ao salão?

— Do lado oposto à escada. O corredor nos levará até o canto extremo da parede dos fundos do salão principal.

— Perto do corredor para a cozinha?

— Isso mesmo. A porta é no corredor. Darius revirou os olhos.

— Atrás do armário de roupas de mesa?

Marguerite sorriu.

— Sim. Para ser precisa, o armário é a própria porta.

O armário era mais alto que Darius. Ele olhou para trás, para ter certeza de que Marguerite não lhe pregava uma peça.

— Está falando sério?

Marguerite lhe explicou como funcionava o sistema de rodas embaixo do armário, que permitia que ele deslizesse suavemente. Darius praguejou.

— Milady, espero que esteja gostando do passeio.

Ela suspirou. — Será o último, não é?

— Sim.—Ele iria selar aquela entrada permanentemente.

Após descerem uma escadaria, o corredor se alargava, permitindo que eles andassem lado a lado. Darius se adiantou para abrir a porta.

A gritaria das pessoas que corriam pelo salão os alcançou antes mesmo que a porta fosse completamente aberta. Depois de puxar Marguerite e empurrar o armário de volta para o lugar, Darius apanhou o primeiro criado que viu.

— O que está acontecendo?

— O conde. O conde William está chegando.

Darius cerrou os dentes. Por que York tinha de escolher justo agora para aparecer? Por quê?

Por fim, ele ordenou que Marguerite voltasse para o quarto e correu para o salão principal, praguejando.

Ele e o conde de York não eram os melhores amigos. William o considerava um mero cãozinho atrelado à correia do conde de Faucon. Darius considerava William pouco mais que um convencido grandalhão. O homem controlava mais terras que o próprio rei. E fazia questão de que todos soubessem disso.

Darius cruzou o pátio abarrotado e alcançou os portões. Esperava que Osbert tivesse deixado os homens de prontidão.

Rezava para que a carta enviada a Rhys dias atrás chegasse logo, e que seu irmão em pessoa pudesse vir para Thornson. Não tinha dúvidas de que em questão de dias, ou horas, estaria trancado em uma cela úmida nas masmorras de Thornson. Darius subiu a escada para o passadiço e juntou-se a Osbert.

— Parece que temos companhia. Osbert apontou a campina com a cabeça.

— Sim. E ele trouxe seu exército consigo.

Darius olhou pelas ameias enquanto tateava a roupa para ter certeza de que as ordens do rei estavam à mão. Respirou fundo, tentando se acalmar. Osbert tinha razão; o conde de York trazia cerca de cinquenta homens.

Darius sinalizou para que os homens no portão permitissem a entrada de William.

Não sabia se o homem vinha causar algum mal a Thornson. Era possível que tivesse descoberto que Darius estava ali e decidiu perturbá-lo para aliviar o próprio tédio

Capítulo Doze

Marguerite correu de volta ao quarto usando a passava por onde ela e Darius haviam descido. Qualquer tentativa de abrir caminho entre a multidão de pessoas que se reuniam no salão principal seria inútil. Seria mais fácil ganhar a atenção deles vindo do andar de cima.

Depois de fechar e trancar ambas as portas, parou para recuperar o fôlego. O conde de York não era amigo de Thornson. A breve visita que fizera anos atrás deixara isso evidente. Em vez de juntar-se às celebrações do casamento dela com Henry, o conde quase provocara uma guerra simplesmente porque seu marido não apoiava o rei.

Equiparando as forças de York e de Thornson, a guerra duraria anos. Felizmente, Henry engolira o orgulho e jurara jamais desafiar o rei Stephen abertamente.

Por que, depois de todos esses anos, York decidira fazer uma nova visita? Por que justo agora? Como despachariam o carregamento na noite seguinte? Já seria difícil distrair Darius e seus homens. Como impediria o conde de descobrir o que estava acontecendo em Thornson?

Marguerite alisou a saia e levantou. Não podia ficar sentada ali o dia inteiro. Gostando ou não, precisaria mudar para aquele quarto novamente. Não poderia permitir que o conde descobrisse a sala secreta e saísse à procura de outras.

Preparando-se para deixar o quarto, uma batida ecoou na porta da sala secreta. Marguerite parou. Provavelmente era Everett. Não tinha tempo a perder com os temores do capitão. Ele que esperasse. Tinha de acalmar os servos para que estes retomassem o trabalho.

As pernas de Sir Everett tremiam enquanto ele cruzava a floresta em direção à cabana de caça. Não queria ser o portador desta notícia, mas o assunto era importante demais para ser ignorado.

Parou diante da porta para recobrar o fôlego e reunir coragem.

Por fim, bateu na porta.

— Milorde? Silêncio. Ele bateu na porta com mais força.

— Milorde?

— Pare com esses gritos, Everett.

— Milorde, temos visitantes.

Lorde Bainbridge surgiu na janela, franzindo a testa ao olhar a área ao redor.

— Visitantes?

— Sim, milorde, em Thornson.

Bainbridge apoiou os braços na abertura da janela.

Everett recuou um passo. Se as notícias não fossem bem recebidas, talvez evitasse sofrer algum dano se deixasse uma distância segura entre os dois.

— York. O conde de York está em Thornson.

Então, para espanto de Everett, Lorde Bainbridge apoiou o rosto no braço e começou a rir. Por fim, Bainbridge ergueu a cabeça e limpou as lágrimas do rosto.

— Talvez eu também deva fazer uma visita a Thornson. Seria imperdoável perder essa oportunidade.

Quando William se aproximou, Darius se ajoelhou brevemente em deferência ao homem.

— Ah, o cãozinho de Faucon, Como está?

Darius tentou ignorar o sarcasmo na voz de William.

— Muito bem, milorde. O que o traz a Thornson Keep?

William o imobilizou com o olhar.

— Não me dá as boas-vindas?

Darius lembrava que William gostava de ir direto ao ponto. O desejo de prolongar a tensão do momento só podia significar que algo estava por trás daquela visita inesperada.

Como o conde ainda o encarasse, Darius sorriu.

— Perdão, milorde. Esqueci os bons modos. — Enquanto cruzavam o pátio, ele perguntou: — Como foi a viagem? Espero que não tenha sido atribulada. Está cansado? Gostaria de repousar um pouco?

Já no salão, William estalou os dedos para um de seus homens.
— A carta.

Darius conteve um gemido. Não ficaria surpreso se o conde estivesse trazendo novas ordens do rei. William entregou o documento a Darius.

— Talvez ache isso interessante. Eu achei.

No instante em que Darius viu o selo rompido, soube que sua vida corria perigo. Era a mensagem enviada a Rhys. Ele a tomou das mãos do conde e a guardou dentro da túnica.

— Como conseguiu isso?

Precisava falar com Marguerite. O melhor seria que ela usasse um dos túneis e levasse o filho para longe imediatamente. Se Marguerite alcançasse a aldeia, talvez Osbert pudesse conduzi-la em segurança até Faucon.

William acenou para seus homens, que trouxeram um dos guardas de Faucon. Darius sentiu um nó na garganta.

Osbert entrou no salão. Ao perceber o que acontecia, o sangue sumiu de seu rosto. Darius se perguntava se sua própria expressão registrava o mesmo nível de choque.

— Não tem nada a dizer, Faucon? — A pergunta zombeteira do conde chamou a atenção de Darius novamente.

Ao invés de dizer o que pensava, Darius segurou a língua ao se confortar com a idéia de que o conde capturara apenas um dos mensageiros enviados. Talvez os outros dois tivessem chegado ao destino em segurança.

— O que quer que eu diga, milorde? Não há nada que já não saiba.

William dispensou seus homens e acenou para Osbert.

— Pegue seu arremedo de guarda e desapareça da minha frente.

— Sem esperar mais, o conde foi se sentar na cadeira de espaldar alto colocada à mesa.

Praguejando silenciosamente, Darius respirou fundo e se juntou ao conde.

Um pesado silêncio se abateu sobre eles, ficando ainda mais enervante graças ao olhar insistente de William.

— Darius?

O chamado de Marguerite às suas costas fez com que uma nova emoção eclodisse — o medo.

Darius engoliu em seco, então levantou para cumprimentar a esposa. Se o som da voz de Marguerite não bastasse para deixá-lo trêmulo, a visão da criança ao lado dela o faria. Senhor, proteja meu filho. Olhou para Marguerite e a incluiu em suas preces.

Embora tivesse certeza de que Marguerite tinha parte ativa no contrabando, sabia que ela fazia isso por lealdade a Henry Thornson. E a criança era inocente; não podia ser acusada de nada em sua curta vida. Darius os protegeria com a própria vida se necessário.

Darius estendeu a mão, segurando os dedos gelados de Marguerite, e sorriu. Esperava que sua demonstração de coragem lhe desse forças para enfrentar o conde também.

Marguerite retribuiu o sorriso, puxando o filho para perto.

O coração de Darius se derreteu ao ver a miniatura de Rhys. Era impressionante como o menino se parecia com o tio. O pequeno Marcus mal alcançava a cintura da mãe, mas se postava com os ombros aprumados e a cabeça erguida. Os olhos dourados brilhavam como se o pequeno desafiasse o conde.

Se a semelhança física não bastasse para declará-lo um, Faucon, os maneirismos o fariam. Fez o menino baixar o queixo. Mesmo que, como pai, achasse graça na arrogância de alguém tão pequeno, duvidava que o conde pensasse o mesmo.

— Milorde, permita-me apresentar Lady Marguerite...minha esposa.

O conde mal considerou Marguerite. Cumprimentou-a com um aceno de cabeça antes de mirar a criança.

Darius notou o brilho malicioso nos olhos do conde.

— Milorde. — Marguerite soltou a mão de Darius para se colocar atrás do filho. — Permita-me apresentar o filho de Henry Thornson, Marcus de Thornson.

O olhar do conde voou do menino para Darius. Sua gargalhada ecoou ruidosamente pelo deserto salão principal.

— E meu cavalo tem asas.

Capítulo Treze

O conde de York secou as lágrimas dos olhos de tanto rir e socou com sua mão gorda o tampo da mesa.

Marguerite se arrepiou de susto e, pelo canto do olho, viu Darius se mover. Ela o tocou no braço, evitando um confronto que certamente terminaria em morte.

Sua outra mão ainda estava sobre o ombro do filho que, para sua surpresa, também estava tenso. Será que compreendia a insinuação que o conde fizera?

Antes que Marguerite pudesse adivinhar o que se passava naquela cabecinha, Marcus livrou-se de sua mão e apontou o dedo para o conde.

— Você assustou minha mãe.

Marguerite sentiu o coração inundar-se de amor. Céus, ele tentava defendê-la!

— Marcus, tenha modos. — A ordem de Darius fez o menino voltar para junto da mãe. — Peço perdão por ele, mi...

— Não assuste minha mãe de novo! — Quando Marcus interrompeu Darius, Marguerite não pôde deixar de rir da expressão de surpresa no rosto dos dois homens. Antes que o assombro se transformasse em raiva pela audácia da criança, Marguerite interveio. Fez uma rápida medida antes de segurar a mão de Marcus.

— Perdoem-me, voltarei em breve.

Ainda chocado, Darius observou Marguerite levar a criança, normalmente bem-comportada. Como seus pais tinham conseguido lidar com três filhos birrentos?

— A criança merecia chicotadas.

A afirmação quase ríspida atraiu a atenção de Darius.

Sim, agora ele lembrava: seu pai costumava empregar chicotadas. A longa cicatriz em suas costas ardeu com a lembrança.

— Isso é decisão da mãe, não minha.

— Você é o pai. É sua responsabilidade cuidar da criação dele.

Não seria fácil, mas Darius preferia ir para o inferno a dizer a verdade ao conde. Felizmente, tivera a prudência de não mencionar nada sobre o menino na carta enviada ao irmão.

Darius meneou a cabeça, aproximando-se da mesa.

— Não ouviu Lady Marguerite? O menino é filho de Henry Thornson.

— Por acaso pareço cego ou surdo?

— Não. Mas talvez esteja equivocado.

William estreitou os olhos. Um homem ficaria intimidado a fornecer qualquer informação ao conde. Darius, contudo, não era tão fraco.

Assim, sentou-se novamente à esquerda do conde, sustentando seu olhar. Por fim, William desistiu do combate visual. Darius relaxou um pouco e apoiou os braços na mesa.

— Então, por que está em Thornson? William sorriu de maneira ardilosa.

— Melhor esperar que Lady Marguerite volte.

Talvez não fosse nada, mas Darius se perguntava por que o conde não tinha se referido a ela como sua esposa. Todos os seus instintos o alertavam para um perigo iminente.

Darius se levantou lentamente para pegar uma jarra de vinho e três taças, enchendo duas delas. O conde não hesitou um segundo. Levou o vasilhame aos lábios e o esvaziou em um só gole, batendo a taça vazia na mesa. Enquanto Darius o servia novamente, o conde se reclinou na cadeira.

— Esse seu casamento não foi sancionado pelo rei nem pela Igreja.

Como não era uma pergunta, Darius preferiu ficar calado e levar a taça aos lábios.

O conde meneou a cabeça e suspirou.

— Espero que não tenha se apaixonado por esta mulher,

— Por quê?

O sorriso satisfeito de William não parecia bom sinal.

— Saberá assim que a senhora de Thornson chegar novamente.

Não a tratava como sua esposa, mas como a senhora de Thornson. Darius tinha aprendido a não ignorar seus instintos

quando estes o alertavam de algo.

Nesse exato instante, Marguerite reapareceu.

O conde levantou e apontou para a direita, fazendo com que Marguerite ficasse de frente para Darius. Assim que ela se acomodou, o conde voltou a se sentar.

— Lady Marguerite, estávamos justamente falando de você.

Ela olhou de modo questionador para Darius.

— E o que poderia ser, milorde? — Marguerite apertava a borda das longas mangas de sua túnica.

Um grande sorriso iluminou as feições do conde William. Darius queria que aquela tortura terminasse logo, antes que fosse tarde demais. Depois do que pareceu ser uma eternidade, o conde se inclinou para Marguerite, tomando-lhe a mão.

— Minha querida dama, como sou descortês. Apresento minhas condolências por sua recente perda. Marguerite agradeceu o cumprimento com um sussurro.

— Sei que minha última visita aqui não permitiu que se construísse amizade entre Thornson e York, mas sempre tive grande respeito por Henry.

Darius ergueu as sobrancelhas. Então não era a primeira vez que o conde visitava Thornson. Marguerite continuou em silêncio, sem desviar os olhos do rosto de William.

— Lady Marguerite, sei muito bem qual o poder que uma fortaleza como Thornson detém. Mesmo sabendo que Henry fez o melhor para tomá-la capaz de cuidar desse vasto feudo, acredito que o rei não pense assim. Nesse sentido, concordo com ele.

Quando Marguerite fez menção de responder, William ergueu uma das mãos para detê-la.

— Deixe-me completar. Um homem experiente e forte foi designado como seu futuro marido para governar Thornson Keep.

Darius rangeu os dentes. Sabia que isso aconteceria, então por que seu coração e seu estômago se contorciam? Por que sua visão se turvava de vermelho?

— Milorde, embora sua preocupação com o futuro de Thornson seja tocante, sou capaz de escolher meu próprio marido. E já o fiz.

Apesar de manter a voz calma e firme, Darius notou o desafio por trás daquelas palavras.

— Seu casamento com Faucon é inválido. Não será reconhecido por ninguém... nem pelo rei nem pela Igreja.

Quantas vezes Darius teria de ouvir isso antes de transpassar o coração de William com uma espada? Se ele viu Darius segurar o punho da espada, não disse nada. Manteve a atenção concentrada em Marguerite.

— Deveria agradecer por eu não ser do tipo que faz fofocas. Do contrário, a notícia de seu casamento ilegítimo se espalharia depressa.

Marguerite sorriu.

— E o que você ganharia com isso?

Ela se encolheu com a risada do conde.

— Não seja tão ingênua. Você seria considerada uma meretriz. Querendo ou não, para continuar em Thornson terá de ir para o altar com um homem da escolha de Stephen. Como acha que esse marido a trataria, sabendo que se entregou de bom grado para outro?

O ruído da espada de Darius sendo puxada da bainha quebrou o silêncio do salão.

— Está falando com minha esposa. Seja mais educado.

Darius manteve a ponta da espada na garganta do conde enquanto ele se erguia. Foi nesse exato instante que Darius percebeu como o homem era imenso. Já tinha matado homens maiores, mas nunca um par do reino. Segurou a espada com mais firmeza. Havia uma primeira vez para tudo.

— Darius, por favor. — Sem saber como, Marguerite estava ao lado dele. Dedos gelados seguraram os seus. — Por favor, ameaças vazias não podem me atingir. Ele só quer forçá-lo a agir levemente.

E agora? Tinha deixado seus sentimentos sobrepujarem a lógica. Um erro que poderia lhe custar muito caro.

— Baixe seu brinquedo. — William afastou a ponta da espada com um dos dedos. — Se não fosse um dos homens do rei, você não teria hesitado. Ainda há esperança para você, cãozinho.

Darius franziu a testa. Já tinha visto homens serem mortos por muito menos que colocar uma espada na garganta de um conde.

— Lady Marguerite. — William lhe apontou o assento novamente. — Peço desculpas por minhas palavras vulgares. Fique à vontade para sentar. — Ele encarou Darius, os olhos brilhando de raiva contida. — Por respeito a seu irmão, o conde, pouparei sua vida... dessa vez. Não seja tolo de fazer isso novamente. Sente-se.

Confuso, Darius guardou a espada. Algo estava errado. Marguerite suspirou aliviada. Se Darius pretendia protegê-la, era melhor manter o bom senso. Não teria utilidade para ela se morresse. Respirando fundo, Marguerite se dirigiu ao conde:

— Quem o rei pretende me impor?

— Impor? — O conde riu. — Não seria o termo apropriado para se referir a seu futuro marido, seria?

Marguerite deu de ombros.

— Não saberia como definir isso. Anos atrás, contra minha vontade, meu pai me impôs Henry. Mesmo se mostrando um bom homem, não foi de minha escolha. E agora a decisão me foi tomada novamente.

William se inclinou para trás, erguendo as mãos como se fingisse se proteger.

— Lady Marguerite, por favor. — Ele riu. — Que seja. Impor. O rei está lhe impondo Lorde Marwood.

Um gemido escapou dos lábios de Darius, que se colocou de pé.

— Marwood? Lorde Peter Marwood? Aquele velho decrépito ainda está vivo?

William se ergueu também, batendo na mesa com ambas as mãos.

— Basta!

Antes que Darius se movesse, o conde alertou:

— Se pegar sua espada, cortarei sua cabeça.

Sem se intimidar, Darius respondeu:— Quer que eu fique parado, vendo minha esposa ser entregue àquele velho devasso?

— Sim. E mais. Espero que conclua as tarefas que recebeu do rei e depois volte para a carinhosa proteção de seu irmão.

— Carinhosa proteção? — Seu tom tinha tanto sarcasmo quanto o do conde. — Semelhante à que Stephen lhe dedica?

— Saia desse salão, Faucon. Até aprender a controlar sua língua, ficará lá fora com os animais.

— Excelente sugestão. — Darius estendeu uma das mãos para Marguerite. — Venha, vamos deixar que o conde brinque sozinho.

Antes que Marguerite pudesse segurar-lhe a mão, o conde afastou Darius.

— Não. — Ele chamou os guardas. — Ela ficará em seus aposentos até o noivo chegar. E não pense em fazer nada impróprio, Faucon. A porta será vigiada. Meus homens terão ordem de abater qualquer um que se aproximar sem minha permissão.

Nada como o cheiro de cavalos e esterco para fazer com que um homem avalie sua real situação. Darius se encostou a uma baia, cruzando os braços.

— Darius? Milorde?

— Aqui, Osbert.

O capitão seguiu o som da voz até os fundos do estábulo.

— Já comeu?

— Não estou com fome.

— Não come desde o amanhecer e o sol já se pôs faz tempo.

Óbvio que não tinha se saído melhor que os irmãos ao selecionar o capitão de sua guarda. Por alguma razão, cada um deles escolhera homens que insistiam em agir feito amas nos momentos mais impróprios.

— Osbert, não estou com fome. Não me trate feito criança.

— Como quiser, senhor.

O tom abatido de Osbert deixava Darius exasperado.

Meneando a cabeça, ele tocou o ombro do capitão.

— Não, de fato, é melhor encher meu estômago antes que eu fique mais irritado.

— Muito bem, milorde. — O tom do homem se animou consideravelmente ao colocar uma trouxa de pano nas mãos de Darius. — Consegui queijo, pão, fruta e um pedaço de carne.

— É mais que suficiente, obrigado. — Darius mordeu a carne e, enquanto mastigava, perguntou: — Marguerite estava na mesa

para a ceia?

— Não. Mas uma criada lhe levou comida.

— O conde está gozando bem de sua vitória? Em que quarto ela está confinada?

— No antigo quarto, milorde. — A resposta veio da aia. Os dois homens pularam, espadas em punho, ao ouvir a voz de Bertha vindo da baia ao lado. Recuaram quando a luz da tocha que ela carregava cruzou a linha de visão deles.

Darius guardou a espada.

— O que está fazendo aqui?

— Minha senhora pediu que o levasse até ela.

— Como se eu pudesse simplesmente atravessar o salão até a entrada do armário sem que ninguém soubesse... — ele concluiu, forçando uma risada.

— Por favor, milorde — Bertha disse de modo arrastado. — Seria uma vergonha se aquela passagem só tivesse uma entrada.

— Quantas... — Darius deixou a pergunta de lado. Bertha não diria quantas entradas existiam. Por que perder tempo?

Osbert olhou para o portão da baia.

— Vá, milorde. Posso montar uma cama na palha com alguns cobertores e ficar de guarda. Se alguém aparecer, pensará que está dormindo.

— Temos de nos apressar. — Bertha puxou o braço de Darius. — Estou cuidando do jovem lorde. Eu o deixei na cozinha com a velha Hawise, não posso demorar muito.

Darius precisava conversar com Marguerite e não perderia a oportunidade. Enrolando a comida novamente no pano, guardou o embrulho dentro da túnica.

A aia empurrou uma pequena seção da parede. Darius a seguiu, ajudando-a a recolocar a placa de volta no lugar quando saíram para a noite. Cruzaram o pátio até uma pequena cabana de armazenagem ali perto. Lá dentro, Bertha ergueu um alçapão. Darius desceu por uma escada de corda e esperou pela aia, que simplesmente lhe entregou a tocha.

— Essa passagem segue numa única direção, milorde. Você andar­á por baixo do pátio até a fortaleza. Quando ouvir vozes é

porque alcançou o salão principal.

Darius apanhou a tocha.

— E você?

Ela riu.

— Posso voltar pela porta principal. — Bertha piscou. — Se alguém me notar, direi que o levado Marcus resolveu se esconder e provavelmente correu para a cozinha. E, claro, estarei certa.

— Quem planejou isso?

— Sua esposa. Agora vá.

Sem mais discussões, ela fechou o alçapão.

Enquanto seguia a passagem, Darius maravilhou-se com a infinidade de túneis construídos em Thornson. Tudo era bem planejado, com escadas para facilitar o trânsito e sólidas vigas escorando certas áreas. Só de pensar que logo veria Marguerite, Darius ficava tonto de desejo. Parado diante da entrada do quarto dela, tentava acalmar os nervos.

O ruído quase imperceptível da porta deslizando em sua estrutura o surpreendeu. Darius parou junto à parede, a mão sobre a espada.

Capítulo Catorze

— Darius?

O sussurro de Marguerite o assegurou de que ninguém mais esperava por ele do outro lado da porta. Ele relaxou a postura e murmurou:

— Sim. — Então se aproximou da porta.

— Darius. — Marguerite disse com um suspiro, puxando-o para o quarto.

Ela fechou as duas portas enquanto ele colocava a comida sobre uma mesa e a tocha em uma arandela de ferro.

Ouviu o tecido do vestido farfalhando contra as pernas de Marguerite. Por um instante, imaginou o vestido lhe deslizando dos ombros até os pés.

Repreendeu-se mentalmente. Não tinha prometido deixá-la em paz enquanto o fantasma de Thornson existisse? De que adiantava sua promessa se não conseguia mantê-la nem por uma semana?

Darius mordeu o lábio, tentando acalmar sua luxúria. Quando achou que a mente e o corpo estavam sobre controle, virou-se para Marguerite.

Ficou boquiaberto, o coração aos pulos. Não pôde impedir o sangue de correr veloz à sua virilha, aumentando-lhe a masculinidade até que pulsasse contra a roupa.

Marguerite deu um passo em frente, vestida apenas com o perfume de lavanda e o sorriso sedutor de uma caçadora que espreita sua presa.

Ela sabia que ele estava chocado. Isso a fazia vibrar. Talvez fizesse Darius esquecer a promessa tola de não vir para sua cama até que o fantasma de Thornson fosse esconjurado.

Os anos compartilhados com Henry nunca a deixariam completamente. Devia a Henry tudo o que ela era hoje. Mas a visita do conde a deixou mais do que pronta para prosseguir com a vida. E esta noite parecia ser uma boa oportunidade para recomeçar.

Darius tinha vindo ali para conversar, planejar o que fariam. E conversariam... mais tarde. Bem mais tarde.

Marguerite não sabia o que o amanhã reservava. Queria... não, precisava daquela noite. Precisava de uma lembrança para guardar pelos dias vindouros.

Dando mais um passo, Marguerite pousou as mãos sobre o peito de Darius e sorriu. O coração batia descontrolado. Não importava o que ele pudesse dizer, o corpo correspondia ao desejo dela.

Darius balançou a cabeça, como se tentasse clarear a vista. Com um gemido que parecia de rendição, tomou Marguerite nos braços e a puxou de encontro ao peito.

Marguerite amava a sensação de estar nos braços dele. Este era o lugar no qual desejava ficar.

Darius enterrou o rosto nos cabelos de Marguerite.

— Que feitiço lançou em mim, meu amor?

Marguerite passou os dedos pelos cabelos negros de Darius.

— Nem feitiços, nem fantasmas. Só nós dois. Darius ergueu a cabeça, examinando-lhe o rosto.

— Não encontrará nada além de mim. — Marguerite começou a lhe acariciar a perna com o pé. Os músculos dele ficaram tensos. — Só eu e um insaciável desejo de senti-lo sobre mim.

Darius respirou fundo. Marguerite lhe mordiscou o queixo, antes de lhe sussurrar junto aos lábios:— E uma vontade ardente de estremecer sob seu toque.

Darius deslizou as mãos pelas costas de Marguerite, apertando-lhe as nádegas antes de erguê-la contra o corpo. Cingiu os braços em seu pescoço, as pernas em sua cintura. Enterrou o rosto nos cabelos de Marguerite novamente.

— E se o conde, ou os guardas...

Marguerite o interrompeu com um sorriso.

— Esse quarto é trancado por dentro e, graças a minhas criadas, o conde dormirá feito um bebê esta noite.

Darius ergueu a cabeça.

— Lembre-me de ter cuidado com o que como e bebo. — Um sorriso curvava-lhe a boca. — Embora eu aprecie a maneira com que sua mente trabalha.

Marguerite encostou o rosto no ombro dele e sussurrou: — Fico feliz, milorde. Seria difícil seduzi-lo se estivesse zangado.

— Seduzir-me, não é? Quando você terminar... — ele deslizava as mãos pelas curvas de suas nádegas — será minha vez?

O tom rouco da voz e as insistentes carícias de Darius a deixavam sem fôlego.

— Sim. — Ela riu do tremor na própria voz. — Mas isso não é justo, eu ainda nem comecei.

Darius capturou a boca de Marguerite com a sua, permitindo que as línguas se entrelaçassem. Ela esticou o corpo para melhor corresponder ao beijo exigente. Darius quase sorriu. Com as pernas ajustadas em sua cintura, o movimento apenas a deixara mais exposta às suas mãos.

Antes que Marguerite pudesse notar que ele lhe roubava a vez, Darius a afagou, encontrando o que procurava. Marguerite se enrijeceu por um segundo antes de suspirar e aceitar o dedo de Darius no íntimo de seu corpo. Darius gemeu, amaldiçoando as roupas que impediam o contato entre as peles.

Teriam de tentar isso novamente depois, quando ele estivesse nu também. No momento, estava determinado a tornar aquela noite inesquecível para ambos. Ajustou o braço para que pudesse sustentar Marguerite e agir com facilidade.

Com a mão livre, Darius começou a afagar a área escondida entre os pêlos úmidos. Conteve o gemido de Marguerite, intensificando o beijo quando ela começou a mover-se ritmicamente contra sua mão. Por mais que quisesse acompanhá-la naquele turbilhão, apreciava observá-la atingir o prazer sozinha.

Marguerite interrompeu o beijo, cravando as unhas nos ombros de Darius, jogando a cabeça para trás. Um fio de suor escorria por sua testa. Ele baixou a cabeça e tomou um dos mamilos com a língua. Marguerite choramingou, afundando ainda mais as unhas, apertando as pernas ao redor da cintura dele.

— Darius...

Antes que os guardas na porta ouvissem o grito de Marguerite, Darius buscou sua boca, andou até a cama e deixou que ela caísse sobre o colchão.

Marguerite estava impaciente, agarrando-se com frenesi às roupas dele. Darius afastou-lhe os braços e se ajoelhou no chão, na beira da cama.

Marguerite ergueu a cabeça.

— Essa era para ter sido minha vez.

Darius ignorou a reclamação e puxou as pernas dela sobre seus ombros. Alternando mordidelas com beijos, seguiu uma trilha pela coxa até cobrir a feminilidade de Marguerite com sua boca.

Quando ouviu que Marguerite recomeçava a gemer, cobriu os lábios dela com uma das mãos. Marguerite ergueu um pouco o corpo e agarrou-se às cobertas antes de cair lânguida sobre a cama. Liberando-lhe a boca, Darius então se colocou sobre o corpo dela, apoiado sobre os cotovelos.

Olhou para Marguerite, surpreso, então beijou a pequena lágrima que corria pelo rosto.

— O que foi?

Marguerite virou a cabeça. Darius a segurou pelo rosto, fazendo com que o encarasse.

— Não se esconda de mim.

Marguerite o abraçou com força. Disse: — Agora que estamos juntos novamente, não consigo imaginar viver sem você a meu lado.

— Ah, amor. — Seu coração estava apertado. — Não podemos nos esquecer do amanhã pelo menos esta noite?

— Mas o amanhã virá. Não podemos desobedecer a ordem do conde, assim como não pudemos fugir dos planos do meu pai.

— É verdade. O mundo sempre irá ditar nosso futuro... a vida é assim. Mas por que não viver esse momento enquanto esperamos pelo amanhã? Ela soluçou.

— Podemos tentar.

— E conseguiremos. — Ele rolou para o lado. — Está com fome? Marguerite riu.

— Podendo desfrutar de uma noite de amor, você prefere pensar em comida? Darius saiu da cama e ergueu a sobancelha numa maneira que imaginava ser arrogante.

— Acho que precisarei de todas as minhas forças para chegar até o fim desta noite.

O rosto de Marguerite ficou ligeiramente corado, mas ela revidou o olhar.

— Sabe que roubou minha vez, não sabe?

Ele assentiu.

— Por ter sido tão ardiloso, terei direito às próximas duas.

Que homem em seu juízo perfeito negaria a uma dama essa oportunidade? Darius estendeu a mão para ajudá-la a sair da cama.

— Eu peço desculpas. Por favor, fique à vontade para me seduzir.

Marguerite riu enquanto se apoiava no peito de Darius.

— Já deve estar frio, mas tenho um banho esperando por você.

Um banho, quente ou frio, seria como estar no paraíso.

— Está insinuando que estou fedendo? Ela assentiu, beijando-o no queixo.

— Você me parece muito atrevida esta noite. — Ele a ergueu nos braços, rumando para a tina de madeira. — Por tanta ousadia, você me fará as vezes de criada. Ela apoiou a cabeça no ombro dele.

— Era justamente o que eu planejava.

Marguerite observou o céu clareando. Bertha logo chegaria, anunciando o começo de um novo dia.

— Dormiu bem?

— Dormir? — Ele olhou para Marguerite. — Alguém aqui dormiu? Ela tocou a virilha dele, mas Darius a deteve.

— Oh, amor, não. Não há um só músculo meu que não esteja dolorido — ele resmungou.

Marguerite se inclinou para beijá-lo nos olhos.

— É mesmo terrível ficar velho, não?

— Velho? — Darius a segurou pelos cabelos, puxando-a para perto. — Cuidado com a língua, milady.

Darius lhe deu um beijo de tirar o fôlego. Nesse instante, uma batida soou na porta.

— Lady Thornson. — O grito do conde atravessou a grossa porta de madeira. — Abra a porta.

Marguerite se levantou com as pernas trêmulas.

Feliz por terem escondido as roupas e a espada de Darius debaixo da cama, Marguerite viu quando o marido rolou para lá também.

Com o coração disparado, Marguerite se vestiu às pressas e tirou a barra da porta.

— Milorde, o que o traz a meu quarto tão cedo?

O conde entrou no quarto e avaliou cada detalhe antes de olhar para ela.

— Sairei para caçar. Vim apenas dizer que pode andar pela fortaleza à vontade, mas está proibida de ultrapassar os muros, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Contendo a irritação por receber ordens dentro da própria casa, ela assentiu.

— Ótimo. — Ele se virou para sair, mas parou na porta. — Ah... Faucon, também está proibido de deixar a fortaleza.

Marguerite ficou atônita.

O conde riu antes de tocar o nariz.

— O cheiro. De cavalos e sexo. — E acrescentou antes de sair: — Faucon, conversaremos sobre isso depois.

Capítulo Quinze

Praguejando, Darius saiu de debaixo da cama, arrastando consigo as roupas. Algumas de suas suspeitas tinham sido respondidas. York tramava algo, mas o assunto não tinha ligação com ele ou Marguerite. Vestindo-se rapidamente, ele disse:

— Siga seu dia como se nada estivesse acontecendo.

Marguerite tirou o vestido recolocado às pressas e entrou debaixo das cobertas novamente.

— Já vai?

— Sim. — Darius pegou as botas e sentou em um banco para calçá-las. — O conde William está tramando algo. Preciso descobrir o que é. Marguerite agarrou as pontas da coberta.

— Se me lembro bem, é algo referente a Lorde Marwood.

Darius notou o leve tremor na voz dela e cruzou a pequena distância até a cama, segurando-lhe as mãos para acalmá-la.

— Marguerite, não creio que Lorde Marwood exista. Ao menos não no sentido que fomos levados a acreditar.

— Como pode dizer isso? Que razão o conde teria para mentir?

— Sei que é muito cedo, e nossa noite foi muito longa mas tente pensar com clareza. — Ele ignorou o olhar que lhe foi lançado. — Se esse Marwood fosse realmente seu prometido, acha que o conde teria dado tão pouca importância a minha presença em seu quarto?

Marguerite meneou a cabeça, como se discordasse.

— Ele não tinha certeza de sua presença, era só uma suspeita.

— Cavalos e sexo? — Darius ainda estava maravilhado com a sagacidade do homem.

— Se o que você diz é verdade, o que ele estará planejando?

Darius já tinha repassado a conversa com o conde em sua mente, repetidas vezes. Mas não conseguia separar o que era real do que era mentira.

— Talvez seja algo relacionado a Thornson.

— O quê?

O susto de Marguerite chamou a atenção de Darius. Ela parecia estranhamente pálida e tensa. O peito de Darius se contraiu.

— O que você fez? — Darius ergueu-lhe o queixo, forçando-a a encará-lo.

— Nada. — Marguerite se livrou dele. — Não fiz nada.

O conde não saía para caçar animais. Estava caçando o mesmo que Darius: os contrabandistas.

— Temos um filho para criar, Marguerite. Não deixe que seu inapropriado senso de dever destrua tudo.

— Não. — Ela enterrou o rosto no peito dele. — Nada será destruído. Já acabou.

— Acabou. O que acabou?

— O contrabando acabou. Com a morte de Bainbridge, não há mais ninguém que dê ordens além de mim. E eu já mandei que as atividades fossem encerradas.

Darius engoliu em seco.

— Com a morte de Bainbridge?

Marguerite se soltou de Darius, um olhar questionador e uma ruga formando em sua testa.

— Sim. Não lembra que o matou? Darius pulou da cama.

— O que a fez pensar que eu o matei?

Marguerite levou os dedos trêmulos à garganta.

— Você disse que tinha cuidado dele. Pensei...

— Pensou errado. Não tinha razões para matá-lo, seria assassinato. Apenas ordenei que saísse das terras de Thornson.

Marguerite saiu da cama, procurando pelo vestido.

— Preciso ir. Tenho de impedi-los.

Com um grito, Darius a agarrou pelos braços.

— Não fará nada. Eu sou o senhor daqui agora. Eu lidarei com o problema, não você.

— É meu dever. — Ela tentou se soltar. Darius a sacudiu.

— Ouça-me. É dever apenas meu. Seu dever é cuidar do nosso filho. Está ouvindo?

— Marcus. — O nome foi apenas um sussurro nos lábios de Marguerite.

— Sim. Marcus. Faça companhia a ele pelo resto do dia, Marguerite. Não faça nada insensato.

— Mas os homens, as cavernas...

— Se me disser onde eles estão, eu mesmo os encontrarei. É uma responsabilidade que estou disposto a aceitar.

— Não posso. — Marguerite meneou a cabeça. — Não. Darius, não posso enviá-lo para a morte certa.

Darius olhou pela janela para o sol que já começava a despontar. O tempo não estava a seu favor. Não podia ficar ali discutindo o dia inteiro. Sem saber mais o que fazer, Darius a puxou de encontro ao peito e a beijou intensamente.

— Onde? — ele sussurrou. — Diga, meu amor.

Darius ignorou o gemido de rendição, as lágrimas que se assomavam aos olhos, e reclamou a boca de Marguerite novamente. Marguerite soluçava ao empurrá-lo pelos ombros, mas Darius não a soltou.

— Os mapas estão no baú junto à cama. Darius a envolveu com gentileza em um abraço.

— Obrigado, Marguerite.

— Eu o odeio, Faucon. — A frase foi dita com pouca convicção, especialmente por estarem abraçados.

Darius riu e a beijou na cabeça.

— Tenho certeza que sim.

Ela foi até o baú e lhe estendeu um rolo de mapas.

— Marguerite, como minha esposa e mãe de meu filho, prometa obedecer minhas ordens.

Ela mordeu o lábio e assentiu.

— Mantenha Marcus em segurança. Fique longe de perigos. Se algo acontecer de errado, vá para Faucon. Procure por Rhys. — Ele tirou um pesado anel da algibeira. — Leve isso e Rhys cuidará de vocês pelo resto da vida.

Marguerite olhou para o anel em sua mão, delineando o entalhe de um falcão.

— Isso pertencia a seu pai.

— Sim. Foi a única coisa que ele não tomou de mim ao me expulsar.

Marguerite apoiou as mãos sobre o peito dele.

— Sinto muito, Darius.

Darius apertou as mãos dela com gentileza.

— Não temos tempo para nos preocupar com isso agora. — Levou as mãos de Marguerite aos lábios. — Meu amor, precisamos lutar por nosso futuro. Prometa que fará o que eu peço. Ela assentiu.

— Marguerite, preciso ouvir sua promessa.

Marguerite se apoiou no corpo dele.

— Darius, prometo manter Marcus em segurança. E procurarei Rhys caso seja necessário.

Beijando-a antes de seguir para a entrada do túnel, Darius atravessou as portas sem olhar para trás. Depois de fechá-las, pousou a testa na fria porta de pedra. Sentiu um tremor no corpo. A sensação era familiar. Todo guerreiro sentia isso momentos antes de entrar em ação. Uma estranha excitação corria quente por suas veias e lhe dava forças para completar sua missão.

Darius bateu de leve na porta, sussurrando:

— Cuide-se, Marguerite. Então, rumou para os estábulos.

Marguerite estava encostada à porta. Ouviu as palavras e sentiu o amor e a preocupação que pareciam se infiltrar pela pedra e pela madeira.

Como podia ficar ali sentada sem ajudá-lo? Não podia deixar Darius arriscar a vida por Thornson.

E como poderia deixar de alertar os homens que haviam servido Lorde Henry? Embora outros os considerassem traidores, eles tinham honrado seu suserano ao lhe obedecer as ordens. Não podia permitir que sofressem por terem cumprido seu dever.

Bertha entrou no quarto.

— Lady Marguerite, está acordada?

— Sim. — Marguerite tocou a porta do túnel. Cuide-se, meu amor. Certa de que poderia impedir os homens de Thornson antes de qualquer um, inclusive seu marido, deixou a recâmara. — Ainda há alguma túnica de Henry por aqui? — Marguerite abriu o baú que costumava ser dele.

Bertha se aproximou. — Para quê, milady?

Marguerite puxou uma velha túnica de lã.

— Isso me servirá. Encontre uma camisa, calças e meias. A aia respirou fundo.

— Milady, não me diga que está pensando em se juntar aos homens.

— Não tenho escolha, Bertha. Darius e o conde estão na pista deles. Preciso alertá-los para que deixem as cavernas.

Bertha a segurou pelo braço.

— Não. Não faça isso. Só conseguirá deixar Lorde Darius furioso.

O coração de Marguerite falhou uma batida.

— Sei disso. Mas a raiva dele um dia passará. Não entende? Posso conviver com a raiva dele, pois sei que um dia Darius me perdoará. Mas não poderei viver com a culpa de não ter feito nada para salvar a vida desses homens.

— Oh, milady, ele punirá a nós duas. — A aia tremeu, mas vasculhou o baú à procura de outras roupas.

Já vestida, Marguerite segurou as mãos de Bertha.

— Obrigada. Mas preciso de mais um favor.

— Qualquer coisa.

— Leve meu filho para a aldeia. Fique com ele até eu voltar. Bertha franziu a testa.

— Lady Marguerite, está correndo muito perigo. E se for apanhada? E se os homens se recusarem a ouvi-la?

Marguerite voltou para a recâmara e pegou o anel da família Faucon.

— Guarde esse anel. Se algo acontecer comigo e Darius, leve Marcus até um dos homens de Faucon e lhe entregue isso. Eles os levarão para Faucon em segurança.

— Como saberão que não roubei o anel?

Uma batalha acontecia dentro de Marguerite. Por fim, ela decidiu colocar a segurança do filho acima de qualquer coisa.

— Bertha, ao verem Marcus, saberão que ele é um Faucon.

Um meio-sorriso surgiu nos lábios da aia.

— Eu havia notado que ele era bem parecido com Lorde Darius.

Marguerite riu.

— Com Darius? Céus, se você visse o conde, saberia quanto meu filho é parecido com o tio.

Bertha guardou o anel.

— Melhor ainda. Como quiser, milady. Mas espero que você e o lorde voltem sãos e salvos.

Quando a aia deixou o quarto, Marguerite atravessou a entrada do túnel com uma prece nos lábios. Senhor, que Darius me perdoe.

Bainbridge sorria. Graças à criada idiota de Marguerite, tudo estava acontecendo como planejado.

Tinha seguido a mulher até os estábulos e ouvira a conversa com Faucon. Enquanto Darius e Marguerite provavelmente se entretinham durante toda a noite, ele colocava seu plano em ação.

Sem os homens de Faucon por perto, foi fácil chegar até o conde William. Esgueirando-se pelas sombras, alcançara o pátio interno sem ser notado. Como os muros e entradas estavam sendo guardados pelos homens do conde, o acesso ao salão principal fora calmo. Tinha de dar crédito a Marguerite: quase fora vítima da poção para dormir colocada no vinho. Mas os bocejos dos guardas o alertaram.

Enquanto alguns deles cochilavam, Bainbridge trocara o vinho do conde por outro livre de qualquer beberagem. A bebida permitira que os dois falassem dos traidores e dos contrabandistas até tarde da noite.

Ele fora cuidadoso. O conde não era tolo, então apenas insinuara que tinha ouvido certas coisas. E lamentara o fato de Lorde Faucon, um dos homens do próprio rei, não ser capaz de descobrir a verdade.

Bainbridge ficara exultante ao ver o conde deixar a fortaleza.

Não era necessário muito esforço para concluir que o orgulho faria com que tanto o conde quanto Lorde Darius tentassem alcançar os contrabandistas primeiro. E considerando a preocupação de Marguerite com Darius, tinha imaginado que ela logo lhe entregaria os mapas.

Seus espiões haviam informado que Darius já os conseguira. Ótimas notícias. Com os mapas em mãos, Faucon estaria entre os contrabandistas quando o conde encontrasse as cavernas.

Faucon logo seria descartado. Bainbridge se apressaria em oferecer seus serviços a York no tocante a Thomson. Afinal, uma

fortaleza daquele porte precisava ficar sob os cuidados de um servo de confiança.

Junto com Thornson, receberia também Lady Marguerite. O sangue de Bainbridge afluiu rápido para a virilha.

— Lorde Bainbridge.

Ele olhou para Sir Everett.

— O que quer?

Everett apontou para os penhascos.

— Lady Marguerite está indo para as cavernas. E a aia está levando o menino para a aldeia.

Bainbridge praguejou. Já era hora de alguém ensinar aquela mulher a obedecer ordens. Já que nem Faucon nem York eram capazes de realizar a tarefa, ele mesmo cuidaria disso. Darius espalhou os mapas no chão do estábulo. Osbert e os homens de Faucon o flanquearam.

— Precisamos encontrar a rota mais rápida para a caverna na praia.

Enquanto estudava o mapa maior, ele explicava:

— Estou certo de que os contrabandistas agirão esta noite quando a maré baixar. O conde já está à caça deles. Se quisermos nos salvar, teremos de encontrá-los primeiro. Do contrário, será como se tivéssemos falhado em nossa missão para o rei.

Todos se aproximaram mais para estudar os mapas. Um homem apontou para um túnel.

— Esse, milorde.

Ao mesmo tempo, outro homem perguntou: — E esse, milorde?

Darius pegou os dois mapas. O primeiro parecia um túnel que seguia pela floresta antes de rumar para os penhascos.

— Acha que os homens conseguiriam descer pelo penhasco? — Sua família criava e treinava falcões. Às vezes era necessário tirar filhotes dos ninhos nos rochedos, por isso estava acostumado a escaladas.

— Talvez não seja boa idéia — Osbert refletiu.

— Concordo. — Darius olhou para o homem que escolhera o outro mapa. — O que você viu?

O homem apontou para uma linha.

— Aqui, milorde. Isso parece uma trilha que segue desde os fundos da cozinha, passando pelo pátio, para terminar no muro interno.

Darius vasculhou outros mapas e pegou o menor deles. Colocou-o ao lado do primeiro, onde a trilha parecia terminar. Osbert assentiu.

— O túnel continua até a muralha externa.

Darius enrolou os dois mapas e os guardou dentro da túnica enquanto se erguia.

— Leve os outros, por precaução.

Marguerite estava grata por estar usando as roupas de Henry. Teria arruinado seu vestido ao lidar com a pesada escada de cordas. Um homem sempre amarrava a escada a um tronco e a jogava pela borda da caverna para ela. Nunca fizera isso sozinha.

Tinha aprendido bem as lições que Henry lhe dera. Mas sem ninguém para segurar a escada lá embaixo, o vento a atirava de encontro à face da rocha.

Olhou para baixo, tentando calcular quanto ainda teria de descer, e ficou aliviada ao ver que não faltava muito.

O vento ganhava intensidade. Marguerite se encolheu quando a escada bateu contra as rochas, esfolando seus dedos e seu rosto.

Agarrou-se com mais força para esperar o vento parar, antes de continuar descendo.

— Aqui, Lady Marguerite, deixe-me ajudá-la.

Ela quase caiu da escada ao sentir Bainbridge agarrando seu braço.

Capítulo Dezesseis

Marguerite se firmou no chão antes de tentar se livrar de Bainbridge. Ele apenas riu, gritando por Everett.

— Traga aquela tocha e guie o caminho. Marguerite encarou Everett.

— Considere-se dispensado de seus serviços.

O capitão a ignorou; obviamente já seguia as ordens de Bainbridge. Há quanto tempo isso vinha acontecendo?

Eles avançaram pela caverna, caminhando depressa. Bainbridge a puxava pelo braço.

— O que está fazendo aqui, Bainbridge? Darius mandou que ficasse longe das terras de Thornson.

Bainbridge parou, virou-se e puxou Marguerite contra o peito.

— Querida, a primeira lição que precisa aprender é quando manter a boca fechada. Seria uma boa hora de começar a praticar.

Bainbridge tampou a boca e o nariz de Marguerite com a mão ainda livre. Além de cortar suas palavras, impedia que o ar lhe chegasse aos pulmões.

Marguerite tentou inutilmente se libertar. Quanto mais tentava, mais força ele aplicava sobre seu rosto. O chão começou a oscilar; as paredes pareciam se fechar sobre ela. Marguerite parou de lutar.

Bainbridge removeu a mão.

— Viu, não foi tão difícil, foi?

Bainbridge retomou a caminhada. Marguerite o seguia, sem a menor dúvida de que ele adoraria arrastá-la pelo chão caso caísse.

Chegando a uma pequena câmara dentro da caverna, Bainbridge a largou, fazendo com que Marguerite caísse de joelhos no chão duro.

— Essa me parece uma boa posição para você. De joelhos.

Marguerite ouviu o ruído de correntes e correu para o fundo da câmara.

— Não se preocupe. Só as usarei se for necessário. Agachando-se, acariciou-lhe o rosto.

— Minha adorável Marguerite, parece que não está mais no comando. Acostume-se com isso, minha querida.

Ela resistiu à vontade de cuspir nele.

— Você ficará aqui. Everett cuidará de você. — Bainbridge agora deslizava um dedo pelo queixo de Marguerite. — Prometo que, quando tudo acabar, eu a escoltarei de volta a Thornson, onde nossa cama nos espera.

Marguerite estremeceu de repulsa. Bainbridge a olhava com um ar de questionamento, um sorriso satisfeito nos lábios.

— Não responde nada?

Marguerite precisou de grande força de vontade para ficar em silêncio enquanto meneava a cabeça. Os olhos dele se arregalaram de surpresa.

— Considerando o quanto parece me odiar, sou forçado a imaginar que talvez odeie Faucon ainda mais. É por isso que a idéia de dividir a cama comigo a deixa sem fala?

Nada a impediria de ficar calada diante daquela falsa conclusão.

— Prefiro morrer a pisar perto de sua cama.

A gargalhada de Bainbridge ecoou nas paredes da pequena gruta.

— Essa é a resposta que eu esperava de você. Bainbridge retirou algo de dentro da túnica.

— Por quem você choraria mais, milady? Por Faucon ou seu filho?

Darius podia se defender sozinho e o filho estava em segurança.

— Por que pergunta isso?

Ele acenou para que Everett se aproximasse com a tocha e estendeu a mão. A luz iluminou o objeto que repousava em sua palma.

— Minha generosidade a deixará satisfeita... Permite que sua aia continuasse viva.

O brilho do anel fez com que o medo dominasse o coração de Marguerite. Ela fez menção de pegar o timbre dos Faucon, mas Bainbridge fechou os dedos sobre a jóia.

— Não, isso ficará comigo até você cumprir seu juramento para com Thornson.

O pavor nublava a mente de Marguerite. Teria a chance de manter o filho a salvo? O que isso lhe custaria?

— Que juramento?

— O que foi feito quando Henry morreu.

Ela estava zangada, ferida, perdida em lamentações — que juramento fizera? As lembranças lhe voltavam lentamente.

— Manter as remessas para o rei David.

— Não. — Ela tinha feito outras promessas... para Darius. — Não posso.

— Que assim seja. — Bainbridge levantou. — Quando for enterrar seu filho e seu novo marido, lembre-se de que lhes negou a chance de continuarem vivos.

Marguerite se arrastou até Bainbridge, que se afastava, e agarrou a barra de sua túnica.

— Espere. Por favor, espere. O que devo fazer?

— É simples, na verdade. Fique aqui, sob a guarda de Everett, até eu ordenar. Então seguirá pela caverna e fará com que Faucon e seus homens permaneçam lá até que eu chegue com o conde de York.

— Fará meu marido se passar por traidor?

— Sim, com muito prazer.

O coração de Marguerite estava disparado no peito, trazendo um grito a seus lábios.

— Ele será condenado à morte.

— E eu dançarei sobre seu túmulo.

— E meu filho?

— Quando Faucon for preso, eu lhe devolverei o anel e o menino. Não a obrigarei a presenciar a morte de Faucon. Não sou generoso?

Para onde ela iria? Não poderia procurar Rhys. O conde de Faucon cortaria sua garganta em retaliação por sua traição.

— Irá me obedecer?

Marguerite hesitou, tentando desesperadamente pensar numa forma de escapar. Sem conseguir formular nada, assentiu.

— Sim.

— Sua palavra não me basta. — Ele a colocou de pé. — Terá de selar sua promessa.

O que ele queria dela agora?

Bainbridge a puxou para perto, aproximando os lábios dos dela enquanto falava:

— Não tenha medo, minha querida, não vai doer muito.

Marguerite fechou os olhos. Bainbridge lhe agarrou o pulso e deslizou algo afiado pela palma da mão.

Marguerite gritou de dor, puxando a mão. Olhou em choque para a palma que sangrava.

— Você me cortou!

Ele limpou a lâmina da adaga na manga da túnica, antes de guardar a arma na cintura.

— Não é nada comparado ao que farei se falhar comigo.

O tom da voz dele a deixou amedrontada. Dando-lhe um tapinha no rosto, ele riu e a deixou sozinha na escuridão.

Marguerite caiu de joelhos. Tudo estava perdido. Não haveria futuro para ela e Darius. Não haveria nada além de muitos anos preenchidos pela culpa e pelo arrependimento.

Pense, idiota, pense.

Ela levou a mão à boca, tentando conter o soluço. Não conseguia pensar em nada. Mesmo que conseguisse fugir de Everett e alcançasse Darius a tempo, Bainbridge logo descobriria tudo.

O que ele faria com Marcus? Não podia arriscar a vida do filho dessa maneira.

Mas se não podia fazer nada antes, talvez pudesse fazer depois. Quando Marcus estivesse a salvo em seus braços, o que a impediria de procurar o conde e explicar tudo?

Bainbridge? Seria a palavra dele contra a dela. Em quem o conde de York acreditaria?

Poderia correr esse risco?

E se encontrasse o conde de Faucon? Será que ele conseguiria convencer York? Rhys lutaria pela liberdade de Darius, pois nunca acreditaria que o irmão fosse um traidor.

Poderia funcionar. Mas precisava convencer York a adiar a execução de Darius.

Mas antes teria de mentir para Darius. Ele ficaria mais do que furioso se descobrisse sua traição. Provavelmente nunca voltaria a confiar nela novamente.

— Eu sinto muito, meu amor — ela sussurrou.

A única coisa que podia fazer agora era aguardar que Everett a liberasse. Aguardar e rezar para que seu plano fosse bem-sucedido.

Darius parou na porta da cozinha e respirou fundo antes de acenar para que seus homens o acompanhassem.

— O quê... — O ar espantado da cozinheira se desfez quando ela viu Darius. Indicando a despensa com um breve gesto de cabeça, ela ordenou que suas ajudantes continuassem com suas tarefas.

Darius seguiu na direção indicada e procurou por qualquer coisa que parecesse uma entrada para os túneis. Osbert batia nas paredes com o punho da espada.

— Aqui, milorde.

Lembrando-se do funcionamento do armário no salão principal, ele empurrou as prateleiras.

A estrutura de madeira se afastou da parede, rangendo ao se abrir sobre o chão de terra batida. Eles não perderam tempo em entrar. O último a passar puxou as prateleiras de volta.

Erguendo a tocha, Darius guiou os homens. O túnel era largo o suficiente apenas para que andassem em fila.

Quando dobraram uma curva, uma leve brisa alcançou o rosto de Darius, fazendo com que soubesse que estavam no caminho certo.

O túnel foi se alargando até Darius poder ver uma câmara a distância. Ele ergueu o braço, fazendo com que os soldados parassem. Osbert ficou rente à parede, movendo-se silenciosamente. Olhou por um instante pela abertura antes de acenar chamando os outros. Darius se aproximou com cautela.

Ouvindo o som de água batendo, percebeu que poderiam sair para a praia assim que a maré baixasse. Virando-se para os homens, ordenou:— Levem esses engradados para os cantos.

Enquanto os homens cumpriam a tarefa, Darius inspecionou o conteúdo de alguns engradados. Estavam carregados de espadas, adagas, jóias e ouro suficiente para financiar uma guerra. Os homens logo rearrumaram os sacos e engradados. Poderiam ficar escondidos atrás deles até que os homens de Thornson chegassem para cuidar do carregamento. Osbert cuidou para que alguns itens

ficassem espalhados pela entrada para que ninguém suspeitasse de nada ao se aproximar.

Darius olhou para o túnel que levava de volta à fortaleza. Se tivessem sorte, tudo terminaria antes que o conde descobrisse a caverna.

Um ruído interrompeu seus pensamentos. Darius afastou-se da entrada, acenando para que os homens tomassem suas posições e aguardassem. Novo ruído. O suave som de passos anunciava a aproximação de uma pessoa apenas. Talvez alguém tivesse vindo verificar se tudo estava preparado para o carregamento.

Pois teria uma grande surpresa.

A luz da tocha assomou nas paredes do túnel. Darius puxou a espada.

Osbert se esgueirou até o outro lado da entrada. A experiência e o instinto formavam um plano de ataque. O capitão agarraria o intruso, enquanto Darius plantaria a espada no pescoço do homem. O tolo seria derrotado antes que soubesse o que estava acontecendo.

Quando os passos soaram perto o suficiente, Darius fez sinal para Osbert, que imediatamente agarrou o braço do intruso, girando-o para que ficasse de cara para a espada de Darius.

Uma exclamação, compartilhada por todos os seus homens, manteve a mão de Darius firme ao olhar para Marguerite.

Ele trincou o queixo até sentir que seus dentes estavam prestes a se estilhaçar. O tique na bochecha quase alcançava os olhos.

— Talvez fosse melhor se eu cortasse sua garganta.

Marguerite não disse nada, apenas piscou, os olhos iluminados pela tocha que ela ainda segurava.

Darius guardou a espada com irritação e tomou a tocha da mão dela.

— Nosso filho está bem?

Depois de breve hesitação, ela assentiu. Quando Marguerite abriu a boca, Darius apressou-se em colocar dois dedos sobre os lábios dela.

— A última coisa que quero é ouvir sua voz. Osbert limpou a garganta.

— Milorde, talvez eu devesse cuidar da segurança dela. Darius nem fingiu ignorar a insinuação do capitão.

— Não vou matá-la. — Embora a idéia fosse tentadora.

Um pesado silêncio se abateu na caverna. Ninguém se movia. Ninguém falava. Era como se todos estivessem contendo a respiração. Quando a situação ficou insuportável, Darius empurrou a tocha para Osbert e puxou Marguerite.

— Melhor conversarmos — ele disse, quase rosnando.

Ela não discordou, apenas indicou a saída do outro lado da caverna. Juntos atravessaram a câmara em silêncio. Darius sabia que seus homens aguardavam por se divertir à sua custa. Mas ele não lhes ofereceria qualquer divertimento. Quando chegaram à beira da água que já recuava, Darius prendeu Marguerite à parede úmida.

— O que estava pensando? Não compreende o perigo que está correndo? Não se preocupa com a segurança ou com o futuro de seu filho?

Marguerite continuou em silêncio, esperando que ele retomasse fôlego.

— Não ouviu o que eu disse esta manhã? Não prometeu ficar em segurança junto com Marcus? Como posso me concentrar estando preocupado em protegê-la?

Marguerite mordida o lábio. O coração se acalmou ao ouvir aquela última pergunta.

A preocupação de Darius fortalecia a fé que tinha no amor dele. Oh, sim, ele estava zangado. Mas a raiva não era nada comparada à fúria que ele logo sentiria. Marguerite não podia entrar em pânico. Precisava continuar com aquela encenação passo a passo. Erguendo as mãos, agarrou-se à túnica dele.

— E como eu poderia ficar parada no quarto, morrendo de preocupação com você? — Isso não era mentira.

Sentindo-se encorajada, ela continuou:

— Essa é minha fortaleza. Minha. Não é meu dever cuidar da segurança de todos em Thornson? Será que não me conhece o bastante? Acha que só porque sou mulher tenho menos orgulho? Menos força de vontade? Menos honra?

Honra. Que castigo eterno receberia por alegar honra? Marguerite endireitou os ombros, erguendo um pouco a voz.

— Eu já não era uma Faucon antes de receber o nome de Thornson? — As palavras quase ficaram agarradas em sua garganta.

O tique na bochecha desapareceu, deixando entrever um meio-sorriso. Darius a puxou para seus braços.

— O que farei com você? — Poderia me ajudar a salvar meus homens.

Ele assentiu, o queixo apoiado na cabeça dela.

— Sim, minha senhora. Mas prometo uma coisa. Se você morrer, eu a mato com minhas próprias mãos.

Marguerite riu do absurdo da promessa. Esfregou o rosto no peito dele, ignorando a dureza da cota por baixo da túnica. Momentos insignificantes como esse seriam preciosos nos próximos dias.

Ele a apertou com força antes de soltá-la.

— Já é o bastante. Temos trabalho a fazer.

Marguerite deslizou a mão pelo peito dele, na esperança de mudar a direção dos pensamentos de Darius.

— Nunca é o bastante.

Darius a segurou pelo pulso e a puxou para seu lado.

— Mais tarde, amor... — Ele viu a mão suja de sangue. — O que é isso?

— Nada. — O riso nervoso de Marguerite soou forçado mesmo para ela. — Não é nada. Eu me cortei na escada de corda quando estava descendo da caverna.

Darius estreitou os olhos.

— Usou a entrada do penhasco?

Ela riu, nervosa.

— Ora, ora... quantas vezes não subimos e descemos os penhascos em Faucon?

— Sim, mas me explique como uma corda fez um corte desses.

— Bem... eu usei a escada de corda para descer o penhasco. — Você já disse isso.

Marguerite precisava pensar rápido, antes que ele começasse a fazer mais perguntas.

— Eu escorreguei. Estava ventando muito e a escada bateu contra o penhasco. Quando comecei a escorregar, tentei me segurar nas rochas e cortei a mão.

— Na corda?

Pelo tom de sarcasmo, Marguerite percebia que ele começava a duvidar de suas palavras.

— Não, não, cortei minha mão nas rochas.

Darius soltou a mão dela e cruzou os braços. O tique retornou.

— Essa mão precisa de cuidados para que não inflame. — Seu olhar avaliou o corpo dela. — Fora os arranhões, você parece bem.

— É verdade, Darius, estou bem.

— Ótimo. Não encontrou ninguém enquanto vinha para a caverna?

O coração dela quase parou.

— Não. Há mais alguém por aqui além de você e seus homens?

— Não que eu saiba. Mas acho que Bainbridge esteve falando com o conde.

— Por... por que pensa isso?

Darius estreitou os olhos novamente. Por fim, respondeu: — O conde saiu muito apressado esta manhã. Não me parece simples coincidência.

— Acha que Bainbridge encheu os ouvidos dele com informações?

— Informações e mentiras. Só não entendo o que ele espera ganhar. — Thornson, talvez — Marguerite disse irrefletidamente.

— Por que diz isso?

Mesmo sem olhar, Marguerite sabia que Darius a encarava. Como pudera imaginar que conseguiria levar aquela mentira adiante?

— Ele quer reclamar Thornson desde a morte de Henry. Nada o impediria de ganhar o que considera seu grande prêmio.

— Então precisamos nos assegurar de que ele perca.

Se Deus fosse misericordioso, isso aconteceria logo.

— Mais uma coisa antes de nos juntarmos aos outros. Se você está aqui, onde está nosso filho? — O tom era acusador.

— Oh, sim. — Não que ela tivesse se esquecido de Marcus, apenas não desejava lidar com a questão agora por medo de perder a cabeça. — Eu o enviei para a aldeia. Ficará bem por lá. —

Era melhor que fosse verdade, porque, se machucasse seu filho, Bainbridge iria implorar para morrer.

Darius ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— E se algo impedir nosso retorno...

Marguerite olhou para o teto. Firme. Mantenha a voz firme.

— Entreguei o anel a Bertha... — ela buscou os olhos dele — com ordens de procurar o conde Faucon caso algo nos acontecesse.

— Rhys ficaria impressionado, certamente.

Uma dúvida surgiu.

— Mas ele cuidaria de Marcus, não é? — Cuidaria de Marcus mesmo que ela falhasse em salvar Darius?

— Claro que sim. — Darius tomou a mão de Marguerite. — Mas prefiro que essa tarefa seja cumprida por nós.

Capítulo Dezessete

Darius olhava para seus homens, os lábios escondendo um sorriso. Marguerite notou as expressões desanimadas. Esperavam testemunhar uma turbulenta discussão entre marido e mulher. Estavam obviamente desapontados.

Osbert apresentou os mapas e um engradado serviu de mesa.

— Por onde os homens de Thornson entram na caverna?

Marguerite queria dizer que os homens não viriam. Mas apontou para uma área não muito longe de onde eles estavam no momento.

— Aqui. — Aqui é onde o conde e Bainbridge chegarão para selar seu destino.

— Quando os barcos e os homens devem chegar?

— Muito em breve. — Everett a mantivera presa até quase o pôr-do-sol. — Os barcos ficam ancorados nos rochedos bem longe da praia. Esperam que Everett acenda as fogueiras ao pôr-do-sol. É quando a maré recua o suficiente para que essa caverna seja acessível pela praia. Só então eles se aproximam.

— Ótimo. Não teremos que esperar muito. Quantos serão? Estão armados?

— São cerca de vinte. Aldeões, na maioria, armados apenas com forcados e machados. Cinco ou seis são guardas de Thornson.

— Quem os lidera?

— Costumava ser Henry. Mas com a morte dele, realmente não sei. Everett não é nenhum líder, portanto isso nunca foi sua tarefa. Como você matou Matthew, é provável que seja Bainbridge.

Ela podia misturar verdades com mentiras, mas isso não diminuía sua culpa. Cada mentira e cada meia-verdade deixavam seu coração partido.

— Quem os liderou da última vez, quando nós frustramos as atividades?

Marguerite olhou lentamente para cada um dos homens presentes ali.

— Eu. — A voz era quase um sussurro.

A risada dos homens a surpreendeu, mas o que a deixou mais chocada foram os murmúrios de aprovação por sua atitude.

— Não fique surpresa. — Darius a tocou no ombro. — Não esqueça, somos todos de Faucon. Nossas mulheres são conhecidas por não recuarem diante de uma luta.

— Mas parece que não fui bem-sucedida naquela tarefa, fui?

— Não se preocupe. Será diferente dessa vez — Osbert assegurou. Marguerite bateu com a mão no engradado.

— Não posso falhar dessa vez. Darius cobriu a mão dela com a sua.

— Não falhará. Não permitiremos que isso aconteça.

Os outros concordaram. Marguerite estremeceu. Eles não sabiam o que ela estava prestes a fazer. Um dia a entenderiam, mas será que seria tarde demais para salvar seu amor?

Darius observava Marguerite com atenção. Algo a preocupava, algo que não queria contar. Marguerite não tinha motivos para se preocupar, nem para duvidar do apoio de qualquer um de Faucon. Queria que ela entendesse esse simples fato. Ele se colocou de joelhos e levou a mão de Marguerite ao peito.

— Marguerite de Faucon, meu homens e eu estamos a seu serviço. Nada irá nos desviar do sucesso dessa batalha pela segurança de Thornson e seus habitantes.

Osbert e os outros seguiram seu exemplo e fizeram o mesmo juramento.

Quando Darius levantou, sussurrou no ouvido de Marguerite: — Pode me recompensar depois.

Marguerite se afastou, o rosto muito vermelho. Seu rubor insinuava o significado do sussurro de Darius aos soldados, que agora faziam algazarra.

Marguerite ficou ainda mais corada. Levou a mão ao peito.

— Eu agradeço, mas não... não mereço tal honra.

Darius notou o tremor na voz e revirou os olhos. Que ela não fraquejasse agora.

Ele bateu palmas para chamar a atenção de seus homens. — Vamos trabalhar. Bainbridge e os outros chegarão logo.

— Será que o conde virá no encalço dele? — Osbert perguntou.

— É provável. — Darius apontou para seus homens. — Nesse caso, não façam nada contra William. Levem-no para um local seguro imediatamente.

Marguerite perguntou:— Não poderíamos simplesmente jogar o carregamento no mar, voltar para a fortaleza e esquecer isso tudo?

— Sim, mas estaríamos privando Stephen de um precioso carregamento de ouro.

Darius notou como Marguerite retorcia a barra da túnica. Segurando as mãos dela, levou-as aos lábios.

— Não se apavore. Está segura. Isso logo vai acabar.

Marguerite fechou os olhos. Seu estômago revirava. Não podia fazer isso com ele, não com o homem que acabara de jurar lealdade a ela.

Quando Darius soltou-lhe as mãos, um medo maior que qualquer coisa pareceu transpassar seu coração.

Marguerite não podia continuar com as mentiras.

— Darius...

Terror e arrependimento a dominavam, o chão parecia lhe faltar. Ela caiu contra Darius, agarrando-lhe o braço.

— Darius, eu sinto muito, perdoe-me.

Passos soaram no túnel. Darius a fitou, confuso. Avaliou o som de homens se aproximando, o ruído de espadas, esporas tinindo no chão. Com mãos trêmulas, ele a empurrou de lado.

— O que você fez?

Sem esperar resposta, Darius correu até seus homens. Colocou a espada e a adaga em cima de um engradado, então removeu as luvas e o elmo.

— Desarmem-se agora. Não lutem. — Quando eles começaram a discordar, Darius bateu na tampa do engradado, estilhaçando a madeira. — Baixem as armas. Façam o que eu mando.

Marguerite se encolheu com o olhar que Osbert dirigiu a ela antes de juntar suas armas às de Darius. Os outros fizeram o mesmo. Momentos atrás haviam jurado protegê-la e servi-la; agora a encaravam com raiva e ódio.

Depois que todos haviam se despojado das armas, Darius respirou fundo, ergueu o queixo e a encarou:— Isso custará apenas

minha vida ou a de meus homens também?

Incapaz de sustentar a dor no olhar de Darius, Marguerite mirava o chão. Ela conteve um soluço ao responder:— Seus homens nunca foram mencionados.

— Guarde suas lágrimas para mais tarde, quando eu não tiver que olhar para elas e imaginar que mentiras escondem. — A risada desagradável feriu os ouvidos de Marguerite.

— Darius, eu...

— Cale-se. Guarde suas palavras para alguém mais disposto a ouvi-las. — Ele se virou de costas. — Sempre me odiou tanto assim?

Marguerite se imaginava preparada para suportar o peso de sua traição. Mas enganara-se. Nada podia tê-la preparado para a agonia que pressionava seu peito, para as lágrimas que corriam feito fogo por seu rosto.

Não poderia carregar isso sozinha, sem que ele soubesse seus motivos.

— Darius, por favor, eu...

— Basta! — Ele ergueu a mão e começou a andar em direção ao túnel. — Prefiro enfrentar minha morte sem os motivos de sua traição ecoando em meus ouvidos.

Darius parou na entrada e virou-se para Osbert.

— Faça o que puder para levar os homens de volta para Faucon. E leve meu filho também.

— Não! — Marguerite gritou, mas Darius a ignorou, rumando em direção ao perigo que se aproximava.

Marguerite se virou para Osbert.

— Não, não permitirei. Sir Osbert a agarrou pelo braço.

— Já não causou sofrimento suficiente? Acha que qualquer um de nós permitirá que você tenha o mesmo poder sobre outro Faucon... mesmo alguém tão jovem quanto Marcus?

— Eu estou tentando salvar meu filho e meu marido.

— Fazendo com que Darius pareça um traidor? — O capitão bufou. — Conte suas mentiras para outro.

— Osbert, Bainbridge está com meu filho. Ele ameaçou matá-lo caso não o ajudasse a capturar Darius.

As imprecações do capitão ardiavam em seus ouvidos. Ele olhou para os homens, então voltou a encará-la.

— Está tentando me enganar.

— Não. Pela vida do meu filho, juro que é verdade. — Marguerite se soltou da mão dele, correu até um engradado e pegou uma das adagas jogadas.

Os guardas de Faucon começaram a praguejar, mas Osbert os silenciou com um gesto, antes de estender a mão.

— Entregue-me isso, Lady Marguerite.

Marguerite levou a adaga à garganta.

— Prefiro morrer a viver com a culpa da morte de Marcus e Darius em minha alma.

Osbert arregalou os olhos. Os outros murmuravam entre si — alguns a encorajavam a tirar a própria vida, outros queriam ter esta oportunidade nas próprias mãos. O capitão baixou a mão.

— Se o que você diz é verdade, imagino que tenha um plano para salvar a vida de Darius.

Marguerite assentiu, ainda apontando a adaga para o pescoço.

— Não confio em você, mas não tenho escolha senão ouvir seu plano. Se trair Faucon novamente, eu a entregarei aos guardas do conde. — Osbert ergueu uma das sobrancelhas. — Eles cuidarão para que sofra bastante.

Marguerite suspirou aliviada e baixou a adaga. Tinha entendido a ameaça. Por uma razão incompreensível, o conde de Faucon criara para si uma imagem demoníaca que se estendia a seus soldados.

Conhecia bem Rhys. Se algo acontecesse a Darius, ele ficaria feliz em matá-la. Mas seria uma morte limpa e rápida.

Os soldados dele, por outro lado, não seriam tão piedosos. Ouvira histórias sobre o capitão da guarda de Faucon, que parecia ter predileção por torturas. Era um modo eficiente de conseguir informações, exceto por um detalhe: quem parava em suas mãos nunca sobrevivia.

Seu plano tinha que funcionar. Do contrário, preferia condenar sua alma tirando a própria vida a ser entregue ao capitão de Faucon.

Osbert tomou a adaga da mão dela e a jogou de volta na pilha.

— Estou esperando, Lady Marguerite. O que teremos de fazer?

— Mande um mensageiro até Rhys, rápido, antes que o conde e Bainbridge cheguem à caverna.

— Rápido? Lady Marguerite, nós já enviamos mensageiros até o conde de Faucon. O conde de York capturou um deles e tomou a carta destinada a Rhys.

— Então os outros escaparam?

Osbert deu de ombros.

— Talvez sim. Eles não voltaram para Thornson ainda.

— Ótimo. Então Rhys talvez esteja a caminho daqui. Mande alguém encontrá-lo na estrada que vai para o leste.

— Por que ele viria dessa direção?

Marguerite queria gritar; estavam perdendo tempo com aquela discussão.

— O conde não estava em Brezden? — Quando Osbert assentiu, ela continuou: — É a menos de dois dias de jornada daqui. Poderemos mandar alguém para lá, se for preciso.

— Mesmo que não esteja lá, saberão para onde o conde foi... —

Osbert refletia sobre a idéia. — Concordo com essa parte do plano.

— Ele apontou para um dos homens. — Pegue suas armas e vá.

— Espere! — Marguerite agarrou o braço de Osbert.

Meu filho. Precisa libertar meu filho primeiro. Do contrário, não poderei fazer nada para salvar Darius sem arriscar a vida de Marcus. O capitão revisou as ordens.

— Garanta a segurança do menino, então traga o conde para Thornson o mais rápido possível. — O homem saiu em disparada pelo túnel.

Osbert virou-se para ela.

— O que mais tem em mente? Marguerite engoliu em seco.

— Devem se entregar. Como Darius disse, não devem atacar o conde. Osbert fechou os olhos, meneando a cabeça.

— Ah, sim, isso me parece uma maneira lógica de salvar Lorde Darius.

Desarmado, Darius caminhou na direção de William e Bainbridge, totalmente indefeso na escuridão.

Sua segurança não tinha importância no momento. Não importava mais se viveria ou não. Na verdade, viver lhe parecia um fardo muito grande no momento.

Por quê? Por que Marguerite o traía daquela forma? Ele não representava ameaça para ninguém em Thornson. Não representava ameaça para o filho. Não provara seu valor incontáveis vezes?

Devia ter acorrentado Marguerite e todos os seus homens como traidores desde o princípio, obedecendo as ordens de seu rei.

Darius estremeceu. Era brando demais. Pensava demais. Se conseguisse sair daquela situação vivo, nunca mais cometeria esse erro. Sua vida seria muito mais simples se seguisse ordens ao pé da letra.

Ele piscou e parou quando o brilho de uma tocha alcançou seus olhos. O lugar era tão bom quanto qualquer outro para encontrar a própria morte.

— Faucon, pare! — O grito do conde ecoou nas paredes.

Darius ergueu as mãos para mostrar que estava desarmado.

Bainbridge riu ao apontar a espada para o peito de Darius.

— Eu estava certo. Faucon está aliado aos contrabandistas.

O conde afastou a espada de Bainbridge com a lâmina da sua.

— Encontrá-lo em um túnel não prova exatamente sua culpa.

— Estou certo de que descobriremos seus homens com o contrabando aqui por perto.

Darius bufou.

— Considerando que ajudou a montar toda essa mentira, tenho certeza de que encontrará o que procura.

Um sorriso maquiavélico se abriu no rosto de Bainbridge. O conde cutucou Bainbridge com a espada para que seguisse mostrando o caminho. Então olhou para Darius e meneou a cabeça. Não parecia surpreso, zangado ou satisfeito com a descoberta.

Darius franziu a testa. Havia algo errado.

Ele seguiu Bainbridge, o conde vindo logo atrás. Num sussurro que só Darius poderia ouvir, William disse:

— Entre no jogo.

Tinha mesmo ouvido isso? Tudo o que podia fazer era esperar e ver o que aconteceria.

Quando os três alcançaram a entrada da caverna, Bainbridge se colocou de lado e fez um gesto para o conde de York.

— Você primeiro, milorde. Que a surpresa seja completa.

William praguejou baixinho antes de entrar na caverna cheia de suprimentos. Darius o seguiu, mantendo o olhar nas costas do conde. Não queria ver a preocupação nos olhos de seus homens. Muito menos ver Marguerite novamente.

Impaciente, Bainbridge puxou Marguerite para perto. Darius deu um passo para o lado, querendo se distanciar da mulher que o colocara naquela situação.

— Minha querida Lady Marguerite — Bainbridge puxou algo que Darius não podia ver da algibeira em seu cinto. — Como manteve sua parte no acordo, tome sua recompensa.

Ele colocou o item na mão de Marguerite, que rapidamente o escondeu entres os dedos. Bainbridge apontou para o túnel.

— Pode ir agora.

Para surpresa de Darius, Marguerite ignorou Bainbridge e se ajoelhou diante de William.

— Milorde, eu imploro, não tire conclusões sem antes ouvir Faucon e seus homens.

William a fitou.

— Na verdade, não posso tirar conclusão alguma. Tudo o que vejo é um grupo de homens desarmados sem fazer nada.

Bainbridge correu até o engradado mais próximo e arrancou a tampa.

— Nada? Diga o que vê aqui. Espadas, adagas, machados, escudos. Tudo destinado para as tropas de Matilda.

— Ele abriu outro engradado. — Ouro, jóias, moedas. O suficiente para custear meses de batalha.

Bainbridge olhou para Marguerite.

— Você deve sair desse lugar imediatamente, do contrário algo poderá acontecer a seu filho...

Antes que Bainbridge pudesse terminar de falar, Darius já havia agarrado o homem pela túnica.

— Toque em um só fio de cabelo do menino e eu o encontrarei no inferno.

Os guardas de Faucon insurgiram imediatamente, as imprecações preenchendo o silêncio da caverna.

— Faucon, contenha seus homens — William gritou.

Bainbridge empurrou Darius e puxou a espada numa tardia tentativa de defesa.

Darius ergueu a mão para silenciar os soldados. Antes que os dois se atacassem novamente, William se colocou entre Darius e Bainbridge.

— Exijo retratação! — A saliva voava da boca de Bainbridge ao gritar. — Que ele seja entregue depressa ao criador.

— Não! — Marguerite agarrou o braço do conde. — Não, milorde, por favor, não é culpa dele.

O conde olhava de um para outro. Se Darius já não soubesse que William planejava algo, teria acreditado que ele não sabia o que fazer.

Antes que qualquer decisão fosse tomada, o som de um grupo de homens se aproximando pelo túnel chamou a atenção de todos.

— Lorde Faucon, os homens estão prontos para carregar os barcos — Everett gritou antes de entrar na caverna.

Darius gemeu. Bainbridge tinha pensado em tudo. Marguerite largou o braço do conde, atônita.

— O que está fazendo? — Ela encarou Bainbridge. — O que você fez? Bainbridge deu de ombros.

— Milady, do que me acusa? Só quis garantir que o conde William visse a que nível Faucon desceu.

William suspirou.

— Faucon, não tenho outra escolha senão prendê-lo até que o rei saiba do ocorrido.

— Não! — Bainbridge meneou a cabeça. — Não. Não precisa esperar ordens do rei. O homem foi pego em contrabando. Deve pagar por sua traição com a vida, imediatamente.

— Acho que eu dou as ordens aqui. — O conde se aproximou de Bainbridge. — Farei as coisas do meu modo. Não ordenarei a morte de um Faucon sem o conhecimento do rei.

Darius ficou aliviado, mas se perguntava por que William decidira deixar tudo nas mãos do rei. Era uma tática que raramente empregava.

O rosto de Bainbridge ficou vermelho.

— Então exijo que ele fique confinado.

William assentiu.

— Sim, concordo. — Ele se dirigiu a Darius. — De fato, acho que é hora de voltarmos para a fortaleza.

— Não, espere! — Marguerite os deteve. — Não vê que é tudo arranjado? Faucon veio deter os contrabandistas, não ajudá-los. Com meu filho sendo ameaçado, meu dever era mantê-lo ocupado nessa caverna para que fossem pegos por vocês.

— Ela mente. Não precisei fazer ameaças para ganhar a cooperação dela.

Marguerite encarou Darius.

— Não é verdade. Marcus estará preso até o homem que Osbert enviou conseguir salvá-lo. Eu nunca colocaria sua vida em perigo se Bainbridge não tivesse ameaçado meu filho.

Darius não sabia em quem acreditar. Por que ela não contou que o filho estava sob ameaça? Por que preferira mentir? Marguerite apontou para Bainbridge.

— Esse homem não diria a verdade nem mesmo sob ameaça de morte. — Então ela se dirigiu a Everett. — Contudo, Sir Everett sempre foi um covarde. Basta torcer-lhe o braço para que ele conte tudo.

— Lady Marguerite, basta. Podemos continuar com isso no conforto da fortaleza? — Mas...

William a agarrou pelo braço e começou a empurrá-la para que andasse.

— Ande. Estou com frio e sedento por um bom vinho. — Então disse por cima do ombro: — Sir Osbert, dispense seus homens e escolte seu lorde para a fortaleza.

— Milorde, eu mesmo posso levar Faucon.

William riu.

— Eu quero que os dois cheguem vivos à fortaleza, Bainbridge. Você pode escoltar Sir Everett até o salão principal. Ele também

será confinado.

Os gritos de inocência de Everett puderam ser ouvidos durante todo o caminho de volta até Thornson.

Quando eles surgiram na cozinha e saíram para o pátio, Bertha apareceu gritando:

— Lady Marguerite, você está a salvo!

— E por que não estaria?

A aia olhou com nervosismo para Bainbridge.

— Disseram que você tinha sido capturada e que Bainbridge precisava do anel de Faucon para trazê-la em segurança.

Marguerite gemeu.

— Onde está Marcus? A aia apontou para os estábulos, onde o menino brincava animadamente.

Bainbridge refutou a acusação feita anteriormente.

— E você disse para esses homens que o menino era meu refém. Quem está mentindo aqui, milady?

Darius mal ouviu os gritos de Marguerite enquanto era guiado para a cela, para longe de suas mentiras.

Capítulo Dezoito

Marguerite andava de um lado a outro no quarto. Nem mesmo a essência de lavanda nas ervas secas sobre as quais pisava a acalmava.

Se tivesse ficado quieta, Darius e seus homens não saberiam que Bainbridge a iludira com um monte de mentiras. Ele nem mesmo tinha capturado seu filho. Agora, até Sir Osbert duvidava dela.

Bertha entrou no quarto, interrompendo as reflexões de Marguerite.

— Para onde levaram Darius? Quem está de guarda? O que fizeram com os soldados dele? — Marguerite sentou-se aflita no banco acolchoado da recâmara.

— Lorde Darius está na cela da torre. Um soldado de Faucon e um de York estão de guarda. Os outros homens de Faucon foram proibidos de entrar na fortaleza.

O coração de Marguerite se tranqüilizou um pouco ao saber que Darius não estava sendo vigiado por ninguém que ameaçasse matá-lo durante a noite.

— Será que eu poderei vê-lo?

— Não sem minha permissão. — O conde entrara no cômodo sem que elas ouvissem.

— Milorde, perdoe-me. — Marguerite levantou. — Não ouvi sua chegada.

— Não é preciso se desculpar. Está preocupada com seu bem-estar e...

— Meu bem-estar? — A pergunta histórica de Marguerite o interrompeu. — É o bem-estar de Darius que me preocupa.

— Isso me surpreende, depois de traí-lo desse modo.

— Nunca foi minha intenção traí-lo. — Marguerite retorcia o vestido enquanto recomeçava a andar de um lado a outro. — Só pensei em salvar meu filho e ajudar meus homens.

— Deveria se explicar melhor, pois não entendo sua lógica.

— Milady. — Bertha fez uma mesura antes de rumar para a porta.

Quando a aia saiu, os pensamentos tumultuaram a mente de Marguerite. O que deveria revelar ao conde? Como se pudesse ler seus pensamentos, o conde a segurou pelo braço e a guiou até o banco.

— Sente-se. Apenas me diga o que aconteceu.

O conde sentou ao lado dela, segurando-lhe uma das mãos.

— Lady Marguerite, sei que pensa que Darius e eu somos inimigos. Mas isso não é verdade.

— Oh, sim, a amizade entre vocês é aparente.

— Certo, não temos grande amor um pelo outro e, para ser honesto, isso é minha culpa. Sempre achei divertido perturbar o caçula dos Faucon. Mas tenho certeza de que ele é tão leal ao rei quanto eu.

Agora Marguerite parecia ainda mais confusa.

— Então por que Darius está trancado em uma cela?

— Quero deter uma grande ameaça.

— Bainbridge.

— Sim.

— Então por que ele não está confinado? Por que ainda não foi acusado de traição?

— Não o pegamos em flagrante, pegamos? Parece que Darius estava em situação mais suspeita.

— Darius estava tentando deter Bainbridge.

— É o que ele diz. No momento, é a palavra dele contra a de Bainbridge.

— No momento?

O conde suspirou, parecendo tão impaciente quanto ela.

— Bainbridge irá agir, mais cedo ou mais tarde. Ele pensa que sou um grande tolo sedento por poder e ouro, que pode ser facilmente manipulado. Eu deixei que ele me convencesse a permitir que os soldados de Thornson guardassem a caverna.

— Você o quê?

Ele apertou a mão dela, rindo.

— Ele está ansioso para colocar as mãos naqueles itens e enviá-los para o norte.

— E você permitirá?

— Não exatamente. Contudo, quero que Bainbridge pense que confio nele. Quando se sentir seguro, vai chamar os barcos para carregar o contrabando. — William riu novamente, com um brilho nos olhos. — Mas os homens que estarão nos barcos serão de York, Faucon e do rei Stephen.

O coração de Marguerite disparou de preocupação.

— Se Bainbridge suspeitar disso, todos morrerão.

— Sabemos disso. Desde que Darius continue preso e eu siga fingindo suspeitar dele, Bainbridge ficará satisfeito.

— Darius sabe disso? — Não.

Marguerite se livrou da mão do conde.

— Mas deve. Eu contarei a ele.

— Por quê? Acha que ele a perdoará?

Marguerite olhou para o chão.

— Preciso tentar.

— Lady Marguerite, o que fez foi errado. Mesmo que eu entenda que você estava tentando ajudar, perdeu a confiança do homem que a amava.

Marguerite encarava o conde, incapaz de colocar em palavras o que passava por sua mente.

— No momento, Darius quer se ver livre de você. Eu mesmo ouvi o pedido e tenho toda a intenção de ignorá-lo... por enquanto.

O coração de Marguerite se contorceu de dor.

— E Marwood? Milorde, não posso deixar Darius dessa maneira e ir para a cama de outro homem.

— Marwood? — A pergunta ficou no ar, como se o conde não entendesse o que ela perguntava. Por fim, a confusão no rosto dele se desfez.

— Não se preocupe com Marwood. Eu só estava atormentando Faucon. Ele não sabe ainda, mas a verdadeira missão dele era casar com você para que pudesse criar o próprio filho.

Marguerite ficou atônita. Piscou rapidamente, imaginando o que dizer, como reagir.

O conde resolveu seu dilema.

— O rei sabe há anos que Darius é pai do jovem Marcus.

Marguerite meneou a cabeça lentamente. Como ele podia saber disso? Ela e Henry sempre mantiveram isso em segredo.

— Sim, milady. Ele sabe. E ficou muito satisfeito em honrar o pedido que lhe foi feito. Se Darius ainda estivesse solteiro quando Lorde Thornson morresse, sua mão deveria ser oferecida a Darius.

— Como? Quem faria um pedido desses?

— Henry Thornson.

— O quê?

— Lady Marguerite, os documentos estão comigo. A carta de Henry, as ordens do rei e a declaração de um clérigo que visitou Henry imediatamente após o pedido ter sido feito. O clérigo confirmou que seu filho era um Faucon. Depois de eu mesmo ver o menino, creio que o clérigo não teve dificuldade em tirar conclusões.

— O único clérigo que visitou Thornson foi o que realizou o batismo de Marcus. Como ele poderia saber como o bebê ficaria quando crescesse? .

O conde apertou o ombro dela.

— A pedido de Henry, o clérigo veio de Faucon.

Marguerite levantou, mas o chão parecia oscilar sob seus pés. Teve de se apoiar no conde.

— Por que ele faria uma coisa dessas?

— Pela carta, imagino que se importava muito com você. Quis garantir sua felicidade caso algo acontecesse a ele.

— Minha felicidade...

— Um tesouro que talvez você tenha desperdiçado...

Marguerite se afastou do conde.

— Preciso ver Darius.

— Não. — William a segurou pelo braço com gentileza. — O conde Rhys já está chegando a Thornson. Depois que nós conversarmos com Darius, permitirei que o veja.

— Sozinha?

— Não. Sinto muito, milady, mas ele nem mesmo deseja vê-la. Não permitirei que fique lá sozinha.

Marguerite gemeu.

— Dê-lhe um pouco mais de tempo, Marguerite.

— Tempo? Ele já disse que não me quer mais. Eu não tenho tempo.

— Não posso conceder a anulação do casamento se você não a pedir. Garanto que o rei concordaria comigo. E Darius não poderá se dirigir à Igreja sem obter a sanção do rei.

As pernas dela tremiam. Marguerite sentia-se prestes a vomitar, mas conseguiu se conter.

— Eu nunca pedirei a anulação.

— Então não tem motivos para se preocupar, não é mesmo? — William disse antes de sair. — Ele só precisava de um pouco de tempo para colocar a mente em ordem.

Tempo. Quanto tempo Darius precisaria para aceitar o fato de que a esposa o traía?

Podia culpar o conde. Afinal, se ele tivesse contado que estava preparando uma armadilha para Bainbridge, nada disso teria acontecido.

Mas não fora o conde que a forçara a obedecer Bainbridge.

Tempo. Que os céus permitissem que o tempo passasse rápido — antes que o coração dela se despedaçasse completamente.

Darius já tinha passado uma noite naquela cela. Era só esperar mais uma para que finalmente pudesse ir embora de Thornson. Todos os argumentos que Rhys e o conde tinham usado não mudavam os fatos: Marguerite não confiava nele, por isso mentira.

Sim, já sabia da história. William e Rhys o obrigaram a ouvir tudo. Não fazia diferença.

Mesmo que eles tentassem convencê-lo a falar com Marguerite, Darius continuava a se recusar. Não tanto porque estivesse zangado, mas porque não acreditava que ela não fosse usar seus sentimentos contra ele mesmo. Afinal, Marguerite contara com o amor dele para perdoá-la de qualquer coisa, mesmo traição.

Mas ela estava enganada. Darius não a perdoaria. Não, não seria tão fraco novamente quando o assunto fosse Marguerite. De certo modo, toda aquela situação era cômica. Anos atrás, perdera Marguerite para Thornson, e agora, de acordo com o conde, Thornson a devolvia.

O punho de uma espada batendo na porta da cela interrompeu seus pensamentos.

— Entre.

Virando, irritou-se com o ar circunspecto do irmão. Por que Rhys sempre precisava estudá-lo com tanto cuidado antes de falar?

Com a morte do pai, Rhys tinha pedido para que voltasse para casa. Então por que o tratava feito um estranho?

— No que está pensando, Darius?

Darius se sentou no catre, meneando a cabeça.

— Só me diga uma coisa, Rhys. Se Gareth estivesse em meu lugar, o que teria feito?

— Provavelmente teria lhe dado uma surra antes de dizer o quanto é idiota.

Rhys deu um meio-sorriso, mas franziu a testa ao dizer:

— Por que pergunta?

Essa era a essência de seu problema com Rhys.

— Teria feito o mesmo comigo há seis anos. O que há de diferente agora?

— Você — Rhys respondeu. — Você deixou Faucon como um rapaz zangado e ferido e voltou como um homem quieto e fechado. Como quer que eu o trate? Como um garoto ou como um homem?

— Só quero que me trate como seu irmão. Não posso mudar o que aconteceu quando...

— Não. Está enganado. — Rhys se aproximou. — Será que não vê? Você pode. Tudo que lhe foi tomado está diante de você, basta esticar a mão e pegar.

— Se está falando de minha esposa, veja onde terminei. — Ele abriu os braços para abarcar a cela.

— Isso, condene-a por querer salvar o filho.

— Ele não corria perigo.

Rhys olhou rapidamente para o teto.

— Ela não sabia. Está punindo Marguerite injustamente.

— Punindo? — Uma névoa vermelha parecia turvar sua visão. Ele pulou do colchão e empurrou Rhys ao se encaminhar para a janela estreita. — Oh, sim, estou punindo Marguerite.

Rhys o puxou pelo braço.

— Sim, está. Ela explicou tudo para mim e William. Sim, ela errou. Mas foi porque teve medo. Ela não é um homem, Darius. Não enfrenta mentiras e traições todos os dias, como nós. Enquanto somos treinados para a batalha, as mulheres aprendem a manter a família a salvo a qualquer custo. E não há vergonha alguma nisso.

— Caso tenha esquecido, já ouvi isso antes. Agora, me deixe em paz. — Darius tentou se soltar, inutilmente. — Rhys, estou avisando.

— Fale o quanto quiser, irmãozinho. — Rhys o encarava com os olhos faiscando. — Não o soltarei até ouvir o que lhe dizem.

Sem pensar, Darius desferiu um soco no queixo do irmão.

Rhys cambaleou um pouco, então riu.

— Nada mal. Quer tentar novamente?

A porta da cela se abriu e William se colocou entre os dois.

— Parem. O que deu em vocês?

— Meu irmãozinho está implorando pôr uma boa surra.

O conde meneou a cabeça.

— Talvez, mas não vai recebê-la de você.

— Então de quem? — Darius bufou antes de encarar William. — Acha que é homem suficiente para tentar?

— Pelo amor de Deus! — Sir Osbert exclamou da porta, puxando a espada e batendo-a contra a parede. — Garotos, parem!

Todos os três se viraram para ele. Osbert fez um leve cumprimento com a cabeça e saiu, fechando a porta. William primeiro recuperou a compostura.

— A refeição nos espera lá embaixo. Quero que vocês dois me acompanhem. Precisamos discutir as atividades desta noite.

Darius precisava perguntar:

— Ela estará lá?

Rhys e William se entreolharam. Por fim, Rhys respondeu:

— Sim. Essa é a fortaleza dela.

— Queria saber com antecedência, só isso. E quanto a Bainbridge e Everett?

— Mandei os dois para a aldeia esta noite. — William revirou os olhos. — Ordenei que vigiassem os passos dos homens por lá.

— Espero que tirem vantagem da situação. — Na verdade, Darius rezava para que eles escolhessem aquela noite para agir. Do contrário, permaneceria em Thornson por mais tempo que o esperado.

Rhys assegurou:

— Oh, eles irão. São ambiciosos demais para desperdiçar a chance.

— Ótimo. — William rumou para a porta — Poderemos finalizar os planos enquanto comemos. Pela manhã, tudo estará terminando.

Darius esperou que William e Rhys saíssem para dizer:

— Que os céus o ouçam, milorde.

Capítulo Dezenove

O coração de Marguerite batia rápido. A camisa, a cota de malha e a túnica de lã não impediam que a umidade do túnel alcançasse sua pele, fazendo-a ter calafrios.

Um pontinho de luz quebrou a escuridão — uma tocha brilhava a distância. Marguerite respirou fundo e se escondeu na estreita fenda atrás dela.

Aguardou em silêncio pelos homens que se aproximavam. Por fim, um deles veio na direção dela, a tocha erguida.

— Lady Marguerite? — O sussurro de Sir Osbert parecia reverberar feito um grito na quietude do túnel.

Ela ficou aliviada em sair para a luz.

— Está pronta? — Sim.

Osbert fez um gesto para que os homens atrás dele se aproximassem.

— Depois de você, milady.

Marguerite os guiou por um corredor pouco usado, que ligava o túnel à caverna.

A longa cota de Henry batia em seus tornozelos. Se não fosse pelos cortes laterais, nem conseguiria andar.

Darius cuidara da limpeza da armadura. Livres da ferrugem, os elos se mexiam com facilidade. Osbert lhe trouxera a cota, sob as ordens de seu lorde. Se não usasse aquela proteção, teria de ficar na fortaleza com Rhys e o conde.

Mesmo ressentida pela maneira como Darius estava conduzindo a situação, ao menos fora incluídas nos planos.

Darius e seus soldados se agacharam nos barcos. Enquanto Rhys e William planejavam o ataque, tomara suas próprias providências.

Estar de posse dos mapas de Marguerite era um trunfo que não podia ignorar. Enquanto todos pensavam que ele estava na torre, conseguira escapar para encontrar-se com Osbert.

Por mais que Rhys quisesse ajudá-lo no cumprimento daquela missão, ele mesmo queria acabar com Bainbridge e Everett. Com a

cooperação de Marguerite, conseguiria isso com o mínimo de mortes.

— Lá está, milorde. — Um dos remadores apontou para os rochedos que se sobressaíam perto da praia.

Como esperado, alguém sinalizava para os barcos com uma tocha.

Marguerite ergueu a mão, fazendo com que a fila de homens atrás dela parasse. Então apagou a tocha no chão.

Não precisava de luz para saber que os homens de Thornson se aproximavam pelo túnel principal. Podia ouvir os passos e as vozes.

Silenciosamente, agradeceu a Henry por manter aquela passagem em segredo de todos os outros. Da passagem principal, veriam nada mais que uma rachadura estreita.

Dali, Marguerite observou o último homem entrar na caverna.

A essa altura, Darius e outros já deviam ter recebido o sinal para se aproximar da praia. Quando desembarcassem, os soldados de Rhys sairiam do esconderijo nos penhascos para se juntar a Darius. Logo, os homens pararam de tagarelar e começaram a mover os engradados e sacos que seriam levados para a praia.

Saindo do túnel menor, Marguerite caminhou em silêncio. Uma rápida olhada por cima do ombro certificou que Osbert e os outros estavam prontos para agir.

Marguerite entrou na caverna, gritando:— Parem! Rendam-se e viverão.

Então ela permitiu a passagem dos homens de Darius. Para seu alívio, todos os aldeões baixaram suas rústicas armas e recuaram contra a parede da caverna. Alguns poucos guardas de Thornson também preferiram a rendição e seguiram o exemplo dos aldeões.

— De joelhos.

Assim, se mudassem de idéia, teriam dificuldade em levantar por causa do peso da cota.

Osbert e os soldados liquidaram rapidamente os homens restantes.

Marguerite se voltou para os aldeões. Seu olhar severo fez com que todos olhassem para o chão.

Um deles deu um passo à frente, segurando o chapéu nas mãos.

— Milady, peço desculpas por nossos atos.

Marguerite fixou o olhar em cada um deles.

— Preferem continuar trabalhando como homens honestos aqui em Thornson ou querem seguir outra vida? Darei livre passagem para todos que desejarem servir ao rei David.

Os olhos deles se arregalaram. Então, um por um, com o chapéu na mão, pediu para ficar.

Marguerite suspirou aliviada. Que eles pensassem que ela ainda estava considerando a permanência deles. Apontando para o túnel, mandou que fossem embora.

Então se voltou para os guardas rebeldes. Osbert tinha terminado de amarrar o último deles.

— Darius de Faucon é o senhor agora. Estão cientes do fato desde meu casamento. Continuarão vivos, mas serão enviados para o norte.

Para surpresa dela, nenhum deles tentou argumentar.

Continuaram olhando para o chão. Então um deles caiu de joelhos.

— Milady, perdoe-me. Ficaria honrado de continuar a servi-la.

Era isso o que ela havia esperado dos outros.

— Terá que discutir isso com Darius. — Como ele parecesse assustado, ela acrescentou: — Intercederei por você. Mas se me desapontar, eu mesma lhe arrancarei a cabeça.

Osbert destacou um de seus soldados para vigiar os prisioneiros. Então apontou para o túnel que os levaria à praia.

— Está pronta, milady?

Marguerite deixou escapar um suspiro.

— Sim.

Osbert a seguiu, dizendo:

— Fez um bom trabalho.

Da praia, Everett gritava para os remadores:

— Sejam mais rápidos. Coloquem força nisso.

Os lábios de Darius se curvaram num sorriso zombeteiro ao puxar sobre a cabeça o capuz do manto que vestia.

Quando a embarcação alcançou águas rasas, Darius se juntou aos homens que a puxavam para a praia.

Enfim, Everett ergueu a mão para um vulto que se aproximava. O sorriso se alargou no rosto de Darius. Sua mão coçava por puxar a espada da bainha. Tudo o que mais queria era transpassar o coração de Bainbridge e pôr um fim em tudo. Mas, respirando fundo, Darius continuou aguardando.

Bainbridge examinava os barcos enquanto se aproximava de Everett. Cerca de vinte homens o acompanhavam.

Bainbridge olhou para a boca da caverna.

— Os suprimentos já deveriam estar vindo. — Ele indicou a caverna com a cabeça. — Everett, cuide para que os homens não percam mais tempo.

Everett desapareceu na caverna, mas logo surgiu correndo, como se o próprio Satã estivesse em seu encalço.

— Lorde Bainbridge! Fomos traídos!

Darius arrancou a capa e puxou a espada, apontando-a no ar e gritando:

— Por Faucon!

Seus homens, já na praia, tiraram o disfarce e ergueram as armas.

Os homens de Rhys e William, escondidos nas sombras dos penhascos, vieram correndo, armas em punho.

Osbert, Marguerite e os outros saíram da caverna. Darius se juntou a eles.

Enquanto seus subordinados lutavam junto aos penhascos, Bainbridge procurava uma maneira de fugir. Darius riu quando ele correu na direção de um dos barcos. Esse era o plano: forçar o inimigo a procurar os barcos, onde os soldados do conde esperavam.

Darius sabia que Bainbridge não tinha como escapar, então atentou para o idiota que vinha correndo em sua direção, sedento por sangue. A lâmina de Darius logo o liquidou.

Perto dali, Marguerite gritou:

— Quero uma espada.

Sem pensar, Darius tirou a espada do homem morto e a jogou. Ficou surpreso quando Marguerite a pegou no ar, girou e acertou as costas de um homem que tentava matar Osbert.

Darius piscou. Thornson tinha sido um bom professor. A luta na praia foi breve. Em poucos instantes, os traidores tinham sido subjugados. Acorrentados e presos em fileira, seriam entregues aos cuidados de William e Rhys.

Um grito vindo dos barcos chamou-lhe a atenção. Ao que parecia, Bainbridge não deseja mostrar qualquer dignidade ao enfrentar seu destino.

Acelerando o passo, Darius alcançou os homens que iluminavam os barcos com suas tochas. Everett estava caído com o rosto no chão, uma adaga cravada nas costas. O rei não ficaria nada satisfeito com isso.

Bainbridge estava de joelhos diante de Marguerite, que apoiava a espada na garganta dele.

— Você destruiu meu casamento.

— Precisei matá-lo. Ele tinha tudo o que eu desejava. O tempo dele já havia terminado, era minha vez de ficar no comando.

Marguerite ficou paralisada. Matar quem... Oh, não, não Henry Thornson.

No instante em que Marguerite arregalou os olhos por compreender o que ele dizia, Darius se lançou sobre ela, impedindo-a de cortar a cabeça de Bainbridge.

— Maldito, solte-me. Eu o matarei.

Darius arrancou a espada das mãos dela.

— Não posso deixar que faça isso.

— Saia de cima de mim. — Ela tentava empurrá-lo, mas a longa cota de malha atrapalhava seus movimentos.

Darius se sentou por cima dela, prendendo-lhe os pulsos e pernas.

— Não pode matá-lo. Deixe que o rei cuide dele.

— Ele matou Henry! Darius se encolheu com o grito.

— Eu sei. Eu ouvi. Prometo que ele vai pagar.— Pagar? Eu quero matá-lo com minhas próprias mãos.

Olhando por cima do ombro, Darius gritou para Osbert:— Entregue esse traste a William. Agora!

— E Everett, milorde?

— Se esse idiota estiver vivo, leve-o também. Se estiver morto, deixe que o mar o leve.

— Eu o odeio! — Marguerite gritava para Darius. — A vingança deveria ser minha.

Darius esperou a atividade cessar ao seu redor antes de olhar para Marguerite. Ignorou as lágrimas e os lábios trêmulos.

— Sei que me odeia. Deixou isso bem claro, não foi?

Ela tentava libertar os pulsos.

— Solte-me. Vá embora daqui. Deixe-me em paz.

— Assim que chegarmos a Thornson, sairei de sua vida.

Marguerite parou de lutar.

— Darius...O sussurro parecia dilacerar o coração de Darius.

— Darius, abrace-me antes de partir.

Por que aquela vontade insana de rir? Se a abraçasse, conseguiria partir? Ele desviou o olhar para as ondas que atingiam a praia.

— Só quero ter algo para lembrar.

Ele fechou os olhos.

— Você tem Marcus. É a única coisa boa que aconteceu entre nós... nosso filho. Sempre que o olhar, você se lembrará, Marguerite.

— Darius, não vá. Fique e ajude-me a criá-lo.

— Não posso. — Ele soltou os pulsos dela. — Sempre que você falar, imaginarei que está mentindo. Vou suspeitar de cada palavra que sair de sua boca.

— Então nunca mais falarei nada.

O comentário era tão ridículo que ele sorriu.

— Ah, sim, isso só duraria um minuto ou dois.

Ele levantou e a ajudou a fazer o mesmo. Marguerite parecia resignada com sua partida.

Enquanto cruzavam a praia, ela perguntou:— Precisa ir tão depressa?

Darius engoliu o nó na garganta.

— Sim.

— O que direi a Marcus... — Sua voz morreu.

— Diga que voltei para casa.

— Ele ficará de coração partido, Darius.

— Então teremos algo em comum,

— Leve-o com você.

Darius quase tropeçou na areia.

— O quê?

— Leve Marcus com você. Leve-o desse lugar, para longe da lembrança de Thornson. Eu imploro, Darius, leve-o para um lugar seguro, longe dessa batalha entre Stephen e Matilda.

Darius odiava admitir, mas Marguerite tinha razão. Contudo, mesmo estando zangado com o que acontecera entre eles, não podia imaginar algo mais desolador para Marguerite.

— Ficaria perdida sem seu filho.

— Ele me deixará um dia. Terá de servir como pajem do senhor que você escolher. Que diferença faz perdê-lo agora ou dentro de alguns anos?

— Marguerite.

— Darius, dê-lhe a chance de conhecer o pai e a família antes que o mundo o torne um homem.

— Não tenho homens suficientes comigo para escoltar uma criança.

— Então deixe que Rhys o leve para casa.

Darius tocou o rosto de Marguerite, que se apoiou em sua mão.

— Rhys ficará em Thornson mais alguns dias. Se até lá mudar de idéia, Marguerite, eu entenderei.

— Não mudarei de idéia. Darius a beijou na testa.

— Eu sempre cuidarei dele.

— Claro que sim. A mãe dele o matará se não o fizer.

Darius deu um passo para trás.

— Não esperaria nada menos.

Seguiram a cavalo para Thornson, em silêncio.

Uma vez nos estábulos, Darius a ajudou a desmontar. Manteve-a nos braços, sem querer partir, mas também não podendo ficar.

— Darius, não torne isso mais difícil. Vá logo.

— Sinto muito, Marguerite.

Ela não tentou esconder as lágrimas.

— Oh, meu amor, eu também. Eu também.

Capítulo Vinte

Falcongate
Início do outono, 1142

Darius jogou uma pedra no riacho que corria junto ao grande carvalho onde descansava.

Sorriu das gargalhadas de Marcus e Osbert, que ensinava ao menino a maneira certa de montar um cavalo. Não qualquer cavalo, mas o corcel do próprio Darius.

Agradecia a Deus todos os dias pela oportunidade de ter seu filho ali em Falcongate. E sempre pedia para que Marguerite estivesse em paz com sua decisão.

— O dia não está sendo muito árduo para você, está?

Darius ergueu os olhos para Rhys.

— Não mesmo. — Ele esticou os braços antes de cruzá-los sobre o peito. — O ócio me cai muito bem.

Ambos sabiam que isso era uma piada. Andavam tão ocupados fazendo reparos na propriedade antes que o inverno chegasse que caíam exaustos na cama todas as noites.

Mas Darius tinha se recusado a fazer qualquer coisa naquele dia. Para sua surpresa, Rhys concordara.

— Será que poderia me fazer um favor?

Darius desviou o rosto.

— Não estou trabalhando hoje.

— Não é nada tão pesado. Duas cabanas ainda precisam ser inspecionadas antes de decidirmos quais serão demolidas.

Darius suspirou. Sabia que Rhys lhe pedia para fazer a inspeção porque Lyonesse, sua esposa, estava tendo enjôos por estar esperando um filho. Compreendia a preocupação de Rhys.

Darius levantou.

— Eu irei. Fique cuidando de sua esposa e vigie Marcus até eu voltar. — Acenou para que Osbert e Marcus se aproximassem com o corcel. — Quais cabanas faltam?

— As duas a leste da cabana do falcoeiro.

Darius olhou para Osbert e Marcus, que pararam a pouca distância.

— Vou inspecionar algumas cabanas. Vocês dois fiquem perto do conde. Devo voltar ao anoitecer.

Marcus, pendurado no colo de Osbert, perguntou:

— Posso brincar com minha espada?

Rhys riu e bagunçou os cabelos do menino.

— Claro que pode. Aposto que os outros garotos ficarão felizes em desafiar um espadachim tão bom quanto você.

Darius meneou a cabeça.

— Divirta-se, mas não tente machucar ninguém com aquela sua arma. — Marcus ainda era pequeno demais para causar dano com uma espada de madeira, mas não seria assim por muito tempo.

Darius estava parado sobre seu corcel em uma colina, olhando para a última cabana. Seu coração parecia flutuar com as memórias.

Um pequeno braseiro iluminava a cabana de caça. Eles mesmos forneceriam o próprio calor ao diminuto cômodo.

A pele dela era suave e macia. Ele acariciou os braços desnudos, deleitando-se por saber que ela lhe pertencia. Ela estremecia a seu toque, e aquele nervosismo o fazia sentir-se audaz e protetor ao mesmo tempo.

Essa separação doía ainda mais que a primeira. Semanas tinham se passado e não havia um dia em que não desejasse não ter sido tão orgulhoso. Rhys voltara para Faucon uma semana depois dele, trazendo Marcus. Por um instante, Darius desejou que Marguerite tivesse sido corajosa o bastante para acompanhá-los. Mas não o fizera.

Como poderia culpá-la? Precisava voltar a Thornson, mas o inverno estava chegando e não podia arriscar o filho numa viagem tão penosa.

Teria de esperar até o começo da primavera. Então, traria sua esposa para casa. Não importava o que tivesse que fazer, Marguerite voltaria com ele para casa.

Anos atrás, apaixonara-se por uma menina. Ao reencontrá-la, descobrira uma mulher madura e segura de seus desejos, não mais a garota de suas lembranças.

Foi preciso deixá-la para entender quanto almejava a mulher que Marguerite era agora. Mas teria de enfrentar um longo inverno antes que pudesse consertar tudo entre eles.

Darius foi descendo lentamente a colina. Uma fina coluna de fumaça escapava pela janela. Darius desmontou e amarrou o cavalo a uma árvore. Caminhando ao redor da cabana, notou que estava em boas condições. Ficaria feliz por não ter de derrubar o lugar.

Bateu na porta.

Ninguém respondeu. Darius bateu novamente. Nenhuma resposta. Andou até a estreita janela e olhou para dentro. Um pequeno braseiro estava aceso, mas não havia sinal de alguém por ali.

Que imbecil sairia deixando o braseiro aceso? Decidido, Darius voltou e abriu a porta.

O calor do braseiro não era nada comparado ao incêndio provocado pela cena diante dele.

Marguerite estava ajoelhada no chão sujo, vestindo apenas uma fina roupa íntima, o olhar atormentado, cheio de dor.

Darius caiu de joelhos diante dela, temendo tocá-la.

— Marguerite.

Ela estendeu os braços. Em suas mãos, uma adaga incrustada de pedras.

— Prefiro morrer a continuar vivendo sem você.

Darius jogou a arma longe e a puxou brutalmente para seus braços.

— Então viva comigo. Marguerite o abraçava com força.

— Eu sinto muito, Darius. Por favor, por favor, perdoe-me. Eu o amo, eu o amo desde criança, quando planejávamos nosso futuro nessa mesma cabana. Eu juro nunca mentir para você novamente.

Darius sentiu vergonha pelo que tinha feito. Segurou o rosto de Marguerite entre as mãos, cada lágrima fazendo com que ele se desprezasse ainda mais.

— Marguerite, não tenho nada a perdoar. Eu estava errado. Estava zangado e magoado demais.

— Eu menti. Eu o traí.

— Para salvar nosso filho. — As palavras de Rhys ecoavam em sua mente. — Fez o que qualquer mãe faria. Eu não entendi isso na época, mas agora sim. Você arriscou tudo para salvar nosso filho. — Darius a puxou de encontro ao peito. — E sofreu por coisas que não merecia. Sou eu quem implora perdão, Marguerite. Pedirei perdão todos os dias de nossas vidas se continuar ao meu lado.

O riso de Marguerite vibrou no peito de Darius.

— Eu nunca o deixarei, Darius. Podemos passar o resto de nossas vidas procurando por perdão.

Ele afagava as costas dela.

— Ou podemos passar o resto de nossos dias declarando nosso amor.

Marguerite se afastou um pouco.

— Gosto mais desta opção.

Um sorriso brincava nos lábios dela, a dor desaparecera de seus olhos.

O ar frio arrepiou a pele de Darius, que tirava as próprias roupas com a ajuda de Marguerite. Ambos se enfiaram debaixo das cobertas, braços e pernas entrelaçados.

Marguerite sussurrou:

— Nossa última vez nessa cama não foi muito agradável.

— Mas todos aqueles anos nos trouxeram de volta para o lugar onde tudo começou, meu amor.

— Não sou mais aquela menina, Darius. Você também não é mais aquele garoto. E se...Darius rolou para cima dela, os olhos fixos nos de Marguerite.

— Você é a mulher que dá propósito à minha vida. Eu a amo acima de qualquer coisa.

As muitas semanas de ausência alimentaram a ferocidade do beijo. Darius gemeu ao sentir unhas lhe arranhando as costas.

Ele acariciou e beijou todo o corpo de Marguerite até fazê-la gritar de ansiedade. Ela também se deleitava com o poder que

tinha sobre ele, acariciando e beijando Darius até sua ânsia se rivalizar à dela.

Quando Darius rolou novamente sobre a cama, Marguerite apoiou a cabeça no peito dele, os dedos fazendo desenhos sobre seus músculos.

— Como está Marcus?

— Está bem. Sente sua falta. — Darius?— Hum? — Ele lutava para manter os olhos abertos.

— Gostou de ter Marcus por perto? A pergunta afastou seu sono.

— Sim. Por quê?

Marguerite puxou a mão dele, colocando-a sobre seu ventre.

— Ele logo terá um irmão ou uma irmã. Só queria saber se você ficaria satisfeito com a notícia.

Darius se deitou de lado, os olhos fixos nela. Sentia um nó na garganta, não conseguia falar.

— Satisfeito?

— Meu amor, estou imensamente feliz.

Marguerite sorriu.

— Ótimo. Porque não serei exatamente a mais racional das pessoas nos próximos meses.

— Eu a aceitarei do jeito que for... Sempre. — Darius a beijou na testa.

— Marguerite, você é tudo o que sempre sonhei.

Ela o beijou no queixo.

— Darius, você é tudo o que sempre desejei,

— Meu amor — ele sussurrou antes de puxá-la para si novamente.

Marguerite se aconchegou em seus braços, sussurrando: — Minha vida.

FIM

Table of Contents

[A escolha do amor](#)

[PRÓLOGO](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)